

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

**EDUCAR:
A MISSÃO DE **CATIVAR** PARA
LIBERTAR**

Maria Leonor de Magalhães Mexia de Brito e Faro

Orientadores: Doutora Ana Luísa Oliveira Ferreira

Doutor João Carlos Faria Lopes Gouveia

Relatório de estágio para a obtenção do grau de Mestre em 1º e 2º Ciclo do
Ensino Básico

Porto, Junho de 2014

“– Levo uma vida monótona. Eu caço galinhas e os homens caçam-me a mim. Todas as galinhas são iguais e todos os homens são iguais. Por isso me aborreço um pouco. Mas, se tu me cativares, será como se o Sol iluminasse a minha vida. Distinguirei de todos os passos um novo roído de passos. Os outros passos fazem-me esconder debaixo da terra. Os teus hão-de atrair-me para fora da toca, como uma música.

A raposa calou-se e olhou por muito tempo para o príncipezinho.

– Cativa-me, por favor, disse ela.”

Antoine de Saint-Exupéry in *O Príncipezinho*.

RESUMO

Educar: a missão de **Cativar** para libertar é o paradoxo que consiste no ideal subjacente aos estágios desenvolvidos em duas valências distintas: o 1º e o 2º Ciclo do Ensino Básico. Aqui espelha-se a intervenção educativa concretizada, através da sua coadjuvação com uma prática reflexiva inerente ao profissional de dupla habilitação, tendo esta sido focada em aspetos que traduzem preocupações da educação hodierna como a continuidade e articulação latentes entre os dois níveis de ensino, que, por sua vez implicam uma flexibilidade do docente mediante a necessidade de praticar uma diferenciação pedagógica que se traduza na construção de uma Escola de todos e para todos (SERRA, 2005). Do mesmo modo este relatório espelha a preocupação com a formação de espíritos críticos através da realização de atividades interdisciplinares baseadas numa busca pela motivação, no sentido de promover nos alunos uma construção do auto conhecimento, capaz de libertá-los para uma vivência plena da sua individualidade, já que “[...] *a educação é um processo de crescimento interno, que o sujeito pratica ativa e progressivamente, avançando na sua maturação pessoal.*” (CABANAS, 2002: 104). Em suma, esta dissertação apresenta, ainda que inacabado, o processo de construção da profissionalização e da profissionalidade de uma estagiária através do confronto das suas dúvidas e certezas com os factos vivenciados.

PALAVRAS-CHAVE: 1º e 2º ciclo do ensino básico; **cativar** para libertar; diferenciação pedagógica; interdisciplinaridade; profissional reflexivo.

ABSTRACT

Educate: the mission of **Captivate** to release is the paradox underlying the practicums in the two distinct contexts: the 1st and 2nd Cycles of Primary School Teaching. This document features the educational intervention through reflective practice, characteristic to a teacher with double qualification, following a path where current educational concerns such as the ones regarding the continuity and articulation between the two cycles were always taken into account, which in turn leads to the teacher's flexibility upon the need of carrying a pedagogical differentiation in order to build a school from and for everyone (SERRA, 2005). Similarly, this report enlightens the concern of creating critical spirits by pursuing interdisciplinary activities founded on a pursuit for motivation, towards promoting self-knowledge upon the students, in order to release them for a full experience of one's individuality, since education is an internal growth process, that one practices actively and gradually, progressing to one's personal maturity (CABANAS, 2002). Although it's unfinished, this essay presents the construction of the professionalization and professionalism process of an internee through the clash of her doubts and certainties with what was experienced.

KEY WORDS: 1st and 2nd cycles of primary school; **captivate** to release; pedagogical differentiation; interdisciplinarity; reflective professional.

AGRADECIMENTOS

Às minhas avós Nita e Belinha, dois excelentes modelos de educadoras cujo desempenho pretendo alcançar um dia e ao meu Pai e à minha Mãe, pelo amor que põem em cada gesto e por me terem feito ver o sol e ouvir a chuva.

Aos meus irmãos: ao Diogo, por proteger-me do mundo, ao Rique, pela cumplicidade e companheirismo, ao João Maria, que me ensinou o que era o amor incondicional, ao Francisco, pelo sorriso tão reconfortante e à Belinha, pelo orgulho que demonstra por mim.

À comunidade escolar da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, pela busca de uma formação cada vez mais completa de professores e educadores de qualidade com uma Visão. Em especial à professora Marta Martins e à professora Belinha Brandão, pela simplicidade do apoio tão importante que me dispensaram.

Aos meus orientadores: Doutora Ana Luísa Ferreira e Doutor João Gouveia, pela compreensão e motivação indispensáveis ao longo deste ano e aos meus pares pedagógicos, instituições e professores cooperantes que me acolherem durante os estágios, contribuindo para o meu envolvimento com as equipas pedagógicas e para a construção da minha profissionalidade.

Aos meus alunos, por me terem mostrado que há “florestas voadoras” e que “também choramos com o nariz”, por me terem mostrado como a educação é um apostolado maravilhoso.

Ao Xico, por, cheio de amor, me lembrar que também sou Leonor sem professora atrás ou número de aluna à frente e, ainda, à Joana, Mariana, Joaninha, Diana, Maria e Mané, pela amizade em tantas horas!

A todos, muito obrigada!

ÍNDICE

I - INTRODUÇÃO	5
II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	7
Cativar para libertar	7
A Pedagogia Diferenciada e a Escola de Todos	10
O contexto do 1º e do 2º Ciclo do Ensino Básico	13
III - METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO	16
Tipo de Estudo	16
Participantes do Estudo	17
Instrumentos de estudo	18
IV - INTERVENÇÃO EDUCATIVA.....	21
a) Caracterização dos contextos educativos.....	21
Caraterização das instituições.....	21
Caraterização das turmas do 2ºA e do 6ºC	25
b) Intervenção Educativa	28
Observar/ preparar	28
Planear/ planificar	34
Agir/ Intervir.....	39
Avaliar a ação educativa	44
V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
Legislação:.....	54
Documentação da instituição:	54
ANEXOS	

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Reflexão sobre a interdisciplinaridade.

Anexo 2: Exemplo de uma *Checklist*

Anexo 3: Grelha de planeamento semanal de atividades

Anexo 4: Grelha de planeamento diário de aulas – por disciplina

Anexo 5: Grelha de correção das composições de Português – 2º CEB

Anexo 6: Ficha de anamnese do aluno F

Anexo 7: Inquérito por entrevista a uma professora especializada em Pedagogia Diferenciada

Anexo 8: Inquéritos por questionário aplicados nos contextos de 1º e 2º CEB

Anexo 9: Organigrama da Instituição A e lista de funções dos órgãos administrativos da Instituição B

Anexo 10: Reflexão sobre a caracterização do aluno F

Anexo 11: Gráficos dos dados apurados junto dos alunos do 2ºA

Anexo 12: Gráficos dos dados apurados junto dos alunos do 6ºC

Anexo 13: Exemplo de um registo de incidente crítico

Anexo 14: Reflexão sobre o comportamento do aluno F – 11 de novembro de 2013

Anexo 15: Reflexão sobre o comportamento da aluna S – 18 de fevereiro de 2014

Anexo 16: Plano de apoio ao aluno F

Anexo 17: Vídeo Legendado “Ulisses” de Maria Alberta Menéres

Anexo 18: Planificações: Semana das atividades do Magusto (1º CEB) Aula de Português do dia 18 de fevereiro (2º CEB) e Aula de História e Geografia de Portugal do dia 28 de março

Anexo 19: Fotografias da decoração da biblioteca alusiva ao conto “A girafa que comia estrelas” de J. E. Aqualusa

Anexo 20: Planificação da atividade alusiva ao conto “A girafa que comia estrelas” de J. E. Agualusa

Anexo 21: Fotografias do mobile resultante da atividade de Educação para a cidadania (1º CEB)

Anexo 22: Planificação da aula de Português do dia 11 de março (atividade “O Mar Português de Outras Pessoas”)

Anexo 23: Reflexão do dia 27 de março de 2014

Anexo 24: Fotografias do painel de azulejos “O Mar Português de Outras Pessoas”

Anexo 25: Reflexão do dia 29 de outubro de 2013

Anexo 26: Reflexão do dia 15 de março de 2014

Anexo 27: Exemplo de uma composição alusiva às comemorações do S. Martinho

Anexo 28: Fotografias de cartazes alusivos ao S. Martinho, realizados pelos alunos em grupo

Anexo 29: Fotografia da exposição dos trabalhos de grupo de HGP

Anexo 30: Grelhas de autoavaliação de trabalho de grupo

Anexo 31: *PowerPoint* “As regras do trabalho de grupo”

Anexo 32: Planificação do projeto “Calendário da Turma”

Anexo 33: Resultados do teste de escuta relativo ao vídeo “Ulisses”

Anexo 34: Planificação da aula de Matemática do dia 3 de abril

Anexo 35: Fotografias da atividade de medição do volume do cilindro

Anexo 36: Fotografias do “Café com pais” e da “Maratona das Ciências”

Anexo 37: Fotografias da atividade “Caixa Surpresa”

Anexo 38: Ficha de aplicação sobre o “Aparelho Reprodutor Masculino”

Anexo 39: Teste de HGP e grelha de resultados

Anexo 40: Reflexão sobre as expectativas para o estágio no contexto do 1º CEB

Anexo 41: Reflexão sobre as expectativas para o estágio no contexto do 2º CEB

LISTA DE ABREVIATURAS

AEC – Atividades de Enriquecimento Curricular

CEB – Ciclo do Ensino Básico

DID – Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental

DGE – Direção Geral da Educação

DL – Decreto-lei

HGP – História e Geografia de Portugal

IE – Intervenção Educativa

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

ME – Ministério da Educação

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PE – Projeto Educativo

PAA – Plano Anual de Atividades

RI – Regulamento Interno

I - INTRODUÇÃO

Num contexto de formação de professores em ensino do 1º e do 2º ciclos do Ensino Básico, foi desenvolvida uma intervenção educativa, no sentido de alargar o conhecimento dos pressupostos do ato de educar nestas valências. Assim, foi desenvolvido um trabalho continuado de investigação pedagógica, onde se procurou complementar a experiência com a teoria, através de uma prática reflexiva, de que é resultado o presente relatório. Para tal, no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, orientada pela Doutora Ana Luísa Ferreira e pelo Doutor João Gouveia, contou-se com a motivação e incentivo indispensáveis à sua realização.

Os objetivos que se pretendeu atingir com o desenvolvimento deste trabalho passaram por: caracterizar o estabelecimento de ensino, a partir da leitura e análise dos documentos do regime de autonomia, administração e gestão, devendo, assim, intervir em conformidade com os mesmos, passando pelas etapas de observação, planificação, intervenção e avaliação. Também constituiu um objetivo desta prática a mobilização de conhecimento pedagógico e científico, no que diz respeito a técnicas e métodos adequados às necessidades educativas dos grupos que nela participaram, de forma integrada e flexível. Por fim, pretendia-se que se recorresse, sempre que necessário, a metodologias de investigação, no sentido de complementar o trabalho com pesquisa, análise de documentos, entrevistas, entre outros.

Para demonstrar o percurso que foi seguido no sentido de desenvolver estas competências, este relatório organiza-se em três grandes secções: o Capítulo I - Enquadramento Teórico, onde se apresenta a teoria que está na base da intenção e intervenção educativa, sendo que, por sua vez se divide em três subcapítulos: **Cativar para Libertar**, a Pedagogia Diferenciada e a Escola de Todos e, por fim, o Contexto do

1º e do 2º Ciclo do Ensino Básico; o Capítulo II – Metodologias de Investigação, onde se apresenta o objeto de estudo, os participantes e os instrumentos utilizados na prossecução da investigação; o Capítulo III – Intervenção Educativa, que se divide na caracterização do contexto e na intervenção propriamente dita, sendo que no primeiro se apresentam os contextos educativos do 1º e 2º CEB, bem como a caracterização das turmas neles inseridas e, no segundo, se analisa em quatro etapas fundamentais o desenvolvimento da IE: observar/ preparar, planejar/ planificar, agir/ intervir e, por fim, avaliar a ação educativa.

Do mesmo modo, para além da presente introdução, integra também o corpo deste relatório a parte reservada às Considerações Finais, onde se procura refletir sobre o processo de desenvolvimento pessoal vivenciado, comparando as limitações, constrangimentos e obstáculos encontrados com as expectativas vividas no início do estágio, bem como com os objetivos atingidos. Por outro lado, ali reflete-se, também, sobre a importância de procurar, à luz dos pressupostos de uma pedagogia diferenciada, olhar para além daquilo que se vê, no sentido de compreender as realidades emergentes dos grupos com que se exercem funções educativas. Pois só assim, será possível educar à luz da missão de **cativar** para libertar.

II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Serve o presente capítulo para tornar lúcidos os pilares basilares do trabalho desenvolvido ao longo do último ano letivo nos contextos do 1º e 2º CEB, explorando teoricamente os seguintes pontos: **Cativar** para libertar; A Pedagogia Diferenciada e a Escola de Todos; O contexto do 1º e do 2º Ciclo do Ensino Básico;

Cativar para libertar

Concordamos com LAPORTA (1986), quando nos diz que “[...] *não existe um significado do termo educação que goze de uma autoridade absoluta a ponto de poder ter a pretensão de ser adoptado universalmente*” (cit. in CABANAS, 2002: 52), uma vez que o conceito de educação é, segundo CABANAS (2002), polissémico. Este conceito, não sendo unívoco, mas tendo antes várias dimensões que se complementam entre si e que têm algo em comum que as une, tem sido um dos mais antigos objetos de discussão das ciências sociais, desencadeando uma vasta panóplia de definições (CABANAS, 2002: 56), das quais salientamos a definição clássica de PLATÃO: “*educar é dar à alma e ao corpo toda a beleza e perfeição de que são susceptíveis*” (cit. in CABANAS, 2002: 56), que completamos com as seguintes palavras de GROOTHOFF: “*seja o que for que se entenda por educação, trata-se sempre de uma condução em direção a um processo de libertação [...], até se conseguir ser o próprio e tendo em vista a coexistência responsável com o demais e a percepção do que, na ordem histórica, temos em comum*” (cit. in CABANAS, 2002: 58).

No seguimento destes conceitos de educação, **Cativar** para libertar representa a missão educativa do percurso que aqui se relata, na medida em que, neste contexto, o ato de cativar – na aceção figurada da palavra – pressupõe atrair e conservar as atenções dos alunos, no sentido de, não só procurar motivá-los extrinsecamente, mas

também de potenciar a sua motivação intrínseca, pois, a partir daqui, acreditamos que se consegue promover uma ativação do seu espírito crítico que deverá desencadear numa libertação da sua individualidade. Por sua vez, o ato de libertar, neste sentido, implica o despertar da curiosidade e a descoberta progressiva de si mesmo, pois, só assim, pensamos nós, será possível levar a cabo um processo de ensino-aprendizagem rico em experiências significativas e ativas para todas e cada criança.

Deste modo, acreditamos que refletir sobre a prática pedagógica, à medida que se vai assistindo ao seu desenvolvimento, contribui para a construção de um perfil de docente consciente das razões que levam aos resultados obtidos durante a aplicação do processo de ensino-aprendizagem que vai instituindo, já que:

“Refletir sobre a empresa educativa é necessariamente sustentar uma visão de futuro, acalentar uma esperança motivadora, brandir um ideal de sociedade e de valores.”

(CARNEIRO cit. in SERRA, 2005: 32)

O professor que desenvolve uma prática reflexiva é, à partida, um professor cuja profissionalidade está em permanente construção, já que, de acordo com PEREIRA (1998: 113), precisa de enfrentar-se a si mesmo, olhando-se de frente, isto é, não se contentando com o conhecimento de que se faz acompanhar, procurando sempre aprofundá-lo e complementá-lo. Por ser reflexivo, sente necessidade de questionar a sua prática, tendo em vista aperfeiçoá-la no sentido de obter cada vez melhores resultados, não só com base nas Metas Curriculares e nos programas disciplinares, mas também no Projeto Educativo (PE), no Plano Anual de Atividades (PAA) e nos outros documentos elaborados no seio das instituições onde exerce a sua prática, de que é exemplo o Projeto Curricular de Turma. Ainda, num contexto de prática reflexiva, o professor necessita de aplicar processos de avaliação, uma vez que “[...] *é importante não só saber se [...] domina o conteúdo da disciplina, mas também se as metodologias são adequadas e se se avalia de forma racional e justa.*” (GUERRA, 2003: 75), o que significa que procede com o intuito de compreender a sua atividade, “[...] *mudá-la e*

enriquecê-la.”(Idem: 77). Acreditamos, pois que o professor que reflete e avalia a sua prática profissional depara-se com a necessidade de ter em conta uma pedagogia diferenciada, já que “*a Escola não pode ser igual para todas as crianças.*”(NÓVOA, 2006: 114),e deve “[...] *facilitar aprendizagens, conduzindo à inserção social, harmoniosa, produtiva e independente*[...]”de cada aluno (SERRA, 2003: 36), procurando proporcionar-lhe aprendizagens significativas, sendo que estas “[...] *têm lugar sempre que se procura dar sentido ou estabelecer relações entre os novos conceitos ou a nova informação e os conhecimentos e conceitos já existentes* [...]”(GOUVEIA, 2007: 66).

Voltando à ideia inicial, acreditamos que neste perfil, o professor deve ter consciência da necessidade de desenvolver nos seus alunos o sentido crítico e a autonomia, na medida em que possam tornar-se em alunos participativos e curiosos nas aulas e em cidadãos interessados e atentos ao mundo, de maneira a serem capazes de usar racionalmente a liberdade de que desfrutam, para que assumam plenamente a sua humanidade. (GONÇALVES, 2006). Neste sentido, acreditamos que o professor, bem como a comunidade educativa desempenham o papel de orientadores, funcionando como jardineiros e as crianças como plantas que têm necessidade de ser alimentadas e protegidas durante o crescimento, para mais tarde saberem sobreviver sozinhas (GONÇALVES, 2006). Do mesmo modo, salientamos que

“[...] a Educação deve ser um projeto antropológico [...] tendo como uma das finalidades (ou a grande finalidade) o aperfeiçoamento do Homem e a sua felicidade [...]”

(idem: 102).

O que significa que a criança deve ser o centro da ação educativa, procurando o professor proporcionar-lhe aprendizagens significativas, integradas, cooperativas, ativas, e interdisciplinares “[...] *mobilizando integradamente saberes científicos relativos às áreas e conteúdos curriculares e às condicionantes individuais e contextuais que influenciam a aprendizagem.*” (DL 241, *Perfil Específico do professor do 1º CEB*, 2001). São estas condicionantes individuais e contextuais que justificam os pressupostos de uma

diferenciação pedagógica, sendo que o professor deverá ter em conta o contexto socio-económico-cultural de que o aluno se faz acompanhar.

A Pedagogía Diferenciada e a Escola de Todos

Em nosso entender, torna-se necessário refletir sobre o conceito de diferenciação pedagógica e os seus pressupostos. As razões? Desde logo, o facto de o professor se dever relacionar

“[...]positivamente com crianças e com adultos, no contexto da especificidade da sua relação com as famílias e com a comunidade, proporcionando, nomeadamente, um clima de escola caracterizado pelo bem-estar afetivo que predisponha para as aprendizagens.”

(DL 241, *Perfil Específico do professor do 1º CEB*, 2001).

Paralelamente, a circunstância de uma das finalidades da educação em Portugal se traduzir em desenvolver a capacidade para o trabalho e proporcionar uma formação específica que permita ao indivíduo prestar o seu contributo à sociedade em consonância com os seus interesses, capacidades e vocação (Lei 49, Lei de Bases do Sistema Educativo, 2005). Por último, o enquadramento legal, segundo o qual, “[...] *todos os portugueses têm direito à educação e à cultura, nos termos da Constituição Portuguesa.*” (Lei 49, Lei de Bases do Sistema Educativo, 2005).

De acordo com NÓVOA, “*hoje, temos de ser capazes de traduzir a autonomia em processos de diferenciação pedagógica*” (2006: 114). Também CORREIA nos recorda que “*a educação especial e a inclusão constituem [-se] como duas faces de uma mesma moeda, ambas caminhando lado a lado [...]*”. (cit. in SERRA, 2005: 35). Daqui retiramos que, perante um grupo de alunos entre os quais se encontrem crianças com necessidades educativas especiais (NEE), é necessário incluí-las no processo de ensino/aprendizagem, para que possam desenvolver as suas capacidades e tirar proveito das suas potencialidades. Deste modo, a Escola Inclusiva representa “*uma*

tentativa [...] de implementar um único sistema educativo, através da unificação da educação especial e da educação regular [...]” (SERRA, 2005: 35), sendo que todos os alunos, sem exceções, devem ser escolarizados em aulas e nelas receber educação eficaz. Importa, por isto, que o professor se mantenha a par das necessidades destas crianças, bem como das estratégias através das quais poderá responder-lhes.

SERRA afirma, ainda, que «[...]é urgente deixar de usar a expressão “ESCOLA INCLUSIVA”, que é em si mesma estigmatizante, passando a dizer apenas “Escola” ou “Escola Contemporânea”»(2005: 43), explicando que todos têm lugar na escola e que esta deve estar preparada para todo o tipo de alunos, já que deve organizar-se em quatro componentes: a do conhecimento do aluno e dos seus ambientes de aprendizagem, a da planificação apropriada, com base nesse conhecimento, a da intervenção adequada baseada nas anteriores e, por fim, a da reavaliação (CORREIA, cit. in SERRA, 2005).

Afinal, se a Escola de hoje deve proporcionar igualdade de oportunidades a todas as crianças, porque não haveriam de ser incluídas aquelas que fazem acompanhar-se de necessidades educativas especiais? Não é suposto proporcionar a todas a possibilidade de realizar aprendizagens socializadoras? Então, que se prepare o ensino para que todas possam experimentar o sentimento de pertença a uma comunidade, independentemente de origens familiares, cor de pele, etnia, nacionalidade, opção religiosa ou patologia. Então, preparem-se atividades, aulas, projetos, feiras, festas e/ou desencadeiem-se pequenos gestos capazes de mudar e definir rumos, para que todas usufruam do direito de crescer em sociedade.

Neste contexto, pensamos que faz todo o sentido incluir estratégias de ensino/aprendizagem que valorizem o trabalho de grupo, já que este representa para cada elemento “[...]o pretexto para analisar os seus métodos e o seu comportamento, compará-los aos dos seus colegas, ver como pode melhorá-los”, e é formativo, uma vez que “[...]em tal trabalho é preciso definir um assunto, propor um plano e levar todos os

membros do grupo a participar ativamente na discussão.” (GOURGAND, 1977: 15). Esta técnica de trabalho pode revelar-se benéfica não só para os elementos ativamente nela implicados, mas também para o docente que a mobiliza, uma vez que este poderá, através da tutorização dos grupos, realizar um trabalho de observação e de avaliação mais detalhado. Por outro lado, ao aproximar-se dos alunos, potencializa um ambiente favorável à aprendizagem cooperativa e ao desenvolvimento do espírito de equipa e do sentido de pertença, já que, nas palavras de GOURGAND, “[...] *o trabalho de grupo é tanto uma atitude como uma técnica.*” (1977: 17). Como atitude, permite uma abertura a novas ideias, à hipótese de ter de mudar de hábitos de trabalho e a uma constante preocupação pelas sugestões dos outros no sentido de inovar e melhorar. Como técnica, permite traçar de forma mais clara e objetiva as metas que se propõe alcançar com o projeto, tomar decisões que visem o interesse de todos os envolvidos pesando prós e contras e, por fim, escolher os meios para atingir essas metas e ultrapassar obstáculos. Por isso, cabe ao professor “[...] *ajudar a identificar os parâmetros em função dos quais a avaliação deve ser realizada*”, já que os membros do grupo devem “[...] *avaliar o que conseguiram fazer bem enquanto grupo e identificar alterações que lhes permitam aumentar a eficácia no futuro*” (GOUVEIA, 2007: 82). Ainda GOURGAND defende que, através do trabalho de grupo, os alunos têm oportunidade de “[...] *aprender a não impor ideias, mas sim a defender as próprias ideias sem agressividade; sentir-se membros ativos de uma equipa; adquirir confiança [e] desenvolver a personalidade e as qualidades de cada um dos participantes [...]*” (1977: 19).

Em suma, se a diferenciação pedagógica tem como objetivo a projeção de uma Escola para todos, é fundamental proporcionar aos alunos a oportunidade de contrair aprendizagens cooperativas e socializadoras, uma vez que estas podem contribuir para o aumento da sua auto-estima e para a formação do carácter de cada um, tendo em conta que o Homem é um ser inacabado sujeito a constantes aperfeiçoamentos (GONÇALVES, 2006).

O contexto do 1º e do 2º Ciclo do Ensino Básico

Se era essencial a explicitação do propósito educativo de **Cativar** para libertar e da importância de tomar uma postura de docente que assume a necessidade de proceder a uma pedagogia diferenciada com vista a contribuir para uma Escola para todos e de todos, importa, agora, contextualizar as valências no âmbito das quais os estágios aqui relatados se desenvolveram, tendo em conta que o 2º CEB é a continuação do 1º CEB e que o professor de dupla habilitação deverá procurar tirar partido dessa continuidade, no sentido de proporcionar aos seus alunos um processo de ensino-aprendizagem integrado e significativo.

O 1º CEB é constituído, de acordo com a LBSE, pelo 1º, 2º, 3º e 4º anos de escolaridade, sendo de carácter obrigatório. Este nível de ensino é da “[...] *responsabilidade de um professor único, que pode ser coadjuvado em áreas especializadas;*” (Lei 49, Lei de Bases do Sistema Educativo, 2005), enquanto o 2º CEB é constituído pelos 5º e 6º anos de escolaridade, tendo em conta que se visa, com ambos, o desenvolvimento global e holístico da criança, no que diz respeito à aquisição e desenvolvimento de competências como: compreensão e expressão oral e escrita da língua portuguesa, às noções essenciais da aritmética e do cálculo, ao meio físico e social, às expressões dramática, plástica, físico-motora e musical, como também à dimensão do sentido crítico e responsabilidade cívica e moral, ao sentido de estética, à autonomia e à participação democrática e responsável na vida comunitária.

Por outro lado, se temos em conta a necessidade de uma diferenciação pedagógica que garanta o pleno aproveitamento das capacidades dos alunos no sentido de prepará-los para desempenharem, no futuro, as funções relativas à profissão que desejarem exercer, procura-se, com estas duas valências, orientá-los para a “[...] *descoberta dos seus interesses e aptidões [bem como da] realização individual em harmonia com os valores da sociedade*” (Lei 49, Lei de Bases do Sistema Educativo, 2005).

No enquadramento legal da LBSE, faz-se alusão à consciência e apreço pelos valores caraterísticos da identidade, cultura e história portuguesas, fomentando um espírito de solidariedade e cooperação internacional nos alunos, o que é algo que é transversal, também às duas valências em questão.

Contudo, se estas convergem no propósito educativo, também divergem no que diz respeito às caraterísticas específicas que apresentam. Se no 1º CEB estamos perante um sistema de monodocência, em que os alunos têm aulas de diferentes áreas disciplinares com o mesmo professor, no 2º CEB, os conteúdos são organizados em disciplinas singulares, que embora complementando-se entre si, são lecionadas por professores diferentes, o que implica um esforço de organização entre eles, no sentido de cooperar para o desenvolvimento global e holístico dos seus alunos. Deste modo, enquanto no 1º CEB, para complementar as áreas curriculares – Português, Estudo do Meio, Matemática e Expressões –, mas sem obrigatoriedade de frequência, existe as Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), no 2º CEB, os alunos têm um total de 10 disciplinas – Português, Matemática, Ciências Naturais, História e Geografia de Portugal, Inglês, Educação Física, Educação Musical, Educação Tecnológica, Educação Visual e Educação Moral e Religiosa – de entre as quais, apenas uma tem caráter opcional – Educação Moral e Religiosa.

Neste contexto, salientamos, agora, a preocupação presente ao longo de todo o estágio desenvolvido relativa à necessidade de preparação de atividades interdisciplinares, já que

“Perante a emergência da pluridisciplinaridade caraterística dos tempos hodiernos, surge a necessidade de refletir sobre a ligação que deverá existir entre todas as disciplinas que a constituem, aquando da construção do conhecimento científico, numa forma que subjaza cada uma delas de forma complementar e global. [...]”

(anexo 1: reflexão do dia 23 de Outubro de 2013)

Com atividades interdisciplinares e criativas, acreditamos que estamos a estimular nos alunos a capacidade de interligar as matérias do conhecimento científico, o que promove

o despertar da curiosidade e do sentido crítico, dando liberdade, conseqüentemente, à sua própria criatividade, já que o empreendedorismo marca tão fortemente a sociedade de hoje.

Em suma, o 1º CEB deve representar uma continuação da educação pré-escolar e, em simultâneo, a preparação para o 2º CEB, bem como para as valências que se lhe sucedem, tendo em conta que:

“A primeira grande vantagem de se ser profissional para uma docência generalista é o conhecimento profundo que se tem destes dois contextos educativos. [...]o professor generalista, ao reconhecer a importância de cada uma destas etapas do percurso educativo do estudante, é capaz de compreender esta necessidade e de encontrar algumas estratégias.”

(FERREIRA & ASSUNÇÃO, 2013: 63)

Por isso, pensamos que o profissional de dupla habilitação deve manter, em simultâneo, um olhar anacrónico e sincrónico sobre a sua intervenção, pois, em si estão depositadas as expectativas da sociedade, da Escola e dos próprios alunos.

III - METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO

Tipo de Estudo

O estudo subjacente ao relatório que se apresenta tem uma natureza de carácter investigatório, uma vez que, para a sua elaboração, foi necessário recorrer a diferentes etapas como a análise de documentos ou como a recolha de informação, que se deu maioritariamente através da observação direta natural, que se encontra definida nas seguintes palavras de ANGUERA:

“[...] Natural, estudiándose el comportamiento de los individuos en las circunstancias de su vida cotidiana. [...] el control que se exige sobre el observado consiste en procurar que el ambiente de la observación sea, como indica su propio nombre, «natural»; en consecuencia, el clima de una perfecta observación radica en que el grupo de personas observadas y los investigadores se comporten «normalmente».”

(ANGUERA, 1997: 48)

Neste sentido, este trabalho de investigação também reflete uma abordagem qualitativa da realidade, uma vez que aqui “*Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas.*” (BOGDAN & BIKLEN, 1994: 16), circunstância que veio trazer ao estudo uma profundidade que jamais seria possível sem a proximidade da investigadora com o ambiente que teve por objeto de investigação.

Este trabalho de pesquisa assumiu uma parte fundamental na prática pedagógica desenvolvida, uma vez que foi através do mesmo que se alargou o conhecimento relativo ao que é ensinar e educar no 1º e no 2º CEB. Como tal, tornou-se fundamental interligar a teoria e a prática, recorrendo ao método de análise intensiva, uma vez que toda a experiência se baseou no contacto direto com os participantes do estudo, bem como numa prática reflexiva continuada, porque

“Se nos encontramos perante uma nova mundividência, é importante que a analisemos e reflitamos sobre ela [...]. Essa reflexão é importante

sobretudo para nós, os educadores, já que temos uma responsabilidade acrescida na compreensão do presente e na preparação do futuro.”

(ALARCÃO, 2001: 10)

É também de referir que, sempre que possível, procurou estabelecer-se uma ligação entre a experiência vivida e os princípios orientadores da Pedagogia Diferenciada, tendo em vista responder às necessidades educativas apresentadas pelos grupos observados. Contudo, para concretizar um estudo como o que aqui descrevemos, contou-se com a colaboração de vários participantes, que passamos a enumerar de seguida.

Participantes do Estudo

As seguintes palavras, no nosso entender, traduzem a importância que os participantes têm num estudo como o que se apresenta:

“[...] o que caracteriza os sociólogos é estudarem os conjuntos sociais [...] enquanto totalidades diferentes da soma das suas partes. São os comportamentos de conjunto que lhes interessam em primeiro lugar [...] Porém, [...] as informações úteis, muitas vezes, só podem ser obtidas junto dos elementos que constituem o conjunto.”

(QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995: 159)

Este trabalho de investigação tornou-se possível devido à participação de um grupo de 20 alunos do 2º ano do 1º CEB, bem como de um grupo de 21 alunos do 6º ano do 2º CEB. No primeiro caso, 14 dos alunos eram do sexo masculino e as restantes 6 do sexo feminino. Incluído neste grupo e fundamental foi o aluno F que despertou o interesse da investigadora pela reflexão sobre pedagogia diferenciada. Já no segundo caso, 9 dos alunos eram do sexo masculino e as restantes 12 eram do sexo feminino, sendo que, aquela foi confrontada com uma realidade onde não havia apenas um aluno com necessidades educativas especiais, mas dois, o aluno Z e o aluno W.

“Na escola, todos são atores. Os alunos, os professores, os funcionários, os pais ou os membros da comunidade envolvidos nas atividades da escola, todos têm um papel a ser desempenhado.”

(ALARCÃO, 2001: 23)

Por isso, foram, também, participantes ativos deste estudo investigatório a própria investigadora, os seus pares pedagógicos, os professores cooperantes de ambas as instituições, os professores supervisores dos estágios desenvolvidos que, em conjunto com os professores cooperantes do apoio científico-pedagógico, integram a comunidade educativa da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Por fim, embora, por vezes, de uma forma indireta, contou-se com o contributo das comunidades educativas em que os alunos estavam, por norma, inseridos.

Instrumentos de estudo

No que diz respeito às metodologias utilizadas na investigação pedagógica em questão, privilegiou-se a observação direta por ser, por excelência, o instrumento que permitiu à investigadora obter informações visuais e auditivas (expressões faciais, gestos e outros elementos não-verbais) que a levariam a antecipar e compreender os resultados das estratégias a implementar.

De facto,

“Os métodos de observação direta constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um testemunho ou de um documento.”

(QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995: 126).

Portanto, de certa forma, esta técnica permitiu fazer a associação entre a realidade com que a investigadora se deparou e o conhecimento científico por si construído.

Por outro lado, foi utilizada uma *checklist* (anexo 2) elaborada pela investigadora, no sentido de recolher informações sobre os vários ambientes nas salas de aulas, os espaços, as rotinas dos grupos, os comportamentos dos alunos e os seus relacionamentos com as professoras e entre si.

“temos de examinar cada fase e identificar os «pontos fracos» que nos estão a dar problemas e depois priorizar aqueles que precisamos de enfrentar primeiro. [...] precisamos de saber que estamos a melhorar não apenas porque isso nos dá um reforço pessoal [...] mas também porque é a forma como o nosso desempenho é julgado pelos outros.”

(HAIGH, 2010: 171).

Paralelamente a estes instrumentos, foram utilizadas grelhas de planeamento semanal de atividades (anexo 3), no caso da IE no 1º CEB e grelhas de planeamento diário de aulas – por disciplina (anexo 4)–, no caso da IE no 2º CEB, que serviram para a investigadora se orientar, não só durante as aulas em si, mas também nos momentos que as antecederam, no sentido de se sentir preparada e confiante, tal como nos momentos que as sucederam, já que lhe permitiram entender se a forma como estava a planificar estava a ser produtiva e de que forma poderia potenciá-la.

Também foram utilizadas fichas formativas, exercícios de aplicação e de consolidação, trabalhos manuais individuais ou em grupo, no sentido de regular o trabalho realizado pelos docentes e pelos alunos, de forma a proporcionar um *feedback* aos mesmos sobre os seus desempenhos e os resultados do processo de ensino-aprendizagem (anexo 5).

Assim, podemos dizer que a observação indireta também fez parte das metodologias utilizadas, aquando da aplicação das técnicas de trabalho de grupo, no sentido de dar a entender à investigadora se os objetivos que tinha traçado estavam a ser atingidos e se as regras características desta técnica de trabalho estavam a ser cumpridas, recorrendo aos instrumentos de avaliação formativa preparados para esse efeito.

Por outro lado, no que diz respeito ao estudo do caso em concreto do aluno F, assumiram extrema importância as reuniões e conversas não formais com a professora titular de turma e com os professores do ensino especial que lhe davam apoio, sendo que das mesmas resultou o preenchimento da ficha de anamnese do aluno (anexo 6). Falta referir, ainda, que se procedeu à realização de um inquérito por entrevista a uma

professora especializada em Pedagogia Diferenciada (anexo 7), que teve como finalidade a aproximação da investigadora à realidade do processo de ensino da leitura e da escrita utilizado com alunos com diagnóstico de microcefalia, no plano das DID (Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais, como era o caso do aluno F, que será descrito com mais detalhe no capítulo que segue.

No que diz respeito aos alunos Z e W, as NEE que apresentavam eram fruto de DA (Dificuldades de Aprendizagem – *Grey Students*) resultantes do facto de estarem imigrados em Portugal desde há dois anos, no caso de W e um ano, no caso de Z, o que lhes dificultava a compreensão daquilo que lhes estava a ser transmitido, já que a língua na qual se expressavam (Mandarim) muito diferente do Português. Nestes dois casos específicos, rapidamente se concluiu que ambos os alunos não estavam abrangidos por um PEI, não usufruindo de aulas de apoio de Português, por isso procurou-se adaptar as atividades planificadas às suas dificuldades, recorrendo a tradução por legendagem, por gestos ou mesmo por imagens.

Por fim, falta referir que foram realizados inquéritos por questionário (anexo 8) em ambas as valências, no sentido de captar dados que permitissem à investigadora, não só elaborar as caracterizações das diferentes turmas, mas também conhecer melhor cada aluno, no sentido de adaptar a sua intervenção aos interesses, opiniões e sugestões manifestados nas respostas recolhidas.

Enfim caracterizado o trabalho de investigação de que resulta este relatório, apresenta-se, de seguida, uma análise detalhada da prática pedagógica desenvolvida.

IV - INTERVENÇÃO EDUCATIVA

Como já temos vindo a anunciar ao longo da apresentação do enquadramento teórico que sustenta o estudo que se apresenta e das metodologias que permitiram que este se concretizasse, é neste momento que apresentamos o trabalho desenvolvido ao longo do último ano nas valências do 1º e do 2º ciclo do Ensino Básico.

Assim, este capítulo divide-se em duas partes distintas: a primeira, que consiste na Caracterização dos Contextos Educativos e que tem por fim dar a conhecer as Instituições e as Turmas que contribuíram ativamente para a realização do nosso projeto de investigação e a segunda, que consiste na Intervenção Educativa e que, por sua vez, se subdivide em quatro partes que representam as ações fundamentais ao desenvolvimento de uma prática pedagógica: observar/ preparar, planear/ planificar, agir/ intervir e avaliar a ação educativa.

a) Caracterização dos contextos educativos

Caraterização das instituições

Ao longo do presente subcapítulo será necessário ter em conta que os estágios desenvolvidos nas valências do 1º e do 2º CEB tiveram lugar em duas instituições distintas, às quais atribuiremos as letras A e B respetivamente.

Ao abrigo do artigo 9º do Decreto-Lei nº 75/ 2008 (alterado pelo Decreto-Lei 224/ 2009, de 11 de setembro e pelo Decreto-Lei 137/ 2012, de 2 de julho), todos os agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas devem rever-se num Projeto Educativo (PE) e num

Regulamento Interno (RI), respeitando o princípio constitucional da democraticidade, pelo que a leitura de tais documentos constituiu uma das prioridades da estagiária.

Neste contexto importa explicar que o Projeto Educativo se traduz num

“[...] documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada [...], para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais [...] se propõe cumprir a sua função educativa.”

(ME cit in PE 2012 Instituição A).

E que o Regulamento Interno, por sua vez, se traduz num documento que deve regular as relações entre os diversos intervenientes da comunidade educativa, sendo elaborado por professores, formadores, pessoal não docente, alunos, pais e encarregados de educação e estando, também, sujeito à revisão e aprovação do Conselho Geral, que, juntamente com o Diretor, o Conselho Pedagógico e o Conselho Administrativo, completa o grupo dos órgãos de direção, administração e gestão do Agrupamento (RI das Instituições A e B. 2012), sendo que todos cooperam para a garantia do sucesso escolar.

No caso da Instituição A, exprimindo-se através da frase “Mais Escola, Mais Educação, Melhor Futuro!” (PE Instituição A. 2012: 2), a sua missão educativa contempla ideais que vão desde a Excelência à Integração, passando pelo Empreendedorismo, o Comprometimento e, por fim, a Cooperação (idem: 4).

Já no que concerne à instituição B. esta pretende formar com rigor e qualidade, jovens livres, críticos, humanistas e competentes para desenvolver um bom e justo desempenho profissional (PE Instituição B. 2012 11).

Para compreender como funciona a administração e gestão escolar, o RI de cada instituição apresenta um organigrama ou uma listagem de funções (anexo 9) que demonstram que daqueles órgãos enumerados, os que assumem mais relevância ao nível de competências são o Conselho Geral e o Diretor. Isto significa que estamos perante um sistema descentralizado, cuja última palavra cabe à comunidade educativa representada no Conselho Geral, o que podemos ver justificado nas seguintes palavras:

“Unicamente os bons cidadãos podem reivindicar com justiça os benefícios de um bom governo. Uma escola do trabalho e da autonomia, do labor profissional e da iniciativa - uma escola útil para a vida.”

(SÉRGIO cit in RI Instituição B: 14)

Quanto aos Diretores, quer da Instituição A, quer da instituição B, além das funções de representá-las e de elaborar e propor as alterações ao RI, ao Plano Anual e Plurianual de Atividades (PAA) e aos contratos de autonomia, compete-lhes estar presentes nas reuniões do Conselho Geral e submeter à sua aprovação, sem direito de voto, o PE elaborado pelo Conselho Pedagógico, definir o regime de funcionamento do Agrupamento, designar os coordenadores de escola e dirigir os serviços administrativos, técnicos e técnico-pedagógicos da instituição. Por fim, por inerência, devem integrar o Conselho Pedagógico como seus presidentes.

Como referíamos no Capítulo I, cabe ao agrupamento garantir a todos os alunos a igualdade de acesso a atividades capazes de gerar aprendizagens que potencializem as suas capacidades no sentido de descobrirem os seus interesses e aptidões, bem como de se realizarem individualmente em harmonia com os valores da sociedade (Lei 49, Lei de Bases do Sistema Educativo, 2005). Para tal, ambos os Agrupamentos, em conjunto com a Câmara Municipal e outras instituições, procuram responder às necessidades de todos e de cada aluno, tendo em conta uma pedagogia diferenciada, o que se encontra subjacente nos seguintes resumos das suas missões:

“O Agrupamento de escolas [...] tem como **Visão** criar um contexto de aprendizagem desafiador, que encoraje altas expectativas de sucesso através do desenvolvimento de um ensino e formação adequados que facilitem a emergência de diferenças individuais e diversos estilos de aprendizagem.”

(PE. Instituição A. 2012: 7,)

“[...] a Escola [...] propõe-se caminhar no sentido duma completa formação dos seus cidadãos discentes, valorizando a sua autonomia e promovendo a igualdade de oportunidades.”

(PE Instituição B. 2012: 11)

Como dizíamos, há pouco, a leitura e análise destes documentos constituiu uma das prioridades no início do período de cada estágio, já que permitiu tomar

conhecimento, não só dos ideais, valores e da missão de cada agrupamento, que já mencionamos até agora, mas também da caracterização dos seus ambientes escolares no que diz respeito ao nível sócio-económico-cultural.

Deste modo, apurou-se que ambas as instituições, embora pertencendo a agrupamentos distintos, estavam localizadas em freguesias do mesmo concelho, próximas do Gaiashopping e da Câmara Municipal de V. N. de Gaia e beneficiavam de acesso aos autocarros da Sociedade de Transportes Coletivos do Porto (STCP), da Resende e da Câmara Municipal. Apurou-se também, que ambas as instituições convergiam apresentando um nível socioeconómico médio-baixo, o que se traduzia num fenómeno de insucesso e abandono escolar. Contudo, apurou-se, também, que as mesmas diferiam no facto de a Instituição A ser uma Escola Básica com 1º CEB e Jardim de Infância, com um número de cerca de 160 alunos e de a Instituição B ser uma Escola Básica com 2º e 3º CEB com um número de cerca de 950 alunos. Esta divergência apontava para comunidades escolares de dimensões opostas.

Concordamos com CARDOSO (2013), quando – seguindo os ideais da UNESCO – nos propõe que “*aprender a viver em sociedade*” seja um dos quatro pilares basilares da educação. Este argumenta que “*o professor de excelência procura antever os problemas [...], ter um plano para os resolver [e] [...] coopera com os seus pares com vista a chegar ao objetivo comum: fazer com que o aluno aprenda.*” (CARDOSO, 2013: 75; 76). Por isto, consideramos que é igualmente importante conhecer, não só o contexto escolar no qual o professor e os seus pares estão incluídos, mas também as turmas com as quais atua. Assim, passamos a caracterizá-las de seguida.

Caraterização das turmas do 2ºA e do 6ºC

No que diz respeito ao estágio desenvolvido no 1º CEB, este teve como participantes os alunos da turma do 2ºA, constituída por 20 alunos, sendo 14 do sexo masculino e os restantes 6 do sexo feminino. Todos nasceram no ano de 2006, sendo que completarão os oito anos de idade até ao dia 31 de dezembro de 2014 e, ainda que, até à data, todos têm vindo a transitar de ano, inclusive o aluno F que apresenta Necessidades Educativas Especiais (NEE), devido a Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID).

Este aluno apresenta um quadro clínico de Microcefalia e como é característico deste diagnóstico, apresenta um défice de atenção e concentração e, em simultâneo, de hiperatividade, o que está na origem de fenómenos de indisciplina na sala de aula (anexo 6). Para responder às suas necessidades, o DL 3/2008 proporciona-lhe – desde que foi sinalizado em setembro de 2012 – o usufruto de um Plano Educativo Individual (PEI), que contempla medidas educativas especiais como: apoio pedagógico personalizado (facultado pelo próprio agrupamento, pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia e pela Cercigaia); adequações curriculares individuais; adequações no processo de avaliação; e, finalmente, o recurso a Tecnologias de Apoio. No que concerne ao ambiente familiar, este aluno vive com ambos os pais e três irmãos, sendo que dois deles são gémeos. Quanto à situação de empregabilidade do pai, tem como função lavar carros numa bomba de gasolina e a mãe é empregada de mesa no café de um hipermercado (anexo 10).

No que toca aos restantes alunos da turma, a maioria distribui-se entre crianças que têm um irmão e crianças que são filhos únicos. Quanto aos alunos cujos pais estão separados e vivem apenas com a mãe, estes constituem 25% da turma, sendo que os restantes 75% da turma, vivem com ambos os pais (anexo 11).

Esta é uma turma cujos alunos e suas famílias pertencem à classe sócio-económica média-baixa, embora, no que diz respeito à situação de empregabilidade, nenhum dos pais se encontre desempregado (apenas um se encontra aposentado por invalidez e a sua mulher não trabalha para dispensar-lhe os devidos cuidados), sendo as profissões mais comuns operador fabril, professor e administrativo. No que toca às mães, 20% destas encontram-se desempregadas, sendo que as profissões mais comuns são professora e operadora de lojas (anexo 11).

Quanto aos interesses emergentes entre os alunos, verificou-se que todos revelam gosto pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), alegando que costumam ocupar os seus tempos livres a jogar computador e *playstation* ou a ver televisão, manifestando alegria nos momentos em que se colocam vídeos com canções no quadro iterativo da sala para cantarem em voz alta, seguindo as legendas. Também demonstram interesse por fazer jogos ao ar livre, como futebol ou brincar à “apanhada”. Os desportos praticados por estas crianças variam entre futebol, natação e dança.

Quanto ao estágio desenvolvido no 2º CEB, ao longo do segundo semestre do ano letivo corrente, teve como participantes os alunos da turma do 6ºC. Esta era constituída por 21 alunos, sendo que 12 eram do sexo feminino e as restantes 9 do sexo masculino. No que diz respeito às nacionalidades, apuramos que 2 eram de nacionalidade chinesa, 2 eram de nacionalidade brasileira e os restantes 17 de nacionalidade portuguesa (anexo 12). A faixa etária deste grupo variava entre os 11 e os 14 anos, sendo os 11/ 12 anos a moda, isto significa que estamos perante uma turma com casos de retenções, sendo que estes formam uma percentagem de 20% da mesma. Contudo, é de notar que, no caso dos alunos W e Z – que têm 13 anos – não há informação que nos permita saber se ficaram retidos nalgum ano ou se apenas se encontram no 6º ano, devido à equivalência que lhes foi dada ao pedirem transferência para a escola, no momento em que se fixaram em Portugal. Estes alunos são ambos de nacionalidade chinesa, apresentando dificuldades na compreensão do português.

Contudo, as competências de compreensão e de expressão oral e escrita do aluno W encontram-se mais desenvolvidas do que as do aluno Z, devido ao facto de o primeiro já ter dado entrada nesta instituição no ano letivo de 2012/ 2013 e o segundo só ter dado entrada no ano letivo de 2013/ 2014.

No que diz respeito aos seus agregados familiares, sabemos que são ambos filhos únicos, que vivem com os seus pais e que a situação de empregabilidade é partilhada por todos: trabalham em lojas. Quanto aos agregados familiares dos restantes alunos, apuramos que a grande maioria não tem irmãos ou tem apenas um, sendo os que têm 2 ou mais irmãos uma minoria de 6 alunos. As profissões dos seus pais variam entre empregado de balcão, segurança, economista, empresário, serralheiro, sapateiro, pintor na construção civil e chefe de escritório, sendo que 2 dos quais se encontram desempregados. Já as profissões das mães variam entre empresária de um salão de beleza, empregada de balcão, empregada doméstica, secretária, estudante, e costureira, sendo que uma das quais se encontra desempregada. Isto significa que a maioria dos pais e mães destes alunos exercem atividades do setor terciário. Ainda neste campo, falta referir que a maioria dos alunos (13) vive perto da escola, utilizando os restantes 8 os transportes: comboio, autocarro, metro, carro ou mota para se deslocar das suas residências até à escola (anexo 12).

Por outro lado, apurámos que estes alunos todos têm computador com acesso à internet em casa, o que pode estar associado ao facto de a grande maioria ter alegado que gosta de ocupar os seus tempos livres a jogar computador. São também do interesse destas crianças atividades como: passear, apanhar sol, patinar, montar, brincar ao ar livre com os irmãos e/ ou os amigos, andar de bicicleta, correr nos parques e ler. Contudo, os interesses que mais se repetem entre as respostas recolhidas passam por dormir, jogar no *tablet* e na *playstation*, ver televisão, estar com os amigos e jogar futebol. Concluimos, ainda, que 12 destes alunos praticam desporto desde natação a ténis, de futebol a ginásio e equitação (anexo 12).

No que concerne aos seus interesses escolares, estamos perante uma turma que revela mais dificuldades maioritariamente na disciplina da matemática e do português e que alega ter como disciplinas preferidas a História e Geografia de Portugal (6 alunos), o Português (6 alunos) a Educação Física (3 alunos) e a Matemática (3 alunos), sendo que os restantes 3 alunos alegam preferir o Inglês e as Ciências Naturais.

b) Intervenção Educativa

Observar/ preparar

É fundamental que o professor atente na dinâmica do grupo, no sentido de otimizar a preparação e planificação das atividades, com vista a potencializar as capacidades dos seus alunos, o que vemos traduzido nas seguintes palavras:

“Uma das fontes principais de ineficiência em educação é o esforço de ensinar um grupo de alunos como se todos tivessem o mesmo ritmo para aprender.”

(SKINNER cit in MARQUES, 1973: 61).

Como tal, como presente subcapítulo, damos a conhecer o trabalho desenvolvido ao nível da observação dos grupos e de que forma os resultados desta foram utilizados na preparação de atividades, já que, consideramos que é através da mesma que se aprende a conhecer as crianças em cujas vidas o professor deixa a sua marca e cujos rumos poderão vir a ser alterados por força da sua intervenção.

Tendo em conta que o período de estágio teve uma duração de 24 semanas – 12 em cada valência – a observação e preparação de aulas constituiu uma prioridade ao longo de todo o percurso. Por isso, houve uma preocupação por estar a par das normas, valores e planos de atividades de cada instituição, lendo e analisando os seus documentos gerais, bem como a par das necessidades apresentadas por todos e cada

aluno, preenchendo *checklists* e grelhas de avaliação, realizando exercícios de avaliação diagnóstica, procurando proceder a conversas não formais com os professores cooperantes e, ainda, corrigindo e apurando resultados de exercícios de avaliação formativa.

No caso específico da *checklist*, esta permitiu recolher dados qualitativos relativos à organização dos espaços – salas de aulas e recintos escolares em si –, às relações interpessoais, à utilização de recursos humanos e materiais, à gestão do tempo e das rotinas e, ainda, relativos ao planeamento, execução e avaliação de atividades. Tendo em conta que os dados são “[...] *materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar [e] [...] os elementos que formam a base da análise.*” (BOGDAN & BIKLEN, 1994: 147), procurou-se fazer o seu levantamento através da observação direta, já que “[...] *só a observação direta consistentemente realizada poderá permitir obter informações sobre os interesses e as necessidades das crianças [...]*” (PARENTE, 2002: 106).

Todavia, tendo concluído que seria incomportável realizar uma observação direta constante do grupo, procurou estabelecer-se “[...] *contactos individuais com cada criança*” (ZABALZA, 1996: 53), no sentido de compreender as suas necessidades e de recolher dados – qualitativos – relativos ao seu ritmo de aprendizagem, já que “*o bom professor procurará tirar as máximas potencialidades dos seus alunos sabendo de antemão que todos têm competências diferentes.*” (CARDOSO, 2013: 100). Esta recolha foi feita através da elaboração de notas de campo e de registos de incidentes críticos (anexo 13) sempre que possível, dos quais retiramos os seguintes excertos:

“Hoje o aluno F chorou. O aluno que eu acreditava que nunca choraria. [...] F abraçou-me pela cintura e chorou silenciosamente, o que me comoveu e me fez sentir impotente. Tendo respondido que perder faz parte do jogo [...], senti-me angustiada por intuir que aquela não teria sido a única razão que tinha feito aquele aluno chorar naquele momento. [...]”

(anexo 14 – reflexão de 11 de Novembro de 2013)

“[...] a aluna S revela interesse pelo discurso da professora, interrompendo-a frequentemente para partilhar experiências ou factos por si conhecidos, mostrando, muitas vezes, que o seu nível de cultura geral se encontra acima do da sua turma. Porque terá S um aproveitamento tão fraco [...]?”

(anexo 15 – reflexão de 18 de Fevereiro de 2014)

A título de exemplo, as notas de campo e os dados recolhidos através da *checklist* e das conversas não formais com os professores cooperantes, permitiram apurar que o aluno F – 1º CEB –, que beneficiava de um PEI, estava a ser negligenciado durante o tempo letivo em que não tinha acompanhamento da professora do ensino especial – que estava presente apenas às terças e à quintas-feiras de manhã. Isto é, o aluno deveria realizar as mesmas tarefas que todos os colegas sem, contudo, receber especial atenção da professora titular de turma, tanto no que toca à planificação de atividades adequadas às NEE que apresentava, como no que toca ao acompanhamento do processo de resolução e correção dos exercícios em contexto de sala de aula. Perante isto, compreendendo que se tratava de algo incomportável o ato de conseguir prestar atenção a cada aluno de forma individualizada, procurou traçar-se um plano de acompanhamento sistemático do aluno para a professora estagiária cumprir: deveria sentar-se perto dele e apoiá-lo, explicando-lhe os enunciados das questões, ajudando-o a ler e interpretar as mesmas e exemplificando como poderia resolver os exercícios (anexo 16). Esta proximidade permitiu conferir as dificuldades sinalizadas no PEI do aluno, conhecer as suas reações, aprender a lidar com as mesmas e preparar atividades adequadas às suas NEE.

Situação semelhante foi apurada no contexto do 2º CEB, relativamente ao aluno Z, que não revelava capacidade de compreender e de se expressar em português. Este aluno deveria frequentar aulas de apoio de português, contudo, concluiu-se e confirmou-se – aquando da reunião de notas do final do 2º período – que o aluno não estava a beneficiar de tais aulas, pelo que procurou-se adaptar as atividades planeadas à sua dificuldade. Estas adaptações passaram por legendar vídeos (anexo 17) e por posicionar

estrategicamente o aluno perto da professora estagiária, no sentido de aquela poder explicar-lhe – discretamente – as tarefas que deveria realizar, recorrendo a gestos, desenhos, tradução de frases no *google* tradutor para chinês tradicional e ainda à ajuda do aluno W, que era seu primo e tinha por hábito traduzir oralmente o que lhe comunicavam em português para a língua que partilhavam.

Por outro lado, o trabalho de observação prévia dos cadernos diários dos alunos e das planificações dos professores cooperantes de ambas as turmas permitiu à estagiária apurar que tanto ao nível do 1º CEB, como ao nível do 2º CEB, os alunos não revelavam hábitos de treino da expressão escrita, nem tampouco de trabalho em grupo. Por este motivo, o desenvolvimento das competências subjacentes àquela atividade e àquela técnica constituíram as suas maiores preocupações aquando dos momentos de planificação de aulas. Assim, justifica-se, também, o facto de esta ter procurado preparar atividades interdisciplinares, já que dessa forma, aquelas envolveriam momentos de expressão escrita e de trabalho em grupo (anexo 18).

Também o trabalho de observação concretizado permitiu à estagiária aperceber-se do facto de a biblioteca da turma – do 1º CEB – ser um espaço carecido de promoção e de dinamização. Por isso, tendo atentado nos desenhos que o decoravam alusivos ao conto “A girafa que comia estrelas” de José E. Agualusa (anexo 19), que tinha sido explorado com a turma no ano letivo precedente e que estava contemplado na lista de obras literárias das metas curriculares para o 2º ano do 1º CEB, procurou preparar-se uma atividade de educação literária, tal como estava previsto no PAA do agrupamento, que estimulasse “[...] *a leitura em torno de diferentes valores* [...]” (PAA Instituição A. 2013: 5) e que promovesse a “[...] *leitura de obras de literatura para a infância* [...] [no sentido de] *participar construtivamente na discussão em grupo* [e de] *interagir verbalmente* [...] *treinando o diálogo em contexto de sala de aula.*” (Planificação trimestral de atividades para o 2º ano do 1º CEB. Instituição A. 2013: 9). Assim, a atividade (anexo 20) incluiu momentos de compreensão oral, em que os alunos tiveram de partilhar memórias

relativas ao conto e, após a audição do texto lido pela professora, tiveram de discriminar todas as personagens do texto; um momento de expressão dramática e de treino da leitura, em que os alunos foram divididos em grupos – narradores, girafas, galinhas e nuvens – e foram convidados a representar sentimentos e ações, enquanto o texto ia sendo lido em voz alta; momentos de expressão escrita em que os alunos, em três linhas, escreveram a sua opinião sobre o texto e, ainda, mais tarde, elaboraram frases ou escolheram palavras que traduziam valores humanos, o que apontava para uma interdisciplinaridade com Educação para a Cidadania – que era a disciplina oferecida pelo agrupamento; por fim, esta atividade também incluiu um momento de expressão plástica que consistiu na produção de um mobile (anexo 21), que serviu para suspender no teto da sala, com a finalidade, não só de decorá-la, mas também de recordar aos alunos a importância de ler e de respeitar valores humanos como compreensão, amizade, tolerância, igualdade, partilha e honestidade.

Também no 2º CEB, procurou preparar-se atividades que integrassem o PAA do agrupamento, de que é exemplo o projeto “O mar português de outras pessoas” que foi desenvolvido com os alunos nas aulas de Português, no sentido de participar nas celebrações da poesia da Biblioteca da escola. Durante a semana de 17 a 21 de março, foram convidados alunos de diferentes turmas para declamar poesia na biblioteca e na sala de professores. Também durante este período, o espaço da biblioteca foi decorado com cartazes alusivos ao tema. Por isso, a estagiária, tendo conversado com o professor cooperante no momento de orientação tutorial, planeou aquela que seria a primeira aula de poesia, naquele ano, para a turma do 6ºC, para o dia 25 de março, tendo como prioridade a motivação, questionando-se sempre “[...] *que sentido pode ter um saber literário, por mais erudito que seja, que não conduza à paixão pela leitura?*” (CLOSETS, 2002: 49). Assim, a atividade (anexo 22) teve uma duração total de 135 minutos, iniciando-se no momento em que os alunos entraram na sala de aula e foram surpreendidos com um ambiente diferente:

“[...]as persianas estavam corridas, a luz que havia emanava de pequenas velas brancas acesas e, ao fundo, ouvia-se um piano a tocar. A professora esperou que os seus alunos silenciassem e declamou, então, o Mar Português de Fernando Pessoa em voz alta [...]”

(anexo 23 – reflexão de 27 de março de 2014)

A atividade prosseguiu, dando lugar à elaboração de um poema:

“[...]havia uma sopa de palavras projetada no quadro da sala e o desafio consistia em, utilizando essas palavras – que os alunos não sabiam mas eram da primeira estrofe do Mar Português de Pessoa –, elaborar um poema [...]”

(idem – anexo 23)

E, mais tarde, à resolução de uma ficha de avaliação diagnóstica (anexo 22), que implicava que os alunos realizassem a análise do seu próprio poema. Os poemas que resultaram desta atividade foram inscritos pelos alunos em quadrados de cartolina branca e, devido a erros ortográficos e de sintaxe, desencadearam uma atividade de melhoramento de texto, na aula seguinte, que implicava a participação de toda a turma numa partilha de opiniões e de aconselhamento. Só após corrigidos e melhorados os poemas, os quadrados de cartolina foram reutilizados pelos alunos para escreverem na parte que estava em branco – que não tinha sido utilizada ainda – o poema já finalizado. Esta ideia de reutilizar os quadrados teve por base o facto de esta segunda aula se ter realizado no Dia Mundial da Terra – 22 de Abril –, pelo que aproveitou-se para se promover nos alunos a preocupação com a preservação do planeta. Por fim, os quadrados de cartolina, em conjunto, formaram um painel de azulejos que foi exposto na Biblioteca da escola (anexo 24).

Em suma, consideramos que o ato de observar e o ato de preparar se complementam numa fórmula única, essencial ao processo de ensino aprendizagem. Antes de preparar, devemos observar e devemos observar depois de preparar e de aplicar, pois:

“[...] à medida que vamos recuando, a partir de uma porção de terra ou de mar, reconhecemos que esta faz parte de uma baía que, por sua vez, faz parte da costa e, ao recuarmos ainda mais, reconhecemos o país em que se insere.”

(HAIGH, 2010: 17)

Planear/ planificar

A planificação é fundamental para o professor, uma vez que nela constam os objetivos que se propõe atingir com as atividades ali descritas, bem como os recursos humanos, materiais e tecnológicos necessários à sua concretização. Consideramos, pois que esta lhe permite situar-se no presente – momento em que a atividade está a decorrer – servindo de guião da ação e, simultaneamente, no futuro em relação ao passado – momentos pós-intervenção –, servindo de objeto de reflexão e análise dos resultados da intervenção educativa.

Por este motivo, o ato de planificar esteve presente ao longo de toda a prática de ensino supervisionada, conferindo à estagiária uma visão alargada do processo de ensino-aprendizagem que estava a levar a termo em ambas as instituições. Tendo em conta que não existia um modelo perfeito e incorrigível de planificação, procurou manter-se fiel às Metas Curriculares definidas para cada disciplina ou área disciplinar pelo ME, bem como aos planos de atividades definidos pelos concelhos disciplinares de cada instituição.

Para integrar o processo de planeamento de aulas, a professora estagiária reuniu-se semanalmente com os professores cooperantes, quer das instituições onde estava a ser aplicada a sua prática pedagógica, no sentido de a orientar relativamente aos conteúdos a lecionar e aos recursos disponíveis, quer da sua própria instituição formadora, a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (ESEPF), no sentido de a orientar quanto à parte da correção científico-pedagógica e didática das suas planificações. Deste modo, o *feedback* fornecido pelos participantes enumerados foi fundamental na medida em que:

“[...] o formador necessita de encontrar formas de verificar junto dos informadores se as suas construções reflectem o mundo tal como eles [os alunos] o vêem. A abordagem qualitativa exige que se confie no *feedback* como uma estratégia de investigação [...] [com] o propósito [...] de melhorar o

desenrolar de um programa, através de um relatório contínuo dos resultados a que os avaliadores vão chegando.”

(BOGDAN & BIKLEN, 1994: 277; 278)

As planificações resultantes deste processo de tutorização assumiram a forma de grelha ao longo de ambos os estágios, sendo que, no 1º CEB, eram semanais (anexo 3) e estavam divididas em três grelhas distintas: o verde era atribuído às atividades a realizar às segundas-feiras, o laranja às atividades a realizar às terças-feiras e o azul às atividades relativas às quartas-feiras. Cada grelha estava organizada em colunas dispostas pela seguinte ordem: Área curricular, Domínios de referência, Objetivos, Descritores de desempenho, Estratégias/ atividades, Recursos e, por fim, Avaliação. Já no que concerne ao 2º CEB, as planificações eram diárias (anexo 4), específicas para cada disciplina, já que nesta valência já não estávamos perante um sistema de monodocência. À semelhança do que acontecia no 1º CEB, cada grelha encontrava-se dividida em colunas que se encontravam dispostas pela seguinte ordem: Disciplina, Domínio, Subdomínio, Objetivos, Objetivos Específicos, Estratégias/ Atividades, Recursos e, por fim, Avaliação. Contudo, devido ao facto de, no primeiro caso, as atividades serem planeadas em função do dia e dos conteúdos e não em função da disciplina, só no 2º CEB se sentiu a necessidade de acrescentar a este modelo de planeamento o sumário e de alterar a nomenclatura das colunas relativas aos objetivos, consoante os nomes que lhes eram atribuídos nas metas curriculares definidas para a sua área do conhecimento. Deste modo, enquanto em Ciências Naturais se utilizava a ordem apresentada, em Português e Matemática a coluna dos Objetivos Específicos assumia a forma de Descritores de Desempenho e em História e Geografia de Portugal (HGP), a coluna dos Objetivos passava a ser intitulada de Objetivos gerais e a dos Objetivos Específicos passava a intitular-se, também de Descritores de Desempenho.

Tendo concluído, ao fim das primeiras intervenções, nas duas valências, que nem sempre as planificações eram cumpridas na sua totalidade, procurou-se refletir sobre o motivo pelo qual tal fenómeno acontecia:

“Cheguei, hoje, à conclusão de que as atividades que planejo não estão a ser concretizadas na sua totalidade, mas que, pelo contrário, há sempre uma ou outra atividade que tem de receber menos atenção ou até mesmo, de ser suprida da aula. [...] o meu problema reside na gestão do tempo [...]”

(anexo 25 – reflexão de 29 de Outubro de 2013)

“[...] uma vez mais não consegui cumprir as atividades que tinha preparado para a aula de HGP de hoje. Receio que os resultados de aprendizagem dos meus alunos venham a ser afetados devido a esta falha de gestão de tempo.”

(anexo 26 – reflexão de 15 de Março de 2014)

chegando à conclusão de que o problema residia na gestão do tempo preconizado para cada atividade. Como tal, adotaram-se medidas como: ter a planificação impressa em cima da mesa (da professora) para se servir dela sempre que necessário, preparar menos atividades para cada aula, utilizar um relógio de pulso e procurar controlar o tempo que se despendia quando se utilizava o método expositivo, que, por sua vez, passou a ser utilizado apenas em caso de necessidade, dando lugar, muitas vezes, ao método ativo.

Na verdade, se o método expositivo “[...] é baseado na exposição oral feita pelo professor.” (CARDOSO, 2013: 161), torna-se necessária uma gestão do tempo que para ele se destina, evitando-se a sua utilização no ensino da matéria do conhecimento em si e, antes, utilizando-o para fazer sínteses parciais e finais ou para contar uma história que possa ilustrar algo que se está a ensinar. Caso contrário, o professor corre o risco de perder a atenção da turma e de gerar desmotivação. Por isso, procurou-se recorrer ao método ativo tendo em conta que “[...] se dermos aos alunos alguma «posse» [do] conhecimento eles têm mais probabilidades de retê-lo e compreendê-lo. «Posse» neste sentido significa «envolvimento ativo» na aprendizagem, em que os alunos parecem descobrir por si mesmo.” (HAIGH, 2010: 120).

Por outro lado, tal como já foi referido, constituiu uma preocupação a preparação de atividades interdisciplinares, que tivessem em conta as necessidades educativas de ambos os grupos como, em especial, o desenvolvimento de competências de expressão

escrita e de trabalho em grupo. A título de exemplo, as atividades preparadas para o dia de S. Martinho (anexo 18), que, por sinal foi na última semana de intervenção no contexto de 1º CEB, tiveram as comemorações como tema e foram ricas em interdisciplinaridade, na medida em que se concretizaram jogos tradicionais, como o “jogo da cauda do burro” – Expressão Motora –, em que se dramatizou a lenda de S. Martinho – Expressão Dramática –, em que se praticou o cálculo mental – Matemática e Expressão Musical –, em que se elaboraram cartazes alusivos ao tema em grupo – Expressão Plástica – e, ainda, que se elaborou e ilustrou um texto de 6 linhas – no máximo –, individualmente, que refletiu aquilo de que os alunos mais gostaram do dia de S. Martinho – Português e Expressão Plástica (anexo 27). Por outro lado, a professora estagiária procurou acompanhar o aluno F, explicando-lhe sempre que necessário as regras dos jogos, tentando mostrar-lhe como dramatizar emoções e ações, procurando adaptar o nível de exigência dos cálculos mentais que lhe atribuía e, ainda, acompanhando de perto a produção do cartaz e do texto alusivos ao tema. É de referir, ainda, que os cartazes resultantes destas atividades foram expostos à comunidade, sendo submetidos a uma votação, no contexto da turma, para selecionar o melhor cartaz (anexo 28).

Também no 2º CEB se verificaram as preocupações referidas, servindo, agora, de exemplo as aulas de HGP dos dias 28 de março e 23 de abril, que tiveram como finalidade a promoção do trabalho em grupo, aproveitando, como temática, as celebrações dos 30 anos do golpe militar de 25 de Abril de 1974. A turma foi dividida em 10 grupos, sendo que a cada par de alunos foi atribuído um tema específico, variando entre: Motivos da Revolução, o MFA e a Revolução, Contributo do Capitão S. Maia e do General António Spínola, a Simbologia do Cravo, Músicas de Intervenção e o Contributo da Rádio, as Primeiras Medidas do MFA, a Independência de Angola e Moçambique, a Independência da Guiné-Bissau, a Questão de Timor-leste e, por fim, a Libertação dos Presos Políticos. Cada par de alunos efetuou pesquisa sobre o seu tema e explorou os seus resultados, recorrendo à biblioteca da escola e à internet – trabalho

em grupo e promoção das TIC –, tendo que elaborar textos que refletissem o seu trabalho – Português – e tendo de dispô-los alternando-os com imagens e recortes – expressão plástica – num cartaz para expor nos placards do polivalente da escola – envolvimento com a comunidade educativa. Na verdade, os resultados foram acolhidos com interesse pelos alunos no mesmo local, durante o intervalo que sucedeu a aula de HGP (anexo 29). Esta atividade foi intercalada, também com a exposição de uma gavota como transporte das mensagens dos alunos para Portugal, no contexto destas celebrações, sendo que esta atividade teve como ponto de partida a análise, na aula de Português, da letra da música “Somos Livres”. Ainda nesta atividade, uma estratégia definida no sentido de potencializar as competências dos alunos Z e W passou por, em primeiro lugar, juntá-los no mesmo grupo, promovendo a entreajuda, em segundo lugar, por disponibilizar-lhes um computador com acesso à internet, onde pudessem efetuar pesquisa e, se necessário, traduzi-la e, em terceiro lugar, por convidá-los a recontar a forma como a Guiné-Bissau passou a ser independente através de desenhos, uma vez que ambos revelavam aptidão para tal técnica. Por outro lado, o desempenho de todos os grupos, ao longo de semelhante atividade, foi avaliado por eles mesmos, com recurso a uma grelha de avaliação (anexo 30), tendo em conta os parâmetros e as regras desta técnica que lhes tinham sido dadas a conhecer previamente (anexo 31), o que serviu para se ter um conhecimento detalhado das opiniões dos alunos, cruzando-as com os resultados obtidos, já que, na verdade:

“Essa reflexão é importante para nós [...] educadores, já que temos uma responsabilidade acrescida na compreensão do presente e na preparação do futuro. Compete-nos interpretar na atualidade os sinais emergentes do porvir para o qual estamos preparando as nossas crianças e os nossos jovens cuja formação a sociedade, em parte, quis confiar-nos.”

(ALARCÃO, 2001:10)

Agir/ Intervir

Observar e planejar são atividades que devem preceder a ação/ intervenção, no sentido de, com esta, o professor conseguir proporcionar aos alunos momentos de aprendizagens significativas, ativas, cooperativas, integradas, diversificadas e interdisciplinares, promovendo um ambiente favorável ao desenvolvimento pleno de crianças autónomas, com espírito crítico, curiosas e com respeito pelo próximo. Neste sentido, privilegiou-se a motivação nas aulas, procurando manter-se especial atenção às reações dos alunos, já que *“pela motivação, consegue-se que o aluno encontre motivos para aprender, para se aperfeiçoar e para descobrir e rentabilizar capacidades”* (BALANCHO & COELHO, 2005: 17).

Deste modo, atentando nos interesses dos alunos foi desenvolvido no contexto do 1º CEB o projeto “Calendário da turma” (anexo 32) que, para além da construção do calendário em si, incluiu atividades como a produção de um convite para a festa de anos de cada aluno, a leitura de um poema sobre os meses do ano, a exploração de linhas de tempo e de retas numéricas, a construção de uma linha de tempo que integrava as estações, os meses e os dias, onde cada aluno teve oportunidade de discriminar a data dos seus anos e onde foram marcados o *Halloween*, o dia de S. Martinho e o dia de Natal. Este projeto incluiu, ainda, a elaboração da árvore genealógica da família de cada aluno, a distinção dos conceitos de ano bissexto e de ano comum, a elaboração de um texto – de 5 linhas no máximo – que traduzisse a preferência de cada aluno relativamente às estações do ano, também a produção de um acróstico para cada mês do ano e, por fim, a resolução de situações problemáticas alusivas ao tema, com recurso ao Material Multibásico (MAB). De facto, o projeto “Calendário da Turma” reflete as preocupações da estagiária com procurar estabelecer pontes entre as atividades a desenvolver e a individualidade de cada aluno, chamando-o a participar no processo de construção do próprio conhecimento, pois dessa forma estaria a manter um ambiente

de motivação na sala de aula. Também reflete a sua preocupação com procurar estabelecer pontes entre todas e cada atividade, promovendo a interdisciplinaridade e, em simultâneo proporcionando aprendizagens diversificadas mas integradas. Deste modo, aferiu-se que os alunos se mostravam empenhados e interessados nas atividades que iam sendo desenvolvidas, procurando manter a fidelidade à necessidade de construir a sua docência com base na criatividade e na motivação.

Também neste registo, foram desenvolvidas atividades no contexto do 2º CEB, tendo como ponto de partida os interesses dos alunos, no sentido de procurar gerar neles a motivação necessária a um clima de aprendizagem profícuo. Assim, tendo apurado que a turma revelava forte adesão a momentos de visualização de vídeos (anexo 17) e querendo dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelo professor cooperante, preparou-se a aula de Português do dia 18 de fevereiro, recorrendo às TIC para produzir um vídeo onde era relatada a primeira parte da obra “Ulisses” de Maria Alberta Menéres. Nesta aula, os alunos tiveram de manter-se concentrados durante a visualização do mesmo, sendo que houve a preocupação em legendar o filme com frases em chinês tradicional para que os alunos W e Z conseguissem segui-lo atentamente. Posto isto, a turma teve de realizar um teste de escuta – compreensão oral – cujas folhas de respostas foram trocadas entre os alunos, à ordem da professora, para que procedessem à sua correção. No decorrer desta aula, a estagiária teve oportunidade de aperceber-se das reações de surpresa e entusiasmo dos alunos, tendo aferido que os resultados da atividade realizada foram satisfatórios, já que todos responderam corretamente a mais de metade das questões do teste (anexo 33).

Se a motivação, a interdisciplinaridade e a criatividade constituíram preocupações na preparação de atividades, urge refletir, também, sobre as questões que se levantam ao nível da flexibilidade das planificações e da planificadora, nos momentos de ação e intervenção. Na verdade, foi característica da estagiária a gestão flexível do tempo preconizado para cada atividade, na medida em que se deparou,

quase sempre, com situações em que teve de suprir alguma parte da aula ou despendeu nela menos tempo do que aquele que pensara que precisaria. Se:

“O professor é alguém que está sempre à procura de maiores níveis de perfeição e crescimento pessoal. Ele sabe que, em qualquer circunstância de ensino, os alunos sempre o tomarão como modelo, numa atitude de aceitação ou de crítica.”

(MARQUES, 1973: 10)

Por este motivo, em nosso entender, a liderança é uma das competências fundamentais que um professor deve ter, uma vez que “[...] *o aluno deve obedecer ao professor, porque este último do ponto de vista metodológico da informação é líder.*” (GONÇALVES, 2006: 106). Cabe ao professor, portanto, assumir desde o início uma postura face aos alunos que lhes dê a entender que é possível aprender de forma lúdica desde que se institua um ambiente favorável à aprendizagem onde haja respeito mútuo. Neste contexto, destacamos a aula de matemática do dia 18 de março, que teve como sumário “o volume do cilindro” (anexo 34). Esta teve início, como preconizado, com a formação de grupos de trabalho e a explicitação dos procedimentos a seguir quanto à atividade em si e quanto às regras de trabalho em grupo, que deveriam ser respeitadas por todos, no sentido de instalar um ambiente de aprendizagem profícuo. A atividade – caracterizada pelo método da aprendizagem por descoberta – consistia em fazer a medição do volume de objetos cilíndricos (anexo 35), recorrendo a um copo medidor e a esferovite para enchê-lo, após o que, os alunos deveriam registrar, numa tabela previamente disponibilizada, o número de vezes que tinham de encher o copo medidor e despejá-lo no frasco até não sobrar espaço. Neste copo estavam marcados os 100 cm³ que deveriam ser multiplicados pelo número de vezes que era preenchido e esvaziado, do que resultaria a capacidade do frasco. Numa segunda fase, os alunos deveriam proceder à medição, com uma régua, do diâmetro da base e da altura do objeto e aplicar a fórmula disponibilizada no quadro para determinar o volume do cilindro. No final deveriam comparar os resultados das duas fases do processo e tirar as suas conclusões, partilhando-as com a turma. Todavia, no decorrer da atividade, os

alunos foram perdendo o controlo do tom de voz, passando o murmúrio – indissociável do trabalho de grupo – a um ruído que perturbava o bom funcionamento da aula. Por isso, após ter solicitado aos alunos que baixassem o seu tom de voz, em diferentes momentos, a professora estagiária esperou que todos os grupos tivessem apurado os resultados das suas medições e tomou, enfim, a atitude de ordenar que todos tomassem os seus lugares habituais, separando-se os grupos, já que não estavam a ser respeitadas as regras da sala de aula. Posto isto, pediu aos alunos que, com base nos registos da tabela, partilhassem oralmente as conclusões a que haviam chegado, solicitando-lhes, depois, que resolvessem os exercícios do manual que tinha selecionado previamente para resolver na aula após aquela atividade. Com efeito, constatou que os alunos assumiram uma postura responsável e respeitadora após a sua atitude, o que a levou a crer que, por vezes, é necessário tomar atitudes autoritárias, rompendo com a empatia subjacente às relações professor-aluno, forjando uma distância que se revela necessária no sentido de conseguir afirmar-se como o líder de que falávamos.

Em situações que implicam imprevisto pela parte da professora, esta deve ser capaz de mudar de estratégia deliberadamente, procurando tirar fruto das novas situações. Exemplo de uma situação inesperada, traduz-se no momento em que, numa das manhãs de estágio, no contexto do 1º CEB, estando a estagiária a explicar que entre os hábitos de vida saudável se encontrava a necessidade de descanso e de leitura, o aluno JM interveio, acrescentando que gostava muito de ler e que até se encontrava a ler um livro naquela altura. Para aproveitar a partilha e o interesse do aluno, a estagiária sugeriu-lhe que falasse um pouco sobre a obra aos colegas, o que o aluno fez, beneficiando do seu apoio. No final da sua apresentação, aquela aproveitou para instituir uma nova ideia: sempre que os alunos realizassem leituras, deveriam trazer as obras à presença da turma e partilhar a experiência, já que o ato de ler, também, podia ser tornado num hábito de vida saudável. Dali em diante, verificou-se

que vários alunos foram ganhando confiança e tornando a exposição de obras num momento quase quotidiano.

Por fim, falta referir nesta parte alusiva ao ato de intervir, o trabalho realizado no sentido de envolver a comunidade educativa, já que se revela fundamental a sua presença no desenvolvimento global e holístico dos alunos, uma vez que dela não podem ser dissociados por a integrarem eles mesmos. Neste sentido, para além das evidências que já foram sendo dadas, houve uma preocupação com travar conhecimentos com os corpos docentes de ambas as instituições, bem como com os funcionários que contribuíam para o seu funcionamento e os alunos que, não fazendo parte das turmas participantes neste estudo, com elas interagiam. A título de exemplo, procurou-se participar nas atividades dinamizadas pelas instituições como, no caso do 1º CEB, a feira de Natal para angariação de fundos para adquirir materiais para a escola e, no caso do 2º CEB, a atividade “Café com pais – uma peça a duas gerações”, que consistia num serão passado com alunos e encarregados de educação, explorando várias peças musicais com recurso às TIC. Por outro lado, procurou-se dinamizar atividades que envolvessem a comunidade educativa, de que são exemplos os jogos ao ar livre concretizados na semana das comemorações do S. Martinho – com a turma do 2º A – e a feira “Maratona das Ciências” (anexo 36) realizada no polivalente da escola – com a turma do 6º C.

Enfim, se é fundamental observar para preparar, planear e intervir, tendo em conta a cativação, a interdisciplinaridade, a diferenciação pedagógica e a promoção de um clima de aprendizagem profícuo, consideramos que é, igualmente necessário avaliar todo esse processo, mantendo uma atitude de visão, no sentido em que

“O homem, por nascer inconcluso, diferencia-se [...] por ter desenvolvido (...) uma dimensão projetiva, capacidade que lhe dá hipóteses de antecipar, pelo pensamento, caminhos possíveis, criando e construindo futuros”

(BRAMÃO, 2003: 62)

Avaliar a ação educativa

Segundo MAGER (1975), quando não se sabe ao certo para onde se vai, a viagem tem todas as probabilidades de acabar mal, mesmo antes de se dar por isso, o que, no contexto da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, faz todo o sentido, na medida em que, se não procedermos a uma análise dos resultados obtidos com as aulas que planificamos e concretizamos, jamais saberemos se os objetivos que preconizamos atingir foram, de facto, alcançados. Na verdade, o estágio desenvolvido foi rico em experiências de avaliação, pelo que, este subcapítulo, se encontra dividido em três partes distintas: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa.

Quanto à avaliação diagnóstica, entendemos que serve “[...] *sobretudo para o professor perceber o domínio que os alunos têm sobre conteúdos e [...] competências*” (CARDOSO, 2013: 176), no sentido de adaptar-se aos ritmos de aprendizagem da turma, moldando as suas estratégias às características do grupo. A título de exemplo, recordamos a aula de Português do dia 11 de Março, cuja referida ficha (anexo 22 – consultar subcapítulo relativo ao Observar/ Preparar) em que os alunos deveriam proceder à análise do poema por si elaborado, serviu para efeitos de avaliação diagnóstica, uma vez que se apurou, com os seus resultados, que os alunos do 6ºC confundiam as noções de estrofe e de verso, não respondendo, muitas vezes, às questões relativas à classificação de estrofes quanto ao número de versos e à classificação de versos quanto ao número de sílabas. Por isso, na aula que sucedeu a esta, a estagiária procurou forjar os conhecimentos dos alunos neste campo do português, através da análise em conjunto de um outro poema, também já referido anteriormente – “Somos Livres” de Ermelinda Duarte.

Quanto à avaliação formativa, esta é aquela que abrange todo o processo de ensino-aprendizagem, na medida em que se destina a dar a entender ao professor se os resultados da sua intervenção apontam para uma prática pedagógica bem sucedida.

Neste campo, situamos o *feedback* proporcionado pelos alunos, pelo par pedagógico, professores cooperantes e professores supervisores, como sendo um instrumento fundamental para a estagiária, na medida em que lhe permitiu alterar a sua postura e as suas metodologias sempre que necessário no sentido de proporcionar à turma aprendizagens diversificadas e significativas. Como exemplo deste tipo de avaliação, salientamos a aula de Ciências da Natureza do dia 18 de Março, em que, tendo desenvolvido a atividade da “Caixa Surpresa” (anexo 37) alusiva ao tema “aparelho reprodutor masculino”, distribuiu-se uma ficha de aplicação aos alunos (anexo 38), que serviu para verificar que todos tiveram um desempenho satisfatório – já que, em apenas seis situações se verificaram respostas erradas –, identificando as funções de cada órgão deste sistema. Todavia, como *feedback*, a professora cooperante sugeriu que tomasse especial atenção quanto ao tempo dispendido com a atividade de cativação, no sentido de não descurar a parte relativa à coadjuvação dessa atividade com a transmissão de conhecimentos em si.

Também, no contexto deste tipo de avaliação, destacamos a importância da transmissão prévia aos alunos dos objetivos a atingir com cada atividade, já que é necessário o aluno saber de antemão que está a ser avaliado e quais os critérios em que se baseia essa avaliação, caso contrário, estará a realizar exercícios sem saber qual o rumo que deverá seguir, qual o motivo de ser esse e não outro rumo e, ainda, quais os resultados esperados de si, o que pode desencadear em fenómenos de frustração e desmotivação. Também por este motivo, consideramos fundamental a comunicação dos resultados da avaliação formativa aos alunos, em tempo útil, na medida em que, se assim não for, quando os interpelarmos com aqueles resultados, não compreenderão por que erraram, porque não se lembrarão do esforço dispendido na execução da tarefa, o que poderá resultar, também, em fenómenos de desmotivação, em vez de contribuir para uma nova aprendizagem. Relacionada com isto, está também a necessidade de proporcionar-lhes momentos de autoavaliação, já que com eles,

convidamos os alunos a pensar no seu desempenho enquanto estudantes e a procurar soluções para os seus problemas ou estratégias para potenciar as suas competências. Neste sentido, procurou-se, quer ao nível do 1º CEB, quer ao nível do 2º CEB, preparar atividades que promovessem o sentido crítico nos alunos, bem como hábitos de introspeção, no sentido de contribuir para a construção do seu autoconhecimento, porque é fundamental o aluno enquanto pessoa, tomar decisões e ser “[...]capaz de *autoregular-se a partir da sua capacidade de auto-estima e de autocontrole* [...]” (TAVARES cit. in ALARCÃO, 2001: 46).

Por fim, a avaliação sumativa traduz-se em momentos em que o professor procura perceber o que o aluno reteve do processo de ensino-aprendizagem e atribuir-lhe uma classificação. Neste campo, houve oportunidade de assistir a momentos de realização de testes sumativos nos contextos do 1º e do 2º CEB, sendo facultado pelos professores cooperantes e pelos próprios alunos o acesso às classificações obtidas com os mesmos. Ricas foram, ainda, as experiências em que se participou no processo de elaboração destes testes, contribuindo com a elaboração das questões em si e com a discriminação dos critérios de correção e cotações para as respostas esperadas dos alunos (anexo 39). Por fim, houve a oportunidade de experienciar momentos de correção de testes, bem como de elaboração de grelhas de classificações quantitativas e qualitativas, onde estavam discriminadas as cotações atribuídas a cada resposta.

Na verdade, consideramos que o ato de avaliar a ação educativa não forja, necessariamente o final de um processo de ensino-aprendizagem assente em observação, planeamento e ação, mas forja, antes, uma construção da identidade do professor enquanto docente, essencial ao despertar da vontade de mudar, inovando e **cativando**.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atingindo o culminar deste estágio no âmbito do Mestrado em formação de professores relativo ao Ensino no 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, urge refletir sobre o conhecimento acrescido, sobre os obstáculos e limitações encontrados, sobre as expectativas que antecederam o caminho percorrido e, acima de tudo, sobre o contributo desse percurso para a construção da profissionalidade do professor.

QUIVY & CAMPENHOUDT dizem-nos que:

“Em ciências sociais temos de nos proteger de dois defeitos opostos: um cientismo ingénuo que consiste em crer na possibilidade de estabelecer verdades definitivas e de adoptar um rigor análogo ao dos físicos ou dos biólogos, ou, inversamente, um cepticismo que negaria a própria possibilidade de conhecimento científico. Sabemos simultaneamente mais e menos do que, por vezes, deixamos entender.”

(1995: 20).

Na realidade, não se pretendia com este trabalho construir novos pilares de conhecimento sobre ensinar nestas duas valências, mas sim, não só elevar o nível de conhecimento sobre métodos, técnicas e metodologias necessário a um profissional da educação, como também, elevar o conhecimento da necessidade emergente de coaduná-los com a realidade em que se pretende aplicá-los. Até porque ao professor *“não pode exigir-se que domine minuciosamente todas as técnicas necessárias. O seu papel específico será o de coordenar as operações com o máximo de coerência e de eficácia.”* (Idem: 15).

Este papel de se exigir a si mesmo uma tentativa de ser coerente e eficaz na prática pedagógica vem evitar

“(…) levar o aluno a odiar a matemática ou as línguas ou qualquer outra área disciplinar, cultivar o medo ou criar-lhe uma mentalidade pouco aberta e investigadora, ou desenvolver deficientemente técnicas de aprendizagem e de estudo de tal forma que o aluno se confronte com permanentes dificuldades nos anos seguintes.”

(ZABALZA. 1994: 8)

uma vez que o trabalho do profissional de docência generalista está direcionado para o pleno desenvolvimento das capacidades do aluno, procurando promover nele o sentido crítico, a autonomia, uma atitude cívica e sustentável, a descoberta de si mesmo e da necessidade de uma projeção dos seus estudos para o futuro.

De facto, ao longo do caminho percorrido, houve uma tomada de consciência e compreendeu-se a complexidade e a dificuldade de manter presente durante cada momento do trabalho de observação, planificação, intervenção e avaliação todos estes objetivos educacionais iminentes do facto de se ser constantemente assaltado por dúvidas e constrangimentos referentes às escolhas feitas e às decisões tomadas.

Incluída nessa imensa panóplia de obstáculos e limitações com que o profissional da educação se depara ao longo da sua vida de pedagogo, está a tal necessidade de ter em conta a Diferenciação Pedagógica tantas vezes referida nestas páginas. Os alunos não são todos iguais, nem apresentam as mesmas realidades sócio-económicas, religiosas ou étnicas. Cada um se apresenta como indissociável do seu micro-sistema, pelo que cabe ao professor procurar conhecê-lo e compreendê-lo, a fim de poder dali tirar partido aquando da interpretação daquilo que observa e daquilo que planifica

Por outro lado, o próprio ato de planificar também figura no conjunto de limitações encontradas ao longo do percurso em análise, já que como, ZABALZA explica, a planificação trata-se,

“[...] de prever cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir e como poderíamos levar a cabo um plano para as concretizar.”

(1994: 48)

Então, pensa-se que este ato de plasmar ideias pode, por vezes, ser redutor, no sentido em que nem sempre dispomos de recursos humanos, materiais ou tecnológicos

para as concretizar, o que logo à partida nos impede de planificar da forma tão original quanto gostaríamos.

Por outro lado, quando a planificação surge com o intuito de o profissional reduzir a ansiedade e a incerteza, pode assumir uma forma tão rígida que não contemple situações na sala de aula que impliquem imprevisto da sua parte. Contudo, o facto de uma planificação ser flexível não pressupõe que o professor, perante uma situação imprevista atue em conformidade com aquilo que consideraria ser mais benéfico se tivesse tempo de amadurecer a ideia.

Com isto, entende-se que a capacidade de improvisar perante situações inesperadas nem sempre se revela suficiente, por isso, pensa-se que apenas após o hábito decorrente de alguns anos de experiência pode permitir ao professor fazer planificações tão imprecisas e flexíveis que não comprometam a sua prática pedagógica, caindo no erro de “[...] *a tarefa de planificação reduz[ir]-se à selecção do texto a utilizar.*” (Idem: 49)

Outra das dificuldades sentidas reside no ato de avaliar, uma vez que se procurou sempre facultar aos alunos os resultados dos processos avaliativos a eles aplicados, mas por falta de tempo, nem sempre foi possível. Tal como já explicámos, tal falha revela-se contraproducente, no sentido em que pode contribuir para a sua desmotivação no que diz respeito ao caminho que devem percorrer nos processos de ensino/aprendizagem em que estão inseridos. Sem conhecerem os objetivos das tarefas que lhes são propostas e sem conhecerem os resultados posteriores à sua realização poderão perder o interesse de crescer em conhecimento e potencializar as suas capacidades.

Por outro lado recordamos as palavras da Menina do Mar, já que expressam outra limitação encontrada no decorrer de todo o estágio:

“E eu que pena tenho de não te poder levar para o fundo do mar para te mostrar as florestas de algas, as grutas de corais e os jardins de anémonas.”
(ANDRESEN. 1958: 7)

Esta limitação traduz-se no facto de o professor, por vezes, ter uma vontade tal de proporcionar aos seus alunos todas as experiências que ele próprio gostaria de viver, que se sente frustrado por não conseguir concretizá-las. Por que razão se considera isto uma limitação? Porque para um professor, lidar com a frustração pode tornar-se uma tarefa tão desgastante que pode conduzi-lo à desmotivação. Se nalgumas situações esta vontade foi benéfica, na medida em que a estagiária se tornou mais criativa na preparação das atividades, noutras foi prejudicial, no sentido em que a tornou vulnerável perante a sua conceção de implicação, esforço e eficácia e perante o seu propósito educativo de **Cativar** para libertar.

Concordamos com PEREIRA, quando nos diz que “*A vida é um hipermercado ampliado. Uma grande superfície onde nos expomos a um fogo cruzado de experiências e seduções.*”, na medida em que um professor e o grupo de alunos que ensina são indissociáveis de uma comunidade educativa e que, por esse motivo, o processo de ensino/ aprendizagem de que são atores sofre constantemente influências daquela.

Por este motivo, acreditamos que “[...] *como prática, a educação não pode terminar numa análise, por mais inteligente que seja. Tem um interesse constitutivo na acção emancipadora.*” (APPLE cit in GUERRA. 2003: 80). Assim, embora não esteja só, o profissional desta ciência social tem de escolher em que direção dar os seus próprios passos para começar a construir a sua profissionalidade.

No que diz respeito às expectativas sentidas no início da etapa da formação de professores de que este relatório é retrato, apuram-se as seguintes palavras que demonstram alguns dos constrangimentos vividos:

“Sinto-me insegura, incapaz. Sinto-me como se não devesse jamais ter escolhido este rumo para a minha vida profissional. Sinto que não sei o suficiente para me dedicar à prática docente nem, tampouco, o suficiente conhecimento científico para transmitir a uma turma de vinte alunos do 2º ano. Tenho muito receio de não corresponder àquilo que é esperado de mim pelos outros, e medo de desiludir-me a mim mesma, de trair a minha autoconfiança.”

(anexo 40 – reflexão de 18 de Setembro de 2013)

Estas dúvidas foram em parte superadas durante o primeiro estágio, verificando-se uma alteração das expectativas no início do segundo estágio:

“Se antes me sentia perdida e pensava que jamais descobriria um conjunto suficiente de razões para exercer a profissão de professora, agora sei que quero fazê-lo. Já me encontrei e aos meus motivos. Já me conheço mais e tenho vontade de ver sempre o “ser professora” como um estilo de vida [...]. Quero ser motivada e feliz no meu trabalho.”

(anexo 41 – reflexão de 5 de Fevereiro de 2014)

Após a concretização de todo o trabalho de investigação pedagógica aplicado nos contextos apresentados, conclui-se que estas expectativas foram em parte superadas, uma vez que, agora, se reconhece que a dúvida é algo que faz parte do processo de autoconstrução e que, como tal, poderá nunca vir a deixar de ser sentida.

Por outro lado, no que concerne ao rumo escolhido para a continuação da construção da profissionalidade, dá-se lugar, agora, à certeza do seu lugar em que se quer estar. Embora permanecendo na dúvida, descobriu-se que ser professor é muito mais do que uma profissão, porque um professor pode alterar o rumo da vida de um aluno, só tem de se transformar a profissão numa forma de vida, num apostolado. Só tem de se viver intensamente o presente, para que quando se sentir saudade deste, esta seja uma nostalgia doce e serena, porque *“A saudade é a tristeza que fica em nós quando as coisas de que gostamos se vão embora.”* (ANDRESEN.1958) e não pretendemos sentir tristeza, mas sim realização, por termos conseguido **cativar** e libertar os nossos educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel (2001) *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade* Porto Alegre: Artmed Editora.

APA, (2012) *Manual de publicação da APA/ American Psychological Association*. Porto Alegre: Penso.

ANDRESEN, Sophia M. Breyner. (1958). *A Menina do Mar*. Porto. Figueirinhas Editora.

BALANCHO, M. & COELHO, F. (2005). *Motivar os alunos criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*, Lisboa: Texto Editores.

BOYD, Denise & BEE, Helen. (2011). *A criança em crescimento*. Porto Alegre. Artmed.

BODGAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994), *Investigação qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

BRAMÃO, Beatriz. (2003). *Novos/ velhos desafios – Licenciatura em Ensino Básico (1º ciclo)*. Saber (e) Educar: 8.

CABANAS, José Maria Quintana (2002) *Teoria da Educação – Conceção antinómica da educação*. Porto: Edições ASA

CARDOSO, Jorge Rio (2013) *O Professor do Futuro – Valorizar os professores, melhorar a educação*. Lisboa: Guerra e Paz Editores S.A

CLOSETS, François de (2002) *A Felicidade de aprender – e como ela é destruída* Lisboa: Terramar.

FERREIRA, Ana Luísa & ASSUNÇÃO, Ana Catarina (2013) *Problematizar a Educação: um testemunho na construção da profissionalidade*. Saber (e) Educar: 18

GONÇALVES, Daniela. (2006). *Da Inquietude ao Conhecimento*. Saber (e) Educar: 11.

GOURGAND, Pierre. (1977). *Psicologia e pedagogia – as técnicas de trabalho de grupo*. Lisboa: Moraes editores.

GOUVEIA, João. (2007). *Métodos, Técnicas e Jogos Didáticos – Recurso Didático para Formadores*. Braga: Exponente – Serviços de Economia e Gestão. S.A.

GUERRA, Miguel Ángel Santos. (2003). *Uma seta no alvo: a avaliação como aprendizagem*. Porto: ASA

HAIGH, Alain (2010) *A arte de ensinar – grandes ideias, regras simples*. Afragilde: Academia do Livro, Leya

MARQUES, Juracy C. (1973) *A aula como processo – um programa de auto-ensino*. Porto Alegre: Editora Globo.

PARENTE, C. (2002). *Observação: um percurso de formação, prática e reflexão*, Porto: Porto Editora

PEREIRA, Henrique M. S. (1998). *Pequenos grandes valores: uma provocação à Pós-Modernidade*. Saber (e) Educar: 3.

PEREIRA, Henrique Manuel S. & SILVA, Cristina Vieira (2006). *Entrevista: pela Educação com António Nóvoa*. Saber (e) Educar: 11.

POMBO, Olga et al (2006) *Interdisciplinaridade – antologia*. Porto: Campo das Letras

QUIVY, Raymond. CAMPENHOUDT, LucVan. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

SERRA, Helena. (2005). *Paradigmas da inclusão no contexto mundial*.
Saber (e) Educar: 10.

ZABALZA, M. (1994). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Rio Tinto: Edições ASA

ZABALZA, M. (1996). *Os dez aspetos-chave de uma educação infantil de qualidade*. Porto Alegre: Artmed.

Legislação:

Decreto-Lei n.º 241/2001, DR. I Série – A, 30-08-01

Despacho Normativo nº 9265, DR. I Série – B de 15-07-2003

Lei nº 49/ 2005, DR. I Série – 30-08-05

Decreto-Lei n.º 75/ 2008, DR: I Série – n.º 79, 22-04-08

Documentação da instituição:

Projetos Educativos das Instituições A e B (2012/ 2015)

Regulamentos Internos das Instituições A e B (2012/ 2015)

Planos Anuais de Atividades das Instituições A e B (2013/ 2014)

Plano Curricular da turma do 2º A do 1º CEB (2012/ 2013)

Plano trimestral de atividades para o 2º ano do 1º CEB – Instituição A (2013)

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Reflexão sobre a interdisciplinaridade.

Anexo 2: Exemplo de uma *Checklist*

Anexo 3: Grelha de planeamento semanal de atividades

Anexo 4: Grelha de planeamento diário de aulas – por disciplina

Anexo 5: Grelha de correção das composições de Português – 2º CEB

Anexo 6: Ficha de anamnese do aluno F

Anexo 7: Inquérito por entrevista a uma professora especializada em Pedagogia Diferenciada

Anexo 8: Inquéritos por questionário aplicados nos contextos de 1º e 2º CEB

Anexo 9: Organigrama da Instituição A e lista de funções dos órgãos administrativos da Instituição B

Anexo 10: Reflexão sobre a caracterização do aluno F

Anexo 11: Gráficos dos dados apurados junto dos alunos do 1º CEB

Anexo 12: Gráficos dos dados apurados junto dos alunos do 2º CEB

Anexo 13: Exemplo de uma nota de campo com registo de incidente crítico

Anexo 14: Reflexão sobre o comportamento do aluno F – 11 de novembro de 2013

Anexo 15: Reflexão sobre o comportamento da aluna S – 18 de fevereiro de 2014

Anexo 16: Plano de apoio ao aluno F

Anexo 17: Vídeo Legendado “Ulisses” de Maria Alberta Menéres

Anexo 18: Planificações: Semana das atividades do Magusto (1º CEB) Aula de Português do dia 18 de fevereiro (2º CEB) e Aula de História e Geografia de Portugal do dia 28 de março

Anexo 19: Fotografias da decoração da biblioteca alusiva ao conto “A girafa que comia estrelas de J. E. Agualusa

Anexo 20: Planificação da atividade alusiva ao conto “A girafa que comia estrelas” de J. E. Agualusa

Anexo 21: Fotografias do mobile resultante da atividade de Educação para a cidadania (1º CEB)

Anexo 22: Planificação da aula de Português do dia 11 de março (atividade “O Mar Português de Outras Pessoas”)

Anexo 23: Reflexão do dia 27 de março de 2014

Anexo 24: Fotografias do painel de azulejos “O Mar Português de Outras Pessoas”

Anexo 25: Reflexão do dia 29 de outubro de 2013

Anexo 26: Reflexão do dia 15 de março de 2014

Anexo 27: Exemplo de uma composição alusiva às comemorações do S. Martinho

Anexo 28: Fotografias de cartazes alusivos ao S. Martinho, realizados pelos alunos em grupo

Anexo 29: Fotografia da exposição dos trabalhos de grupo de HGP

Anexo 30: Grelhas de autoavaliação de trabalho de grupo

Anexo 31: *PowerPoint* “As regras do trabalho de grupo”

Anexo 32: Planificação do projeto “Calendário da Turma”

Anexo 33: Resultados do teste de escuta relativo ao vídeo “Ulisses”

Anexo 34: Planificação da aula de Matemática do dia 3 de abril

Anexo 35: Fotografias da atividade de medição do volume do cilindro

Anexo 36: Fotografias do “Café com pais” e da “Maratona das Ciências”

Anexo 37: Fotografias da atividade “Caixa Surpresa”

Anexo 38: Ficha de aplicação sobre o “Aparelho Reprodutor Masculino”

Anexo 39: Teste de HGP e grelha de resultados

Anexo 40: Reflexão sobre as expectativas para o estágio no contexto do 1º CEB

Anexo 41: Reflexão sobre as expectativas para o estágio no contexto do 2º CEB

Anexo 1: Reflexão sobre a interdisciplinaridade

Interdisciplinaridade – o que é isso?

Perante a emergência da pluridisciplinaridade característica dos tempos hodiernos, surge a necessidade de refletir sobre a ligação que deverá existir entre todas as disciplinas que a constituem, aquando da construção do conhecimento científico, duma forma que subjaza cada uma delas de forma complementar e global. A essa ligação vamos chamar, por ora, de Interdisciplinaridade. Deste modo, procurámos enredar os resultados da pesquisa que efetuámos numa reflexão que evoca a noção de atitude científica de John Dewey, trasladando-a para um ponto de vista pedagógico, através de um confronto com os testemunhos de Georges Gusdorf, de Jean Piaget e de Georges Vaideanu.

Para o primeiro autor, a atitude e o método científico são, não só a base, mas também o método da livre e efetiva inteligência, acreditando que não é exequível que todos os seres humanos se tornem praticantes de uma ciência particular, mas que é desejável que todos se tornem científicos no seu modo de pensar e agir, cabendo àqueles que já são conscientes desta realidade tomar a dianteira na cooperação com os outros, tornando familiar a universalidade inerente ao método científico (DEWEY, cit in POMBO et al, 2006: 78).

Para ilustrar esta ideia, Georges Gusdorf, utiliza uma parábola indiana para traduzir o maior obstáculo que esta atitude científica ou interdisciplinaridade poderá vir a encontrar: o epistemológico. A parábola *“evoca quatro cegos que encontraram um elefante; cada um tocou numa parte; um pretende que o elefante é uma folha muito grande, porque agarrou a orelha do animal; o que encontrou a pata pretende que o animal tem a forma de uma coluna; o ventre do animal faz pensar numa jarra bojuda e a tromba lembra uma grossa serpente.”* (GURDORF, 1986; cit in POMBO et al, 2006: 48) O autor compara os cegos da parábola com “o especialista” que toma a parte pelo todo, pronto a sustentar que o todo não existe ou é incognoscível, uma vez que, cativado

pelos detalhes, perde o sentido dos conjuntos, por já não conseguir situar-se em relação a eles.

No seu pensar, nos últimos duzentos anos, tem vindo a verificar-se que a especialização ilimitada das disciplinas científicas conduziu a uma fragmentação crescente do horizonte epistemológico (idem: 52), por isto acreditamos que, neste ponto de vista, atravessamos, neste momento, uma crise de carência de interdisciplinaridade, na medida em que, quanto mais se reduz o objeto de estudo, mais se reduz a órbita de conhecimento resultante, independentemente da quantidade de informação produzida.

O mesmo autor acrescenta, ainda, que a inteligência interdisciplinar é pois uma epistemologia da complementaridade, recusando todas as epistemologias da dissociação e implica uma reforma das estruturas investigativas que têm estado em vigor nos últimos tempos, já que reagrupa todos os propósitos da investigação nos diversos domínios do saber (idem: 57).

Para transladarmos estas sábias palavras para um ponto de vista científico-pedagógico, fazemos valer-nos, agora, de palavras mais antigas como estas: “(...) *se os conceitos de forma e de conteúdo são sempre relativos e não absolutos, então, a questão das fronteiras da formalização converte-se num problema de relações entre eles e torna-se compreensível que nenhuma forma se possa bastar a si própria.*” (PIAGET; cit in POMBO et al, 2006: 68).

Na verdade, se estamos perante uma fragmentação da ciência em campos de investigação cada vez mais específicos, torna-se necessária a unificação de todo o conhecimento científico resultante dessas inúmeras investigações, no sentido de não perdermos a noção do todo para que cada uma delas contribui, porque todas se complementam e nenhuma subsiste por si só (acho que aqui fiz um pleonasma).

Deste modo, acreditamos que é através da promoção da criação e proliferação de atividades que incluam um tanto de várias áreas do saber que pedagogicamente se contribui para a formação de seres que, desde cedo, estarão familiarizados com um conhecimento científico à medida da sua condição de ser humano: um conhecimento

global e holístico, já que no ensino tradicional já havia uma tendência para uma multiplicação das conexões entre disciplinas, só que não estava ainda potenciada (VAIDEANU, 1987; cit in POMBO et al, 2006: 161).

Falta ainda referir que a interdisciplinaridade não tem finalidades estritamente científicas, mas também sociais do ponto de vista da formação de seres com competências como a “(...) *autonomia intelectual, a atitude democrática ou o respeito pelos valores espirituais (...)*”, sendo que “(...) *estas não podem realizar-se senão pela integração e superação dos recursos específicos das disciplinas isoladas.*” (idem: 165).

Em suma, se a interdisciplinaridade representa uma nova atitude científico-pedagógica, pretendemos, doravante, assumir uma postura cooperante com uma reforma que nos impele para uma análise crítica do trabalho que vai sendo feito ao nível da conceção e planificação de atividades, bem como dos materiais didáticos que estas implicarem.

Anexo 2: Exemplo de uma Checklist

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA

Nome da instituição:
Professora Cooperante:
Professora Estagiária:

Data:
Ciclo: Ano:
Turma:

Relação Professor/ Aluno	Sim	Não	Observações
Elogia a ação ou comportamento assertivo dos alunos.			
Incentiva e encoraja para a ação ou comportamento adequado.			
Dá oportunidades de participação aos alunos.			
Adota e promove regras de convivência, colaboração e respeito.			
Aceita e clarifica comportamentos ou respostas dos alunos de uma forma acolhedora.			
Mostra-se disponível para o atendimento e apoio aos alunos.			
Reorganiza os períodos de confusão facilitando a comunicação.			
Promove ações desenvolvidas para a manutenção da disciplina na sala de aula.			
Propicia um ambiente calmo na sala de aula.			
Doseia a autoridade ou a crítica - Faz advertências.			
Relação Aluno/ Aluno			
Observa-se respeito pelas intervenções dos colegas.			
Promove-se a interajuda entre os alunos.			
Controlam-se as conversas paralelas.			
Observam-se desacordos.			
Promove-se exposições de pontos de vista relativamente à opinião dos colegas.			
Respeitam-se uns aos outros evitando distrações.			
Cooperam em grupo.			
Observam-se momentos de partilha.			
Observam-se momentos de solidariedade.			
Experiências de Aprendizagem			
Promove experiências de aprendizagem diversificadas.			
Apresenta relação na promoção das competências transversais e nas competências específicas.			

Auxilia os alunos que apresentam dificuldades na realização de tarefas.			
Proporciona momentos e promove a interdisciplinaridade.			
Recorre a situações do quotidiano para auxiliar a compreensão dos conteúdos.			
Dinamiza atividades de forma individual, em pares e em grupo.			
Envolve e motiva os alunos nas situações de ensino/aprendizagem.			
Cria condições favoráveis à aprendizagem.			
Proporciona momentos de reflexão e debate entre alunos.			
Permite o esclarecimento de dúvidas.			
Metodologias e Recursos			
Planeia previamente a aula.			
Utiliza diferentes metodologias adequadas às atividades realizadas.			
Adapta as metodologias às necessidades da turma.			
Readapta as metodologias perante um possível imprevisto.			
Utiliza recursos variados.			
Recorre a recursos existentes na sala de aula.			
Utiliza recursos para além dos existentes na sala de aula.			
Existe tempo destinado para a intervenção do aluno.			
Avaliação			
Formula perguntas tendo em conta o conteúdo programático.			
Utiliza estratégias tendo em conta os conteúdos programáticos.			
Proporciona momentos de feedback aos alunos.			
Utiliza os resultados dos alunos na preparação, organização e realização das atividades letivas.			
Promove auto e heteroavaliação dos alunos.			
Elabora fichas de consolidação de conhecimentos.			
Recorre a sínteses de conteúdos.			
Valoriza as participações dos alunos em aula.			

Anexo 3: Grelha de planeamento semanal de atividades



FACULDADE DE
DEPARTAMENTO DE
FORMAÇÃO EM
EDUCAÇÃO BÁSICA

ESTÁGIO NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO – 2013/2014

MESTRADOS PROFISSIONALIZANTES - PERFIL 3 E 4

Prática de Ensino Supervisionada I

Estágio II

FOLHA DE REGISTO – Orientação Tutorial

Mês de: _____

DATA E HORA	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS A DESENVOLVER PELOS ESTAGIÁRIOS NAS PRÁTICAS	ASSINATURA DO PROFESSOR COOPERANTE
Semana de ___ a ___ Das ___ às ___		
Semana de ___ a ___ Das ___ às ___		
Semana de ___ a ___ Das ___ às ___		
Semana de ___ a ___ Das ___ às ___		
Semana de ___ a ___ Das ___ às ___		
ASSINATURA DO ESTUDANTE:		

Anexo 4: Grelha de planeamento diário de aulas – por disciplina

Nome da Instituição cooperante
Supervisora:

2º CEB / Ano: / Turma:
Data:

Logótipo da instituição cooperante

Professor Cooperante:

Professora Estagiária: M^ª Leonor B. Faro

PLANIFICAÇÃO DE AULA

Disciplina:

Duração: (em minutos)

Sumário:



DISCIPLINA	DOMÍNIO	SUBDOMÍNIO	OBJETIVOS GERAIS	DESCRITORES DE DESEMPENHO	ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES	RECURSOS	AValiação
Horário:						Humanos: Materiais:	Modalidade: Técnica: Instrumentos:

OPERACIONALIZAÇÃO:

Anexo 5: Grelha de correção das composições de Português – 2º CEB

Nome do aluno	Coerência textual	Coesão textual	Ortografia	Cumprimento dos pontos pedidos	Respeito pelas regras de diálogo	Criatividade	Título	Desconto pelas repetições	total
Cotações	12.5	12.5	12.5	12.5	12.5	12.5	12.5	12.5	100
MP	10	12.5	10	12.5	10	5	10	5	75%
JM	10	10	12.5	0	0	12.5	10	7	62%
F	8	12.5	12.5	5	12.5	12.5	12.5	8	60.5%
S	8	10	5	12.5	12.5	5	0	7	60%
N	6	5	6	12.5	0	0	0	7	49.5%
R	6	6	6	6	0	12.5	6	6	48.5%
JB	6	6	6	6	0	12.5	6	6	65.5%
B	6	6	12.5	12.5	0	12.5	6	10	65%
L	6	6	12.5	12.5	6	10	12.5	6	71.5%

J	8	8	12.5	12.5	12.5	6	6	6	6	6	65%
AB	8	6	12.5	12.5	12.5	12.5	6	6	6	6	70%
MG	10	5	12.5	12.5	12.5	12.5	10	10	6	6	81.5%
A	10	10	12.5	12.5	12.5	6	6	12.5	10	10	79.5%
M	10	6	6	10	10	0	6	10	6	6	54%
CD	6	6	12.5	12.5	12.5	6	10	10	6	6	69%
L	6	6	6	10	10	10	6	6	10	10	60%
W	6	6	6	0	0	0	6	6	10	10	40%

19 de Março de 2014

Anexo 6: Ficha de anamnese do aluno F

Dados Fornecidos por: Mãe, prof. Titular de turma e prof. de EE.

Dados individuais

Nome: aluno F

Data de nascimento: 02/ 02/ 2006.

Sexo: masculino.

Naturalidade: portuguesa.

Residência: confidencial.

Telefone: confidencial.

Agregado familiar

Mãe

Idade: 33 anos.

Profissão: desempregada.

Estado civil: casada.

Habilitações académicas: 9º ano.

Pai

Idade: 34 anos.

Profissão: lavador de veículos.

Estado civil: casado.

Habilitações académicas: 8º ano.

Número de irmãos: 3 (2 dos quais são gémeos).

Idades: gémeos – 2 anos; irmão mais novo – 1 ano.

Outras pessoas que convivem com a criança

Grau de parentesco: avós paternos e avó materna.

Profissões: reformados.

Idades: avós paternos – 68 anos; avó materna – 56 anos.

Dados sobre o período pré-natal

Idades dos pais quando a criança foi concebida: mãe – 25 anos; pai – 26 anos.

Existe consanguinidade? Não. Tipos de sangues diferentes.

Gravidez desejada, planeada, acidental, mal aceite? Acidental.

Foi uma gravidez normal? Sim.

Teve assistência médica durante o período de gravidez? Só soube que estava grávida 17 dias antes do parto, por isso foi muito pouco acompanhada.

Durante a gravidez a mãe alimentava-se bem? Não.

Teve alguma doença? Não. **Fumou?** Sim.

Consumiu drogas? Não.

Ingeriu bebidas alcoólicas? Não.

Local de nascimento da criança: Hospital Público de Gaia.

Período Perinatal

Tipo de parto: normal.

Após o nascimento, a criança demorou a chorar? Sim, o choro foi provocado.

Período pós-natal

A criança mamou logo? Tentaram, mas a mãe não tinha leite.

Período de estadia do hospital até receber alta: 1 mês e 6 dias.

Apresentou sinais traumáticos? Não.

Teve convulsões? Não.

Os médicos informaram os pais sobre a eventualidade de haver problemas? Sim. Os pais foram informados de que tinha ocorrido a contração de um vírus durante a gravidez (Citomegalovírus).

Dados sobre o desenvolvimento da 1ª infância

Desenvolvimento motor

Sentou-se aos: 9/ 10 meses.

Pôs-se de pé apoiado ou não aos: 12 meses.

Gatinhou? Não.

Com que idade começou a andar? 20 meses.

Apresenta lateralidade definida? Não. Não distingue as lateralidades.

Apresenta algum tipo de descontrolo de movimentos? Sim.

Apresenta dificuldades de coordenação, agilidade e equilíbrio.

Desenvolvimento da linguagem

Com que idade começou a balbuciar? Perto dos 2 anos.

Fez gestos de comunicação? Sim. Nomeadamente apontamento para coisas.

Quais as palavras que utiliza com maior frequência? Fala frequentemente sobre computadores e relógios, verificando constantemente as horas no seu relógio de pulso.

Atualmente apresenta algum problema de linguagem? Sim. Pronuncia qualquer “r” com o som “rr”.

Capacidade visual: apresenta algum deficit? Não foi despistado ainda.

Capacidade auditiva: apresenta algum deficit? Não.

Dados sobre a saúde da criança

Tem as vacinas em dia? Sim.

Quais as doenças que já contraiu? Bronquiolites e varicela (aos 3 anos).

Faz alergias? Aparentemente não.

A criança na família

Quantotempo passa com os pais? Está com os pais a partir das 18h da tarde.

Que atividades realiza diariamente em casa? Brinca com os irmãos e com os pais. Vê televisão. Brinca no computador. Ouve música.

Atividade predileta: estar no computador.

Com quem gosta de brincar? Pais e irmãos.

Como passa os fins-de-semana? Geralmente passam os fins-de-semana na companhia dos avós paternos.

Observações: a avó materna costuma acompanhar o aluno Z durante a semana.

O sono

Dorme bem? Sim.

Adormece sozinho? Sim.

Costuma acordar durante a noite? Não. Apenas costuma acordar cedo e dirigir-se para a cozinha para tomar o pequeno-almoço.

Tem medos? Teme a polícia.

A que horas costuma ir deitar-se? Entre as 21:30h e as 22:00h.

A que horas se levanta? Entre as 7:30h e as 8:00h.

Dorme sozinho? Os irmãos gémeos partilham o mesmo quarto.

Alimentação

Come bem? Sim. **Qualidade:** come um pouco de tudo.

Número de refeições por dia: 6. **Alimentos que rejeita:** nenhum.

Come sem ajuda? Sim. **Utiliza os talheres?** Sim.

Mastiga bem? Dificuldades em mastigar com a boca fechada.

Dados sobre a higiene pessoal

Apresenta controlo esfinteriano? Sim. Pede sempre a alguém que lhe desaperte o botão das calças para ir à casa de banho.

Vai sozinho à casa de banho? Sim.

Lava as mãos sozinho? Sim.

Escova os dentes sozinho? Sim.

Penteia-se? Ainda não. **Despe-se?** Sim, mas tem dificuldade em desapertar botões e apertar os cordões. **Veste-se?** Sim.

Estes hábitos são promovidos pelos pais? Sim, mas o aluno não é autónomo no que diz respeito à lavagem dos dentes.

Antecedentes escolares

Frequentou o infantário? Sim. **Onde?** Confidencial.

Com que idade entrou para a Creche/ o Jardim de Infância? 2,7 meses.

Durante quanto tempo frequentou a educação pré-escolar? 4 anos.

Frequenta o Ensino Básico? Sim. **Com que idade ingressou no 1º ano do 1º CEB?** 6 anos.

Alguma vez pediu adiamento escolar? Não.

Que escola do Ensino Básico frequenta? Confidencial.

Gosta da escola? Sim.

Observações gerais: Diagnóstico de Défice Motor ao nível das capacidades condicionais e coordenativas (principalmente) e défice de atenção e concentração.

Anexo 7: Inquérito por entrevista a uma professora especializada em Pedagogia Diferenciada

Entrevistadora: pessoa entrevistada: professora M; entrevistadora: Maria Leonor de Brito e Faro; Assunto: a maturidade linguística e a aprendizagem da linguagem e da leitura e da escrita numa criança portadora de microcefalia.

Então, professora M, boa tarde.

M: Boa tarde!

E: Ehh... Como já 'tive a explicar há um bocadinho, vamos fazer aqui uma pequena conversa sobre algumas questões que se prendem com o facto de haver alguma relação subjacente entre a aprendizagem da linguagem e a aprendizagem posterior da leitura e da escrita. Então, a minha primeira pergunta é: Conhece a patologia Microcefalia?

M: Conheço.

E: Conhece.

M: E já trabalhei.

E: Já trabalhou?

M: Sim, já a trabalhei e trabalhe mesmo numa escola onde estava integrada uma aluna com microcefalia. Foi nos meus primeiros anos de trabalho aqui no Porto e, portanto, 'tive a apoiar essa aluna. Eh... portanto, conheço a patologia.

E: Muito bem. Já foi há muito tempo... que isso aconteceu?

M: Sim, foi há trinta anos.

E: Mas ainda se lembra dela?

M: Lembro perfeitamente, até porque já a vi em adulta. Era uma criança que de facto tinha essa patologia e digo-lhe desde já que era extremamente apoiada pela família. Era uma família bastante envolvida. Tinha irmãs mais velhas, ehh a frequentar o ensino universitário na época. Portanto, tudo isso influenciou muito o desenvolvimento da aluna.

E: Ehh... então essa aluna não foi sua aluna no ensino primário? Isto é, no 1º ciclo?

M: Vamos lá ver. Ela estava no primeiro ciclo e eu dava apoio no primeiro ciclo numa escola de primeiro ciclo. Sim. (pausa)

E: E a professora recorda-se... (interrupção)

M: Eu estava lá a dar apoio e na altura estávamos a dar os primeiros passos da inclusão e portanto, na altura, ehh... a aluna ficava dentro da sala durante algum tempo mas não lhe dava apoio sozinha. Era inserida num grupo heterogéneo em que ehh era comum para todos, era comum as dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita. Era o atraso maior deles. Mas por exemplo, a aluna tinha dificuldades também na linguagem quer em termos de compreensão, quer em termos de expressão. Tinha essas dificuldades... mas tinha uma aprendizagem da leitura e da escrita muito estruturada. Mas acho que vou ter oportunidade de responder-lhe a isso mais à frente.

E: exatamente. Ehh... a professora recorda-se de qual era o método de iniciação à leitura e à escrita que utilizava?

M: Eu não utilizo nenhum método puro. Aliás, eu não acredito em métodos puros. Eu quando lhe dava aulas a aluna apresentava dificuldades. Obviamente, eu estava inserida na escola, porque integrava um grupo de apoios educativos especialmente no que toca à aprendizagem da leitura e da escrita. Curiosamente, eu já disse que não acredito em métodos puros. Isto é, fala-se de grandes histórias à volta dos métodos e não temos nada que ter ehhter muita confusão a esse nível, porque, provavelmente já ouviu falar do que é o Jean Qui

Rit, que é um método global. Começa com a história de uma menina, com o nome de uma menina. Já lhe falaram em métodos globais, ehh... analíticos, sintéticos... Que é que é isso? Parte sempre da palavra, mesmo quando chega à letra, parte de uma palavra. Na altura falava-se em métodos analítico-sintéticos e sintético-analíticos. Ehhh... hoje, falamos em métodos ascendentes e descendentes e ainda, métodos mistos. Quando estamos a falar de um método analítico, este por exemplo, parte da palavra. Quando estamos a falar no sintético-analítico, parte-se da letra. Mas a verdade é que, e com a sua experiência, se se lembrar da sua própria iniciação à leitura e à escrita, lembra-se de falar no “p” de “pai”. Portanto, há logo a palavra “pai”. Portanto, as letras isoladas não existem. É como... ehh... eu nunca concordei com aquela junção do p + a= pa. Isso não existe. Portanto, em termos de método acreditei sempre que ehh... não há um método puro. Há métodos mistos. Ehh... e evidentemente que tem que haver uma sequência. O manual tem que nos ajudar nessa sequência, mas o manual é só um auxiliar, porque no fundo eu acredito que as aprendizagens se dão a partir das vivências que os alunos têm. Quando nós fazemos a iniciação nunca nos podemos esquecer do manancial que as crianças já têm e cada vez mais, nos tempos em que estamos, as crianças frequentaram o jardim de infância. E ao frequentar o jardim de infância, já houve ali momentos em que efetivamente, estávamos a trabalhar a escrita. Porque quando estamos a escrever as mensagens estamos realmente a escrever. Portanto, logo logo desde pequenos estão a identificar os diferentes tipos de escrita e de texto. Portanto, a leitura e a escrita é algo que não se inicia com apenas o 1º ano de escolaridade mas que tem de facto todo um manancial que vem de trás que nós não podemos esquecer. Portanto, neste momento, para não fugir de maneira nenhuma à questão, eu não utilizava. Não utilizava um método puro. O que eu fazia era respeitar muito a sala que os alunos frequentavam. Eu era uma professora de apoio, o que tinha era a preocupação de não fazer mais do mesmo. Tinha acesso ao manual mas transformava isto depois na construção de um álbum de linguagem. Curiosamente no grupo onde estava essa menina com microcefalia, estava um rapaz ehhh... que tinha, tão só, dificuldades de aprendizagem. Era um miúdo com uma habilidade extraordinária em termos dos manuais, mas depois tudo o que era aprendizagens académicas formais, fugia tremendamente delas. Dizia que queria ir sempre para as expressões. E eu a

partir das expressões desenvolvia a leitura e a escrita. Acho que era um grupo com 4 alunos, havia a dificuldade em comum, mas havia uma diferenciação.

E: então, acabou por responder à última questão que lhe ia colocar sobre o que Yoder e Miller dizem que o método ehh... que utilizariam para iniciar a aprendizagem da leitura e da escrita seria misto e teria como base o ambiente em que a criança está envolvida...

M: Claramente!

E: Muito bem, passando, então à questão seguinte: segundo Menyuk 1975, citado em Inês Sim Sim e Fátima Sequeira, as crianças com atraso mental, com lesões cerebrais ou suspeitas de terem sofrido danos cerebrais, não se desenvolvem sob o ponto de vista linguístico ao mesmo ritmo e de modo semelhante ao apresentado por crianças normais.

M: Eu acho que não nos devemos preocupar tanto com o atraso. A minha preocupação é essencialmente ver quais ehh... são as capacidades que o aluno tem e potenciá-las. A minha preocupação é essa. Por isso é que se interroga cada vez mais o quociente intelectual. O quociente intelectual é de facto e efetivamente um indicador mas não pode ser o mais importante.

E: muito bem. Já estamos quase a acabar. Vamos para a última pergunta. Então, ehh... neste artigo de Fátima Sequeira e de Inês Sim Sim, descrevem-nos que as crianças que possuem um atraso mental apresentam características comuns ao nível da ehh... aprendizagem da linguagem tais como: a dificuldade em concentrar-se e estar atentas, a discriminação e categorização das palavras (sobretudo abstratas), a deficiência na articulação, a produção de frases mais curtas e a dificuldade na compreensão gramatical. Na sua opinião, considera que existe alguma relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento da linguagem e a aprendizagem da leitura e da escrita?

M: Sim, concordo. Isso tá mais que provado. Agora continuo a achar que relativamente a essas características, para alguns é assim, mas para outros não.

Temos que pensar que quando a aprendizagem da linguagem quer a compreendida quer a expressa está afetada, também a aprendizagem da leitura e da escrita está afetada. Agora, penso que isso é um pouco redutor. Um aluno pode apresentar uma performance em setembro e em outubro já se apresentar diferente. Isto é, em termos de avaliação diagnóstica podemos ir acompanhando e tentando contornar ehh... as dificuldades dele. Podemos com isto ver quais são as suas potencialidades e quais as suas fraquezas. Só assim é que podemos delinear um programa de apoio a esse aluno. Não teorizo muito à volta do assunto.

E: Muito obrigada professora M pelo seu testemunho.

Anexo 8: Inquéritos por questionário aplicados nos contextos de 1º e 2º CEB

Questionário aplicado ao 2ºA

Para te conhecermos um pouco melhor gostaríamos que respondesses a este questionário, pode ser?

Então vamos lá...

Idade: _____.

Nacionalidade: _____.

Nº de irmãos: _____.

Profissões dos pais: _____.

Vives com ambos os teus pais? Sim não

Que transportes utilizas para te dirigires à escola? _____

_____.

Tens computador em casa? Sim Não

Tens acesso à internet? Sim Não

Praticas algum desporto? Sim Não

Se sim, qual/quais? _____.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres? _____

_____.

Qual a tua área disciplinar preferida? _____.

Qual a área disciplinar em que sentes mais dificuldades? _____.

Que atividades gostarias de fazer numa aula de:

Quais as qualidades que pensas que um professor deve ter? Escolhe:

Compreensivo Inovador Assertivo Autoritário

Dinâmico Extrovertido Paciente Disciplinado

Atento Negligente Responsável Controlador

Outros Quais: _____.

Obrigadas pela tua colaboração!

Questionário aplicado ao 6ºC

Para te conhecermos um pouco melhor gostaríamos que respondesses a este questionário, pode ser?

Então vamos lá...

Nome: _____.

Idade: _____.

Nacionalidade: _____.

Nº de irmãos: _____.

Profissões dos pais: _____.

Vives perto da escola? Sim Não

Que transportes utilizas para te dirigires à escola? _____

Tens computador em casa? Sim Não

Tens acesso à internet? Sim Não

Praticas algum desporto? Sim Não

Se sim, qual/quais? _____.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres? _____

Quais foram as tuas notas este ano letivo?

Disciplina	1ª avaliação	2ª avaliação	3ª avaliação	4ª avaliação	Nota do final de período
História e Geografia de Portugal					
Matemática					
Ciências da Natureza					
Português					

Qual a tua disciplina preferida? _____.

Qual a disciplina em que sentes mais dificuldades? _____.

Que atividades gostarias de fazer numa aula de:

- História e Geografia de Portugal _____

- Português _____

_____.

- Matemática _____

_____.

- Ciências da Natureza _____

_____.

Quais as qualidades que pensas que um professor deve ter? Escolhe:

Compreensivo Inovador Assertivo Autoritário

Dinâmico Extrovertido Paciente Desatento

Atento Negligente Responsável Controlador

Outros Quais: _____.

Quais as características que pensas que um aluno deve ter? Escolhe:

Interessado Atento Perturbador Conversador

Sociável Solidário Responsável Aplicado

Distraído Impertinente Insolente Participativo

Outros Quais: _____.

Sinto-me bem na escola? Sim Não

Assinala as opções que justificam a tua resposta.

Tenho amigos Gosto de aprender Sinto-me excluído

Gosto dos professores tenho amigos não gosto de estudar

Sinto-me integrado Os professores motivam-me

Outros: _____.

Obrigadas pela tua colaboração!

Anexo 9: Organigrama da Instituição A e lista de funções dos órgãos administrativos da Instituição B

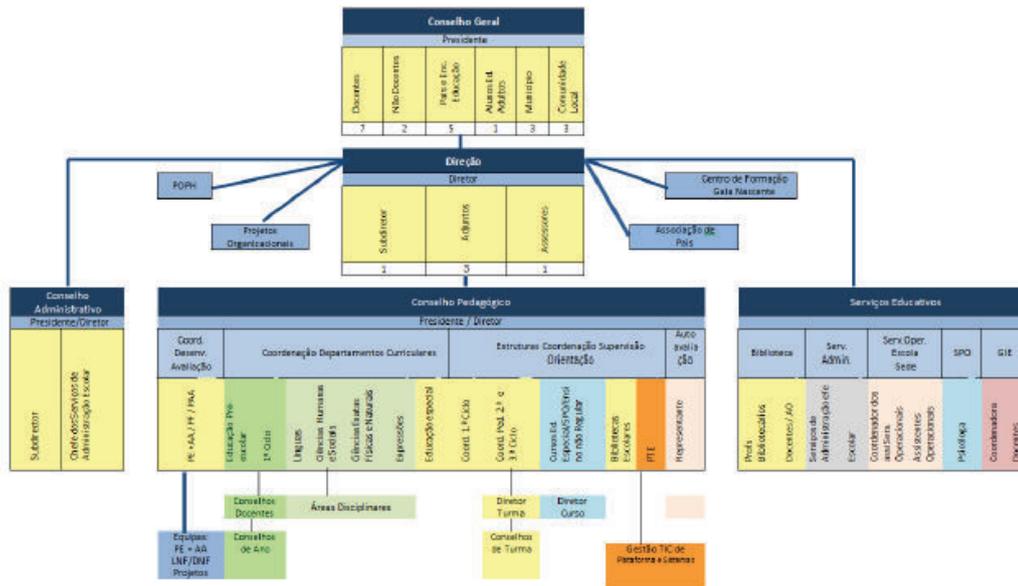


Figura 3 - Organograma da Estrutura Organizacional e Funcional do Agrupamento de Escolas Dr. Costa Matos

5. Órgãos de direcção, administração e gestão, estruturas intermédias e serviços

O actual regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar, e dos ensinos básico e secundário é o estabelecido pelo Decreto-Lei nº 75/2008, de 22 de Abril.

Órgãos de direcção, administração e gestão

A direcção, administração e gestão da escola é assegurada pelos seguintes órgãos:

a- Conselho geral – constituído pelo Director, por sete representantes do corpo docente, quatro representantes dos pais e encarregados de educação, um representante dos alunos do ensino secundário diurno, um representante dos alunos do ensino de adultos, dois representantes dos funcionários não docentes, três representantes da autarquia e três representantes da comunidade.

b- Direcção – constituída por director, subdirector e três adjuntos.

c- Conselho pedagógico – constituído pelo director, coordenadores dos quatro departamentos curriculares, um representante do conselho do ensino básico, um representante do conselho do ensino secundário diurno, dois representantes do conselho do ensino de adultos, um representante do conselho para a promoção da língua e da cultura portuguesas, um representante do conselho de coordenadores de projectos, um representante dos serviços especializados de apoio educativo, um representante dos pais/encarregados de educação, um representante dos delegados de turma de todos os cursos diurnos (aluno do ensino secundário), um representante dos alunos do ensino de adultos.

d- Conselho administrativo – constituído pelo director, subdirector e chefe dos serviços de administração escolar.

Anexo 10: Reflexão sobre a caracterização do aluno F

a) Antecedentes:

O aluno F é uma criança do sexo masculino, com uma idade de 7 anos, que frequentou a educação pré-escolar na mesma instituição na qual se encontra, de momento, a desenvolver o 2º ano do 1º ciclo do Ensino Básico e está a ser acompanhado por uma equipa constituída por um fisioterapeuta, por uma terapeuta da fala, pela própria professora titular de turma e por uma professora de ensino especial. Além deste acompanhamento, o aluno beneficia, ainda, de apoio especializado num ATL que frequenta três dias por semana, durante as duas horas subsequentes ao horário letivo.

O agregado familiar deste aluno é constituído por três irmãos mais novos e duas figuras parentais que se encontram casadas: o pai de 34 anos, que exerce funções de lavador de veículos, numa estação de serviço e que tem como habilitações académicas o 8º ano de escolaridade concluído; a mãe, com 33 anos de idade, que exerce esporadicamente funções de empregada de balcão e de mesa num café de um hipermercado e que tem como habilitações académicas o 9º ano de escolaridade concluído. dois irmãos gémeos com 2 anos de idade e um irmão mais novo com um ano de idade.

Quanto à gravidez da qual esta criança foi fruto, esta foi pouco acompanhada, uma vez que a mãe apenas tomou conhecimento do seu estado 17 dias antes do parto suceder. Quanto a este, foi um parto normal, contudo há a hipótese de ter havido anoxia, uma vez que há informações de que a criança demorou algum tempo a chorar e que só o fez após estimulada. Quanto aos tempos que se sucederam, temos conhecimento de que o menino apenas se terá colocado de pé aos 12 meses e começado a andar com 20 meses, isto é,

com quase dois anos. Quanto à fala, sabemos que começou a balbuciar perto dos dois anos e que as suas tentativas de comunicação se davam por meio do apontamento de objetos.

b) Socialização:

No que diz respeito à socialização, estamos perante uma criança que gosta de conversar e costuma fazê-lo num tom de voz elevado, por vezes até descontrolado, contudo, não é capaz de manter o ritmo normal de uma conversa, uma vez que muitas vezes não entende a informação subjacente nas frases que lhe são ditas. Deste modo, a criança também não é capaz de manter a atenção num jogo ou atividade coletiva durante muito tempo, porque parece esquecer-se das regras ou nem sequer as ter compreendido, por isso, em vez de brincar e interagir com os pares durante os intervalos escolares, costuma percorrer os diversos recintos escolares, carregando na mão um garrafão de água de 5 litros, cujo conteúdo é constituído, não por água, mas sim por tampas de plástico de recipientes de líquidos. O aluno procura novas tampas para acrescentar ao garrafão e acerca-se dos adultos para mostrar-lhes a quantidade de objetos que já colecionou.

O aluno F revela-se uma criança alegre que aprecia música e que gosta de cantar em qualquer momento, já que, por várias vezes, interrompeu as aulas para reproduzir canções que teria ouvido. Gosta de ter a atenção centrada em si, custando-lhe, por vezes, concentrar-se numa tarefa de modo silencioso.

c) Motricidade:

No campo da motricidade, estamos perante um rapaz de 7 anos que ainda não é capaz de correr nem de saltar, nem tampouco tem a lateralidade definida. O aluno F tem uma forma de andar invulgar, uma vez que o faz nas pontas dos pés, girando os calcanhares para fora e dobrando os ombros para a frente. Para quem está a observá-lo, F não tem uma postura relaxada e direita no seu caminhar, mantendo, muitas vezes os braços e as pernas fletidas. Todavia, é necessário referir, para que não haja engano, que o aluno não manca, nem costuma cair.

No que diz respeito à sua motricidade fina, F apresenta um desenho ainda na fase da garatuja, impróprio das crianças da sua idade, apresentando produções onde apenas se visualiza um ou dois seres humanos e ainda não há presença de animais, nem casas, nem sol, nem nuvens (figuras que geralmente aparecem nos desenhos típicos desta idade). Já a sua caligrafia é irregular, uma vez que há momentos nos quais se apresenta legível, pousada nas linhas e num tamanho normal, bem como momentos nos quais o aluno parece carregar fortemente no instrumento de desenho, produzindo caracteres de tamanhos exorbitantes e, por vezes, impercetíveis.

d) Linguagem:

No campo da linguagem oral, o aluno F revela-se participativo, conversador e interessado, mantendo, como já foi dito, um tom de voz elevado nas suas manifestações. A característica que mais se nota nesta criança ao nível da sua linguagem oral é a acentuação dos rr's, como é exemplo claro a sua forma de pronunciar o seu próprio nome: "Frrancisco". Por outro lado, embora não apresentando gaguez, o aluno repete várias vezes a mesma ideia durante o

mesmo discurso. Por outro lado, é de referir que o aluno mantém a boca aberta, o que, muitas vezes, dá origem a salivação que lhe dificulta a pronúncia das palavras.

No que diz respeito à linguagem escrita, F tem dificuldade ao nível dos casos de leitura, bem como ao nível do entendimento dos vários valores fonéticos que as vogais podem assumir, o que é perceptível aquando dos seus momentos de leitura em voz alta. A expressão escrita parece ser, para já, algo que não atrai a criança, uma vez que não escolhe produzir textos que expressem o que pensa ou sente, mesmo que lhe sejam solicitados. Parece só escrever por meio de ditado ou de cópia e não por decorrimento de raciocínio.

e) Autonomia:

No campo da autonomia, estamos perante uma criança que necessita de constante acompanhamento durante o desenvolvimento das tarefas curriculares. Todavia, F vai sozinho ao quarto de banho, veste-se e penteia-se sozinho, come com recurso aos talheres colher, garfo e faca, sem ajuda e revela desprendimento nos intervalos escolares, não se importando com o facto de andar só ou acompanhado enquanto cumpre as suas funções de recolher “tampinhas”.

f) Cognição

Ao nível do Português, F é um aluno que ainda não é capaz de realizar exercícios de leitura em voz alta com fluência e expressividade, não é capaz, tampouco, de acompanhar um ditado ou a leitura de um texto, não é capaz de

realizar exercícios que impliquem interpretação de texto, ou mesmo das próprias questões. F necessita de consolidar os casos de leitura e aprender a aplicá-los corretamente na leitura e na escrita. O aluno entende e aplica o feminino e o masculino, bem como os plurais e singulares de alguns nomes, contudo ainda não é capaz de elaborar famílias de palavras nem campos lexicais. Não é capaz de colocar os adjetivos no seu grau aumentativo ou diminutivo.

No que diz respeito à Matemática, F é capaz de efetuar contagens sem dificuldade, entendendo que o sucessor de um número é igual a esse número + 1. Entusiasma-se quando confrontado com “números grandes”, isto é, com números constituídos por mais de três algarismos. Todavia, não é capaz de efetuar qualquer operação autonomamente, nem tampouco colocar números por ordem crescente ou decrescente. Não distingue um número par de um número ímpar, não é capaz de trabalhar com o ábaco ou o MAB autonomamente. Contudo, o aluno revela curiosidade relativamente a relógios e sua funcionalidade, mostrando que é capaz de ler as horas que se encontram em formato digital.

No campo do Estudo do Meio, só agora, no final do ano letivo, a professora começou a solicitar-lhe que resolvesse tarefas desta área curricular, permitindo-lhe trabalhar com o manual escolar. O aluno conhece e aplica as regras de formação de uma árvore genealógica, desde que esta não seja constituída por membros que não integrem o seu quotidiano, como é o caso dos pais, irmãos, avós paternos e avó materna. O aluno é capaz de enumerar os 12 meses do ano, bem como os sete dias da semana, contudo, não associa os meses às estações do ano, nem identifica o seu dia de anos numa linha de tempo.

No campo da Expressão Dramática, estamos perante um aluno que revela temor perante máscaras, que não é capaz de encarnar uma personagem, nem de simular expressões de sentimentos. Todavia, consegue ler a expressão de outrem, identificando sentimentos como alegria e tristeza.

Já no campo da Expressão Plástica, F é capaz de produzirr desenhos com sobreposição de imagens recortadas de revistas, com recurso à cola de batom. Nas suas produções, não atribui relevância à cor, podendo utlizar o mesmo lápis desde o início da produção até à sua finalização, produzindo um efeito monocromático. Por outro lado, não é capaz de recortar seguindo uma linha tracejada, dando lugar a cortes descontrolados que, muitas vezes, acabam por danificarr a imagem da figura recortada.

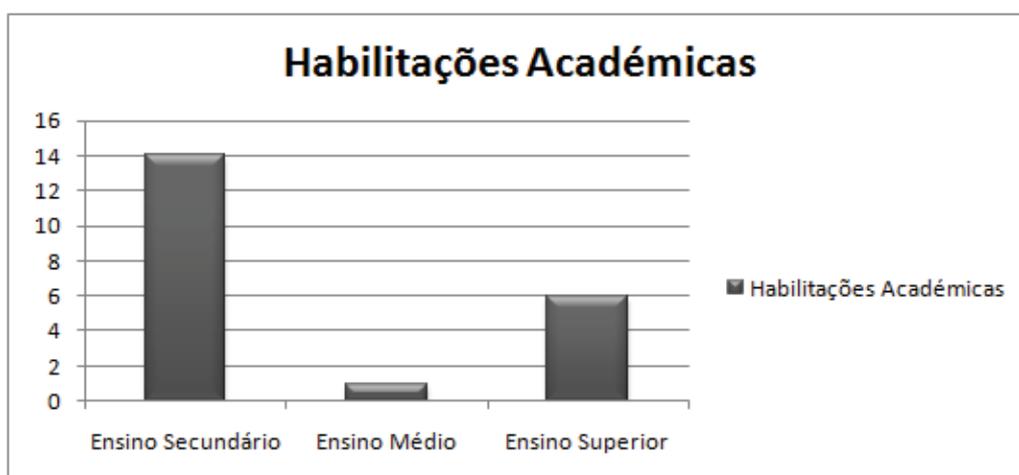
No que diz respeito à Expressão Motora, F não é capaz de saltar, de rastejar ou de correr. Participa entusiasticamente nos jogos sugeridos sem, contudo, respeitar as suas regras. O aluno assusta-se com as manifestações de irritação dos pares, resultantes da competitividade entre equipas, procurando justificá-las ou mesmo resolver os possíveis conflitos.

Por fim, ao nível da Expressão Musical, o aluno revela entusiasmo nos momentos destinados à aprendizagem de novas canções, reproduzindo-as com afinação e corrigindo os colegas quando deteta irregularidades na reprodução. Demonstra curiosidade perante os instrumentos musicais experimentando-os com avidez. Por outro lado, F entra, muitas vezes, na sala de aula a trautear uma canção que lhe tenha ficado no ouvido, chegando a interromper as aulas, por vezes, para cantá-la num tom de voz elevado.

Anexo 11: Gráficos dos dados apurados junto dos alunos do 1º CEB

1. Pai

1.1 Habilitações Académicas



1.2 Profissão



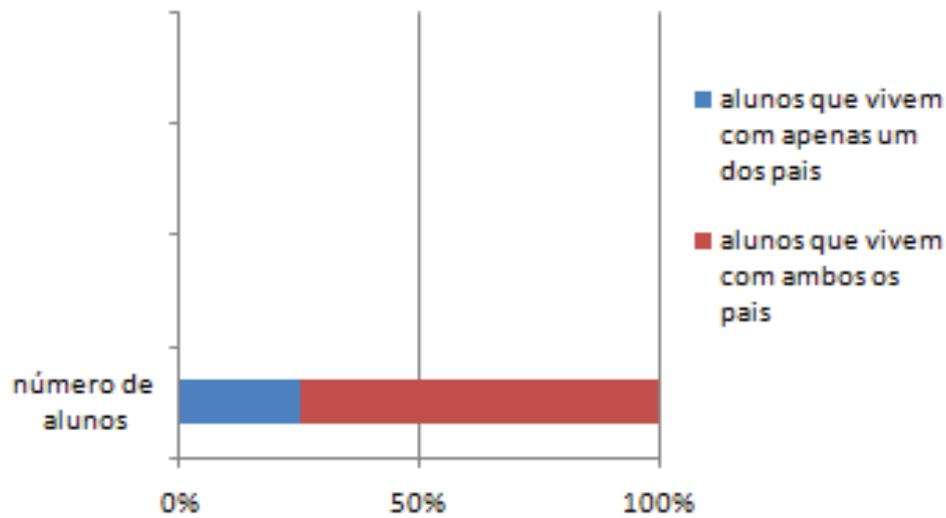
2.Mãe

2.1 Habilitações Académicas



2.2 Profissão

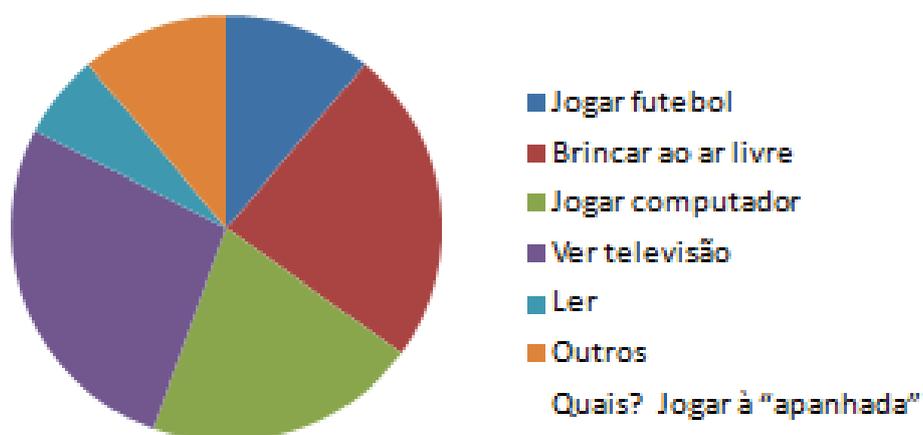




3. Número de Irmãos

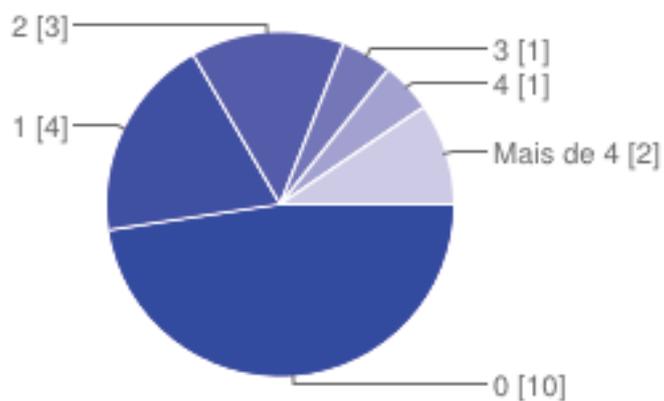


Atividades que os alunos gostam de praticar nos tempos livres

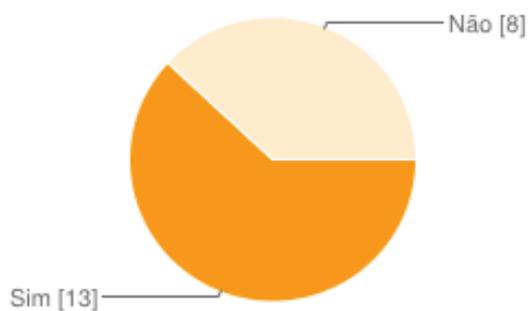


Anexo 12: Gráficos dos dados apurados junto dos alunos do 2º CEB

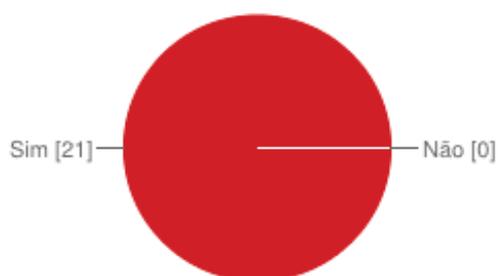
Número de irmãos



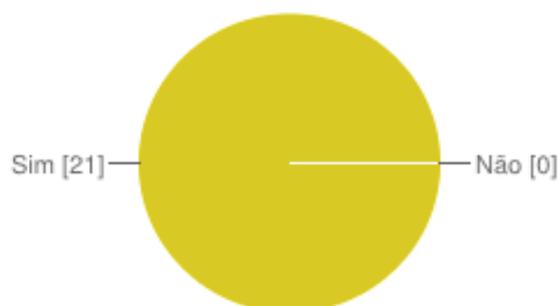
Vives perto da escola?



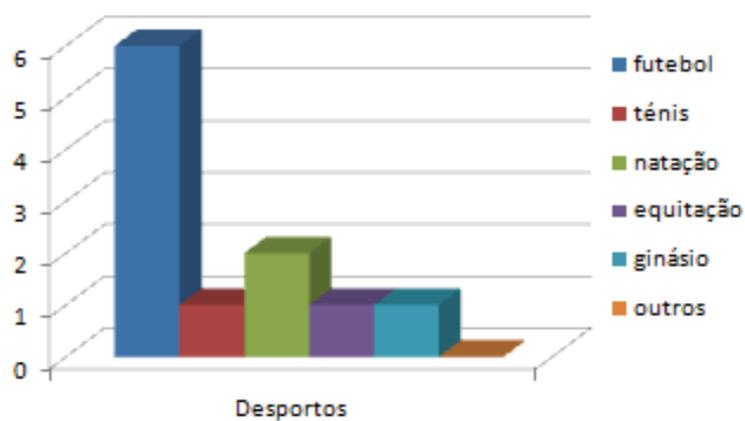
Tens computador em casa?



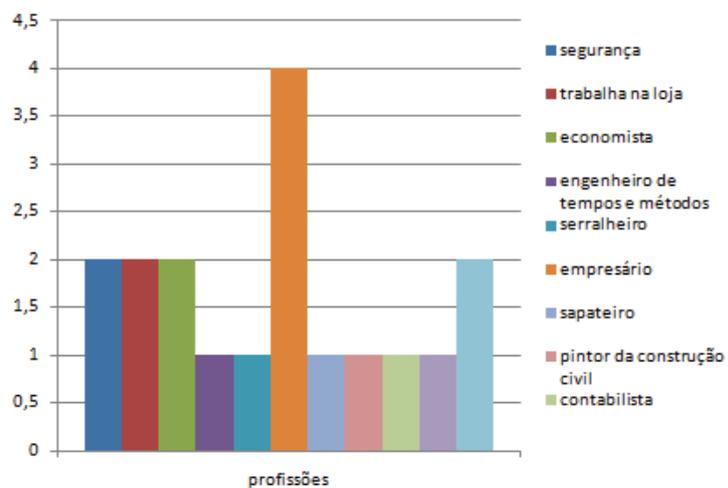
Tens acesso à internet?



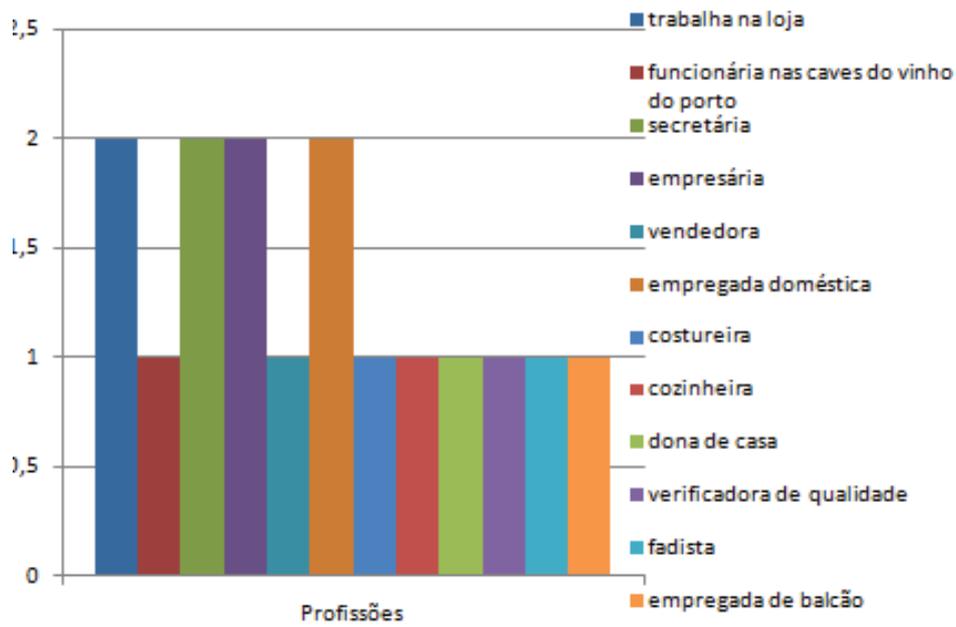
Desportos praticados pelos alunos do 6ºC



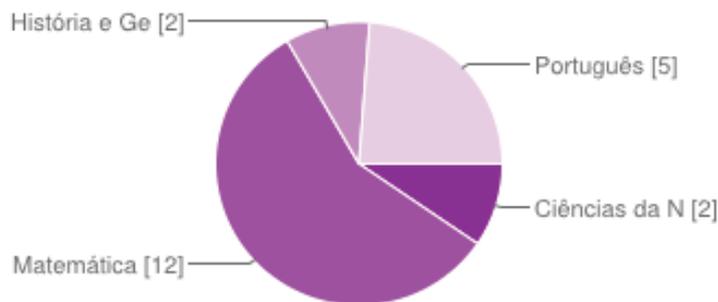
Profissão do pai



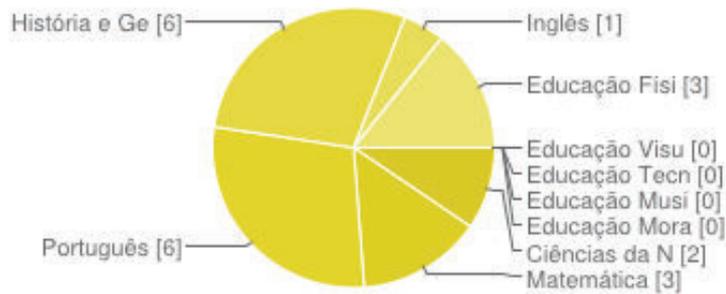
Profissão da mãe



Qual a disciplina em que sentes mais dificuldades?



Qual a tua disciplina preferida?



Anexo 13: Exemplo de um registo de incidente crítico

1 de outubro de 2013

Registo de observação

Na aula de Estudo do Meio que decorreu entre as 14:15h e as 16:15h da tarde do dia 1 de outubro do ano 2013, a professora titular de turma projetou no quadro interativo a página 12 do manual de Estudo do Meio do 2º ano, mantendo o seu computador ligado à página da Porto Editora, através da escola virtual.

Os exercícios desta página implicavam que os alunos fossem capazes de observar a planta de um bairro e traçar o caminho descrito no enunciado, bem como que, utilizando os termos “esquerda”, “direita” e “em frente”, fossem capazes de indicar o caminho que a personagem teria de percorrer para ir de sua casa ao parque.

Os alunos começaram a resolvê-los colocando o braço no ar sempre que terminavam uma etapa ou que tinham dúvidas. Enquanto isso a professora titular de turma e as professoras estagiárias circulavam pela sala de aula a fim de prestar o apoio necessário aos alunos.

Tendo uma das professoras estagiárias constatado que já vários alunos (9 em 20) lhe tinham manifestado dúvidas e, por consequência, lhe tinham pedido que explicasse o segundo exercício da página acima referida, esta dirigiu-se para o lado direito do quadro interativo e solicitou à turma inteira que parasse de escrever e olhasse para a projeção do livro, para que numa só explicação elucidasse todos.

Posto isto, a professora estagiária deu início à sua explicação, quando de repente a professora titular de turma se aproximou dela e a interrompeu dizendo-lhe que estava enganada e que estava a explicar mal o exercício. Por sua vez, a professora estagiária pediu desculpa a todos e explicou novamente a resolução da questão, explicitando também qual tinha sido o seu erro de interpretação, e acrescentando ainda que enganar-se é algo que pode acontecer a todos e que se está sempre a aprender.

11 de novembro de 2013

Hoje aconteceu algo que me abalou. O aluno F chorou. O aluno que eu acreditava que nunca choraria. O aluno que tem microcefalia e, em simultâneo, a maior alegria de viver que já tive oportunidade de testemunhar.

Estávamos a jogar o jogo da minhoca (uma variante do jogo das *caçadinhas*) e o aluno era um dos que tinham a função de apanhar os fugitivos. F chorou no final do jogo e disse: “Não consegui apanhar ninguém!”

O mesmo aluno tinha já referido e repetido durante a primeira parte da manhã que o seu pai tinha perdido o emprego e que, como tal, teria de ser a sua mãe a sustentar a casa sozinha. Obteve a seguinte resposta da professora titular de turma: “Pois F, tens de ajudar o teu pai, agora. Como és o mais velho tens de ajudar o teu pai.” Com isto o aluno silenciou, como que dando o assunto por encerrado.

Quando chorou, de tarde, F abraçou-me pela cintura e chorou silenciosamente, o que me comoveu e me fez sentir impotente. Tendo respondido puerilmente que perder faz parte do jogo e que não valia a pena ficarmos infelizes por isso, senti-me angustiada por intuir que aquela não teria sido a única razão que tinha feito aquele aluno chorar naquele momento.

O que vai ser de mim quando me despedir destas crianças, tendo a perfeita consciência de que não fiz quase nada por elas? Penso que sofro antecipadamente por isso.

18 de Fevereiro de 2014

Hoje perguntei-me por que razão a minha aluna S tem um comportamento tão reativo nas minhas aulas, questionando-me se seria devido à minha postura ou a algo que tivesse feito. Na verdade, a aluna S revela interesse pelo discurso da professora, interrompendo-a frequentemente para partilhar experiências ou factos por si conhecidos, mostrando, muitas vezes, que o seu nível de cultura geral se encontra acima do da sua turma. Porque terá S um aproveitamento tão fraco e um comportamento tão perturbador?

Nos últimos dias, não tenho deixado de reparar na quantidade de vezes que se levanta do seu lugar para se sentar noutra, durante a mesma aula. Por outro lado, embora assumindo uma postura espirituosa e extrovertida, revela-se um elemento perturbador nas aulas, estando permanentemente a estabelecer conversas paralelas Com os seus colegas.

Todavia, quando procuro chamar-lhe a atenção, toma atitudes como: ignorar o meu aviso ou contestá-lo, alegando que eu fiz confusão e que todos os outros se encontram a falar, tal como ela. A questão, para mim, consiste precisamente na sua reação. Revelando-se muito madura para os 14 anos que tem e até maternal com os seus colegas, demonstra-se em simultâneo, bastante imatura no que concerne à análise do seu comportamento e à capacidade de acatar críticas.

Perante esta situação, lamento a sua luta constante, uma vez que a impede de aprender, mas também me questiono em relação à minha estratégia, já que, se durante os momentos expositivos S se revela atenta e interessada, participando ativamente, então significa que consigo motivá-la extrinsecamente. Contudo, parece que a cada passo que dou confrontando-a devido à sua postura, recuo vinte passos no caminho da motivação.

Anexo 16: Plano de apoio ao aluno F

Pressupomos que é fundamental acompanhar o aluno F durante as aulas, oferecendo-lhe o nosso permanente apoio, através de procedimentos como:

- Tomar um lugar junto dele, supervisionando o desenvolvimento do seu trabalho;
- Orientá-lo no que diz respeito aos objetivos de cada exercício;
- Procurar motivá-lo para praticar a leitura;
- Aproveitar para potenciar o respeito pelas regras da sala de aula, através da promoção do sentido de responsabilidade;
- Desenvolver atividades que promovam a consolidação de casos de leitura, de desenvolvimento da competência leitora.

Consolidação dos casos de leitura

Tendo em conta que o aluno tem acesso ao “Magalhães”, o computador portátil fornecido pelo Estado aos alunos do 1º CEB, propomos que este seja utilizado, durante as aulas, para o aluno realizar exercícios de consolidação dos casos de leitura.

Propomos que em cada dois dias seja trabalhado apenas um caso de leitura, para dar a oportunidade ao aluno de, através da repetição, fixar os diferentes valores que uma vogal ou consoante pode assumir e aplicá-la em diferentes situações. Para tal, propomos que em cada dia se explore uma das temáticas do Estudo do Meio e, no computador sejam colocadas imagens alusivas ao tema, sendo que estas deverão formar uma frase que o aluno será convidado a desvendar e expressar por escrito. Estas frases deverão ser alusivas ao caso de leitura que estiver a ser trabalhado nesse dia e, depois de descodificadas, deverão ser partidas em palavras, destacando aquelas que contiverem o caso de leitura subjacente. Propomos, então, que o aluno seja convidado a ler essas mesmas palavras em voz alta, a proceder à sua divisão silábica, recorrendo a mecanismos sonoros, como é o exemplo das palmas e, por fim, utilize as sílabas destas palavras para formar novas palavras e, mais tarde, novas frases.

Potencialização da competência leitora

Neste campo, propomos que o aluno seja convidado a ler em voz alta os enunciados das questões dos exercícios que tiver de realizar em conjunto com os seus pares, procurando fazê-lo sentir-se integrado e procurando aumentar a sua autoestima, fazendo-o sentir que é capaz de realizar as mesmas tarefas que os seus colegas. Esta tarefa deverá ser sucedida pela solicitação, pela parte da professora titular de turma, de uma breve explicação daquilo que o enunciado lido sugere que seja feito. Sempre que esta considerar necessário, poderá solicitar a ajuda de um colega de F, no sentido de evitar que o aluno se sinta inibido derivadamente do tempo de exposição à atenção da turma.

Uma segunda atividade que propomos que seja realizada no sentido de potencializar a competência leitora do aluno, tendo em conta que é entusiasticamente apreciador das novas tecnologias, propomos que lhe seja facilitado o acesso a livros digitais, através do Magalhães que deve ser-lhe facultado durante os períodos letivos. Acreditamos que as imagens ajudariam a estimular a compreensão leitora, na medida em que implicam uma leitura menos esforçada e mais rápida.

Anexo 17: Vídeo Legendado “Ulisses” de Maria Alberta Menéres

Este ficheiro encontra-se anexado neste CD, contudo não é possível introduzi-lo no presente documento Word.

Anexo 18: Planificações: Semana das atividades do Magusto (1º CEB) Aula de Português do dia 18 de fevereiro (2º CEB) e Aula de

História e Geografia de Portugal do dia 28 de março

EB 1

Supervisor: João Gouveia

Professora Cooperante:

Professora Estagiária: M^a Leonor B. Faro

Áreas Curriculares:

Português; Estudo do Meio; Matemática;

Educação para a Cidadania; Expressões.

1º CEB / Ano: 2º / Turma: A / Nº de alunos: 20

Data: 11, 12 e 13 de novembro de 2013

Planificação Semanal

Sumário: O dia de S. Martinho; género e número das palavras; parágrafos (consolidação); Produção escrita. A água potável e não potável; o prazo de validade. Estratégias de cálculo da adição.



PAULA FRASSINETTI



ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DE CASTANHAS
Rua Costa, 110 - 4700-010 - Castelo Branco

Segunda-feira, 11 de novembro

Dia de S. Martinho

Área Curricular	Domínios de Referência	Objetivos	Descritores de Desempenho	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Português	Leitura e escrita Iniciação à Educação Literária	Le textos diversos Ouvir ler e ler textos literários	Le pequenos textos narrativos, informativos e descritivos, poemas e banda desenhada.	Leitura do texto A Maria Castanha e treino da leitura em voz alta. Conversa sobre o texto lido.	PowerPoint com o texto “A Maria Castanha”. 20 Lenços.	Modalidade: Formativa. Técnica: Trabalho de grupo
Expressão Motora	Jogos	Le para apreciar textos literários.	Ouvir ler e ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular.	Jogo da cauda do burro.	Paus de giz.	Instrumentos: Trabalhos realizados pelos alunos
Matemática	Números e Operações	Participar em jogos ajustando a				

Expressão Dramática

Expressão Plástica.

Jogos Dramáticos

Exploração de técnicas diversas de expressão

iniciativa própria, e as qualidades motoras na prestação, às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objetivo.

Adicionar e subtrair números naturais.

Explorar a dimensão não-verbal em improvisações que poderão partir de histórias, contos ou situações dramatizadas

Desenvolver as capacidades expressivas através da utilização de diferentes materiais e técnicas.

Praticar a leitura silenciosa.

Let pequenos trechos em voz alta.

Expressar sentimentos e emoções provocados pela leitura de textos.

Praticar jogos, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos, designadamente combinações de apoios variados associados com corrida, marcha e voltas.

Subtrair fluentemente números naturais até 20.
Adicionar ou subtrair mentalmente 10 e

Jogo das casas (cálculo mental).

Dramatização da lenda de S. Martinho.

Elaboração de um cartaz alusivo ao dia de S Martinho com materiais à escolha dos alunos (trabalho de grupo).

100 de um número com três algarismos.

Mimar a dois ou em pequenos grupos atitudes, gestos, movimentos ligados a uma sequência de atos (situações recriadas).

Explorar as possibilidades de diferentes materiais e fazer composições colando diferentes materiais rasgados, desfiados e cortados.

Terça-feira, 12 de novembro

Área Curricular	Domínios de Referência	Objetivos	Descritores de Desempenho	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Português (das 9:00h às 10:00h)	Leitura e escrita.	Transcrever e escrever textos. Redigir corretamente. Mobilizar o conhecimento da pontuação.	Escrever textos, com um mínimo de 50 palavras, parafraçando, informando ou explicando. Respeitar as regras de concordância entre o sujeito e a forma verbal. Utilizar, com coerência, os tempos verbais. Cuidar da apresentação final do texto. Identificar e utilizar os acentos (agudo, grave e circunflexo) e o til. Identificar e utilizar adequadamente a vírgula em	Elaboração de um texto de 6 linhas sobre o dia de S. Martinho. Resolução de exercícios de gramática sobre o gênero, o número, os sinônimos e antônimos e os acentos gráficos e fônico.	Sebenta. Caderno diário. Material de escrita. Quadro interativo.	Modalidade: Formativa Técnica: Trabalho individual Instrumentos: Textos produzido pelos alunos. Exercícios realizados pelos alunos.

	enumerações e coordenações.			
<p>Matemática (das 10:00h às 12:30h)</p>	<p>Números e operações.</p>	<p>Resolver problemas. Adicionar e subtrair números naturais.</p>	<p>Resolver problemas de um ou dois passos envolvendo situações de juntar, acrescentar, retirar, comparar e completar. Adicionar ou subtrair mentalmente 10 e 100 de um número com três algarismos. Subtrair fluentemente números naturais até 20.</p>	<p>Resolução de problemas relativos ao reforço da adição que envolvem a mobilização do conhecimento de estratégias de cálculo. Jogo do pensador.</p>
				<p>Modalidade: Formativa.</p> <p>Técnica: Trabalho individual.</p> <p>Instrumentos: Exercícios realizados pelos alunos.</p>
<p>Educação para a Cidadania (das 14:00h às 16:00h)</p>	<p>Descritação e empatia Pensamento crítico e criativo. A Saúde do seu Corpo (Estudo do Meio)</p>	<p>Cooperar com os outros na prossecução de objetivos comuns. Adotar hábitos de higiene e alimentação equilibrada. Conhecer e aplicar normas de higiene alimentar</p>	<p>Revela capacidade de criar e inovar. Analisa criticamente situações sociais e o seu próprio desempenho. Identifica os alimentos indispensáveis a uma vida saudável,</p>	<p>Leitura de um texto sobre as propriedades da água e conversa sobre o mesmo. Leitura de um texto sobre a importância de ter em atenção o prazo de validade dos alimentos e conversa sobre o mesmo.</p>
				<p>Modalidade: Formativa.</p> <p>Técnica: Trabalho individual e trabalho de grupo.</p> <p>Instrumentos: Desenhos realizados pelos grupos de alunos.</p>

a importância da água potável, verifica o prazo de validade dos alimentos...).

Elaboração de um desenho com legenda que ilustre a importância do prazo de validade. (trabalho de grupo)

Quarta-feira, 13 de novembro

Área Curricular	Domínios de Referência	Objetivos	Descritores de Desempenho	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Português (das 9:00h às 11:30h)	Leitura e escrita. Iniciação à Educação Literária	<p>Ler textos diversos</p> <p>Ouvir ler e ler textos literários</p> <p>Transcrever e escrever textos.</p> <p>Redigir corretamente.</p> <p>Mobilizar o conhecimento da pontuação.</p>	<p>Ler pequenos textos narrativos, informativos e descritivos, poemas e banda desenhada.</p> <p>Ouvir ler e ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular.</p> <p>Praticar a leitura silenciosa.</p> <p>Ler pequenos trechos em voz alta.</p> <p>Escrever textos, com um mínimo de</p>	<p>Leitura silenciosa de um texto e treino da leitura em voz alta do mesmo.</p> <p>Interpretação do texto.</p> <p>Realização de um texto de 6 linhas onde deverá ser imaginado um final para o texto lido.</p>	<p>Fotocópias do texto.</p> <p>Fotocópias do questionário sobre o texto.</p> <p>Caderno diário.</p> <p>Material de escrita.</p>	<p>Modalidade: Formativa</p> <p>Técnica: Trabalho individual.</p> <p>Instrumentos: Ficha de trabalho. Textos produzidos pelos alunos.</p>

50 palavras, parafraseando, informando ou explicando.

Respeitar as regras de concordância entre o sujeito e a forma verbal.
Utilizar, com coerência, os tempos verbais.
Cuidar da apresentação final do texto.

Expressões

(das 11:30h às 12:30h)

Expressão e Educação Musical – Voz
Números e operações – Números naturais – Adição e Subtração

Desenvolvimento dos aspectos essenciais da voz.

Adicionar e subtrair números naturais

Canta canções.

Adiciona ou subtrai mentalmente 10 e 100 de um número com três algarismos.

Jogo do pensador (exercitação do cálculo mental)

Alunos e professora estagiária.

Espaço amplo na sala de aula para formar uma roda.

Modalidade:
Formativa

Técnica:
Método interrogativo.

Instrumentos:
Respostas dos alunos às questões do jogo do pensador.

Planificação da aula de Português de 18 de Fevereiro

EB 2, 3

Supervisor: Ana Luísa Ferreira

Professor Cooperante:

Professora Estagiária: M^a Leonor B. Faro

Disciplina: Português;

2^o CEB / Ano: 6^o / Turma: C

Data: 18 de fevereiro de 2014

PLANIFICAÇÃO DE AULA

Sumário: Introdução à exploração da obra "Ulisses" de Maira Alberta Menéres. Mini-teste de escuta. Correção e classificação do teste. A voz ativa e a voz passiva – exercícios.

Disciplina	Domínios de Referência	Objetivos	Descritores de Desempenho	Estratégias/ Atividades	Recursos	Avaliação
PORTUGUÊS	Oralidade	Interpretar discursos orais breves.	Distinguir a informação implícita da informação explícita. Sistematizar enunciados ouvidos.	Acolhimento; 5' Distribuição dos enunciados do Mini-teste de escuta; 2'	Vídeo: "Ulisses de Maria Alberta Menéres"; Fotocópias do Mini-teste de escuta;	Modalidade: Formativa Técnica: Teste de escuta; Instrumentos: Mini-teste de escuta; Correção; Classificação.
Horário: Terça-feira das 8:15h às 9:45h		Utilizar procedimentos para registar e refer a informação.	Tomar notas e registar tópicos.	Leitura das questões e esclarecimento de dúvidas; 8'	Power-point: A voz ativa e a voz passiva; Projetor e quadro.	
	Leitura e Escrita	Compreender o sentido dos textos.	Detetar informação relevante, factual e não factual, tomando notas.	Recolha das fotocópias do mini-teste de escuta; 2'		
		Fazer inferências a partir da informação prévia ou contida no texto.	Extrair o pressuposto de um enunciado.	Visualização do vídeo "Ulisses de Maria Alberta Menéres"; 10'		
	Gramática		Transformar frases ativas em frases	Redistribuição e realização do Mini-teste de escuta; 10'		

<p>Analisar e estruturar unidades sintáticas.</p>	<p>passivas e vice-versa.</p>	<p>Troca dos enunciados entre os alunos; 3'</p> <p>Correção e compreensão em voz alta do teste; 25'</p> <p>Atribuição das classificações dos mini-testes; 5'</p> <p>Exploração do Power-point: "A voz ativa e a voz passiva; 10'</p> <p>Resolução e correção dos exercícios projetados. 10'</p>
---	-------------------------------	---

OPERACIONALIZAÇÃO: Como pode observar-se na grelha apresentada, a aula da disciplina de Português a lecionar no dia 18 de fevereiro de 2014 tem uma duração de 90 minutos, tendo lugar entre as 8:15h e as 9:45h da manhã.

Tendo em conta que a obra literária "Ulisses" da autora Maria Alberta Menéres se encontra na lista de obras literárias e textos para Educação Literária proposta nas Metas Curriculares para o 6º ano, servirá a aula que aqui se descreve para a sua introdução. Isto é, os alunos do 6º C terão oportunidade de ficar a conhecer o texto integral da obra, que pode ser encontrado entre as páginas 7 e 16 de um exemplar das Edições ASA.

Para tal, optou-se por utilizar como estratégia a realização de um mini-teste de escuta. Assim, após um rápido acolhimento aos alunos, onde será registado o sumário nos cadernos diários, serão distribuídos os enunciados do teste, lidos e explicitados, serão ouvidas e respondidas

possíveis dúvidas e, por fim, serão novamente recolhidos os enunciados. Os alunos terão de adotar uma postura de silêncio e atenção, para que consigam ver, ouvir e tomar notas nos seus cadernos diários sobre o texto apresentado pelo vídeo “Ulisses de Maria Alberta Menéres”. O vídeo tem uma duração de 8 minutos, por isso se deduz que serão necessários mais 2 minutos para eventuais imprevistos.

Após a visualização do vídeo, os alunos receberão novamente os enunciados do mini-teste de escuta e terão apenas 10 minutos para responder às 12 questões de escolha múltipla. A professora deverá cronometrar o tempo estipulado, garantindo que ninguém o ultrapassa, por isso, todos deverão virar as folhas ao contrário no final do tempo.

Posto isto, os alunos trocarão os enunciados entre si, obedecendo às ordens de troca da professora estagiária. Assim, será realizada no quadro a correção da mesma e todos deverão acompanhá-la, utilizando o lápis de carvão. No final desta tarefa, a professora estagiária colocará no quadro as classificações para cada cotação e cada aluno classificará qualitativa e quantitativamente o teste do colega.

Caso sobre tempo, após a realização desta atividade, será projetado no quadro o powerpoint “A voz ativa e a voz passiva”, que servirá de suporte da explicação desta matéria gramatical e de apresentação de exercícios de aplicação da mesma. Por fim, será feita a correção dos mesmos exercícios através da oralidade.

Planificação de HGP de 28 de março

EB 2, 3

Supervisora: Ana Luísa Ferreira

Professor Cooperante:

Professora Estagiária: M^{te} Leonor B. Faro

Disciplina: História e Geografia de Portugal

Duração: 45'

2^o CEB / Ano: 6^o / Turma: C

Data: 28 de março de 2014

PLANIFICAÇÃO DE AULA

Sumário: Trabalho de grupo: elaboração de um cartaz alusivo ao golpe militar de 25 de abril de 1974.



PAULA FRASSINETTI

DISCIPLINA	DOMÍNIO	SUBDOMÍNIO	OBJETIVOS GERAIS	DESCRIPTORES DE DESEMPENHO	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	RECURSOS	AValiação
HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL	Portugal no século XX.	O 25 de Abril de 1974 e o regime democrático	Conhecer e compreender as causas do golpe militar do 25 de Abril de 1974 Conhecer e compreender as consequências do 25 de Abril de 1974 ao nível da democratização do regime e da descolonização	Descrever sucintamente os acontecimentos da revolução militar e os seus protagonistas. Sublinhar a forte adesão popular e o caráter não violento da “revolução dos Cravos”. Reconhecer no programa do Movimento das Forças Armadas, o fim da ditadura e o início da	Acolhimento; Exposição sobre as regras do trabalho de grupo 5’ ; Trabalho de pares: elaboração de um cartaz alusivo ao golpe militar de 25 de abril de 1974. 35’ Preenchimento da grelha de autoavaliação. 5’	Humanos: Alunos; Professora estagiária; Professor cooperante; Par pedagógico; Materiais: Cartolina A2 por par; Canetas de filtro; Tesouras; Cola; Recortes de imagens alusivos aos	Modalidade: Formativa. Técnica: Observação direta e indireta do trabalho de pares. Instrumentos: Carazes elaborados pelos pares; Grelha de observação do trabalho de pares; Auto-avaliação do trabalho de pares;

				construção da democracia Relacionar o 25 de Abril com a descolonização e com o fim do Império.	temas de cada par; Manual; Textos trazidos pelos alunos;
--	--	--	--	---	--

OPERACIONALIZAÇÃO: A aula de História e Geografia de Portugal, do dia 28 de março, terá início pelas 11:45h e terminará pelas 12:30h da manhã, o que significa que terá uma duração de 45 minutos.

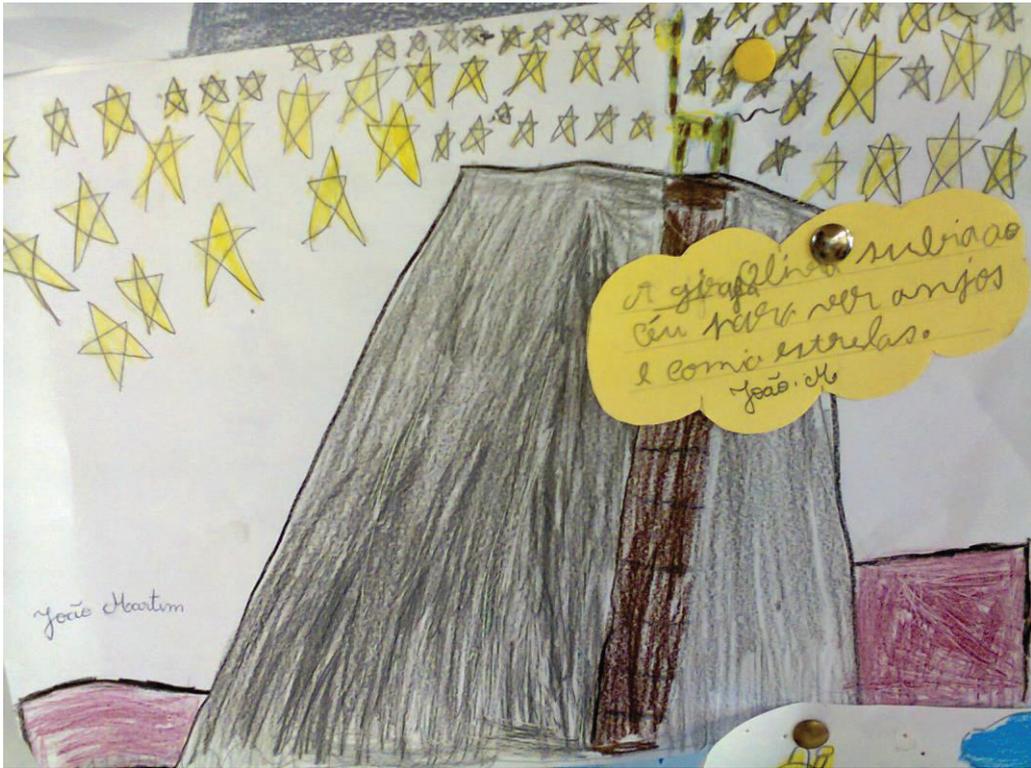
Esta começará com um breve acolhimento de 5 minutos, momento em que os alunos deverão tomar os seus lugares, de acordo com os pares dos quais, já desde a última aula de HGP, terão tido conhecimento. Após isto deverão ouvir uma breve explicação da tarefa que terão de realizar nesta aula, salvaguardando alguns aspetos fundamentais para a promoção de um ambiente propício ao trabalho de grupo (anexo1).

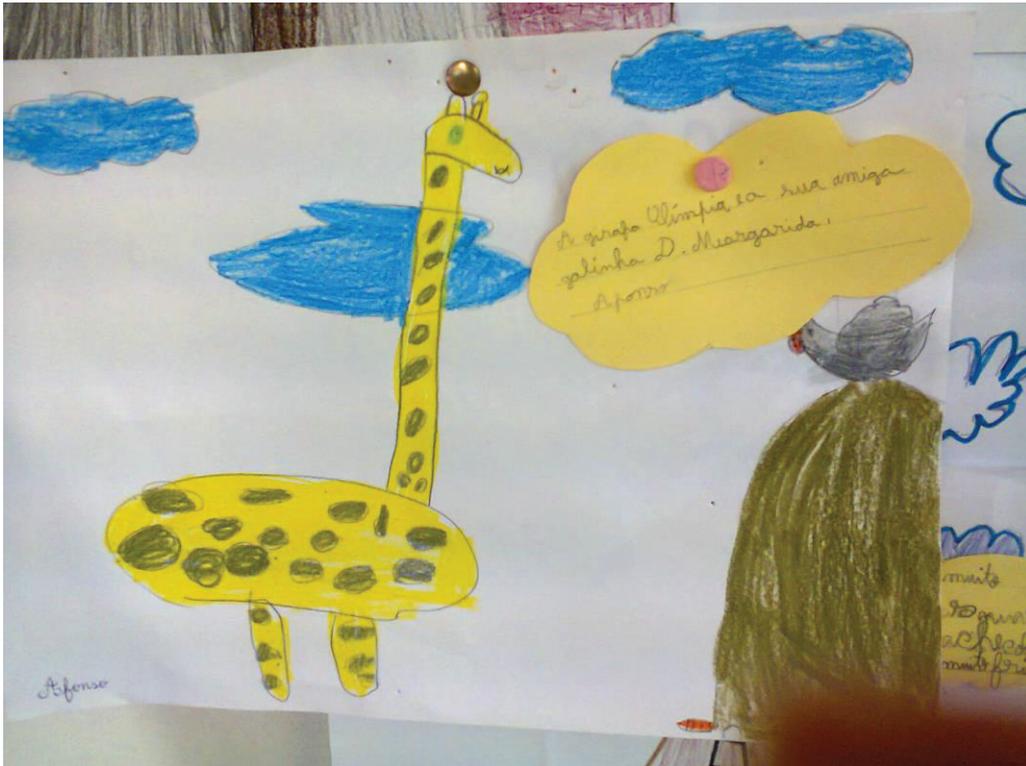
De seguida, cada par dará início à elaboração de um cartaz, sendo que, para tal, deverão ter efetuado pesquisa em casa sobre o tema do qual também já terão sido notificados na aula anterior (anexo2). Assim, deverão selecionar a informação que considerarem conveniente, bem como juntar-lhe as imagens que tiverem recolhido e discutir sobre a sua disposição final no cartaz. Somente após este trabalho de organização, cada par poderá dar início à produção do cartaz em si, utilizando o material que lhes terá sido solicitado que trouxessem, também na aula anterior (anexo3)

A última atividade que os alunos do 6º C realizarão nesta aula consistirá no preenchimento de uma grelha de autoavaliação (anexo 4), que deverá ser entregue à professora estagiária. **Nota:** na eventualidade de os cartazes não serem finalizados durante esta aula, prevê-se que os alunos poderão terminá-los numa outra aula à escolha do professor cooperante.

Anexo 19: Fotografias da decoração da biblioteca alusiva ao conto “A girafa que comia estrelas de J. E. Agualusa







Anexo 20: Planificação da atividade alusiva ao conto “A girafa que comia estrelas” de J. E. Agualusa

EB 1
 Supervisor: João Gouveia
 Professora Cooperante:
 Professora Estagiária: M.ª Leonor B. Faro
 Áreas Curriculares:
 Português;
 Matemática;
 Educação para a Cidadania.

1.º CEB / Ano: 2.º / Turma: A / Nº de alunos: 20
 Data: 8 de Outubro de 2013
 Planificação de aula
 Sumário: *A Girafa que comia estrelas*.
 Números Naturais – as cinco centenas.
 Respeitar a diversidade: tolerância, compreensão e partilha.



PAULA FRASSINETTI



Área Curricular	Domínios	Objetivos	Descritores de Desempenho	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Matemática (das 9:00h às 11:30h)	Números e Operações	Números Naturais: contar até 500; sistema de numeração decimal; adição e subtração.	Efetuar contagens de 2 em 2, de 5 em 5, de 10 em 10 e de 100 em 100. Descodificar o sistema de numeração decimal: unidades, dezenas e centenas.	Revisões: questões sobre a contagem de números naturais até 100. (30') Explicação da formação de numerais cardinais até 500 (MAB). (15')	Recursos materiais: MAB; Ábaco; Quadro interativo; Material de escrita;	Modalidade: Diagnóstica Técnica: Método interrogativo Instrumentos: Oralidade
			Adicionar e subtrair números naturais. Resolver problemas de um ou dois passos envolvendo situações de juntar,	Cálculo mental “Jogo do pensador” (oralidade). (15')	Manual de matemática do 2.º ano (ALFA - Porto Editora);	Exercícios das págs. 24 e 25 do manual

<p>Português (das 11:30h às 12:30h)</p> <p>Leitura e Escrita Iniciação à Educação Literária</p>	<p>acrescentar, retirar, comparar ou completar.</p> <p>Ficha de consolidação. (30')</p> <p>Ficha de consolidação. (30')</p> <p>Recursos humanos: Professora; Alunos.</p>	<p>Ficha de consolidação;</p>	
<p>Organizar a informação de um texto lido.</p> <p>Ouvir ler e ler textos literários.</p> <p>Ler para apreciar textos literários.</p> <p>Dizer e escrever em termos pessoais e criativos.</p>	<p>Identificar o tema ou referir o assunto do texto (do que trata), exprimindo-o oralmente e escrevendo-o de maneira concisa.</p> <p>Ouvir ler e ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular.</p> <p>Expressar sentimentos e emoções provocados pela leitura do texto.</p> <p>Recriar pequenos textos em diferentes formas de expressão (verbal, musical,</p>	<p>Recursos materiais: Quadro interativo; Caderno diário;</p> <p>Obra em suporte digital;</p> <p>Saco com papéis para sortear;</p> <p>Material de escrita;</p> <p>Material de ilustração;</p> <p>Máquina de filmar;</p> <p>Recursos humanos: Professora;</p>	<p>Modalidade: Diagnóstica</p> <p>Técnica: Método interrogativo</p> <p>Instrumentos: Oralidade</p>

	plástica, gestual e corporal).	Olímpia, D. Margarida e nuvens dramatiza em silêncio. (25')	Alunos.		
Elaboração de um texto de opinião de 3 linhas no caderno diário, sobre a obra. (10')					
Educação para a Cidadania (das 14:00h às 16:15h)	Colocar-se na pele de outrem, sabendo escutar, compreender e respeitar as perspetivas de outros.	Compreender a necessidade de regras e do seu cumprimento.	Evocação da moralidade da obra “A girafa que comia estrelas” de J. E. Agualusa. (15')	Recursos materiais: Cartolina branca e amarela	Modalidade: Formativa
Colaborar, trabalhar em grupo e participar em atividades coletivas da turma ou da escola.	Ponte para os valores: tolerância, compreensão e partilha. Debate. (20')	Tesouras Lápis de cera Canetas de filtro	Instrumentos: Frases redigidas pelos alunos.		
Participar em debates, respeitando as regras do debate democrático, fundamentando as suas opiniões e respeitando as dos outros.	Elaboração de frases com as regras de convivência social e construção de um mobile para pendurar no teto da sala. (85')	Papel autocolante (transparente) Furador Fio de pesca Pionesses	Recursos humanos:		

Assumir direitos e responsabilidades cívicas na turma e na escola.

Professora

Alunos

OPERACIONALIZAÇÃO: A aula de Matemática terá início às 9:00h da manhã e estará dividida em duas partes, uma vez que existe um intervalo de 30 minutos entre as 10:30h e as 11:00h. Desta forma, a primeira parte terá uma duração de apenas 90 minutos e a segunda parte uma duração de 30 minutos, terminando às 11:30h para dar lugar à área disciplinar de Português.

Quando os alunos chegarem à sala, deverão sentar-se nos seus lugares e aprender uma cantiga que mais tarde virá a ser utilizada no jogo do pensador. Esta será uma forma de motivá-los para o trabalho e as aprendizagens que se desenrolarão ao longo da manhã.

De seguida, a professora estagiária fará uma revisão com os alunos da matéria já lecionada, abordando os tópicos: leitura de numerais cardinais até 100, sequências com padrões (contagem de 2 em 2, 5 em 5 e 10 em 10) até 100, decomposição de números no sistema decimal (unidades, dezenas e centenas) a tabela do 100 e, por fim, a marcação de números na reta numérica. Para estas revisões utilizará o MAB e deverá ir colocando questões aos alunos, registando-as no quadro e chamando um a um a resolvê-las. Exemplos de questões: escreve a leitura por extenso dos seguintes números: 134, 178, 153, 149, 166, 125, 155; completa a sequência de acordo com o padrão: 32, 34, ____, 36, 38, ____, ____, ____, 46, ...; decompõe os seguintes números de acordo com o exemplo: $134 = 100 + 30 + 4 = 1$ centena, 3 dezenas e 4 unidades; marca na reta numérica os seguintes números: 25, 50, 75, 100, ... (30 minutos)

Na segunda parte da aula, a professora estagiária utilizará o MAB e o Ábaco para introduzir e explicar a contagem dos números até 500. De seguida, solicitará aos alunos que realizem os cálculos que registará no quadro, sendo que devem utilizar ou o MAB ou o Ábaco para se

orientarem. Segue-se a exercitação do cálculo mental: jogo do pensador (os alunos estão posicionados numa roda, tendo as palmas das mãos viradas para cima. A mão direita deve estar por cima da mão esquerda do colega ao seu lado. Canta-se uma cantiga enquanto os alunos batem uma palma com a sua mão direita na mão direita do colega que está à sua esquerda, devendo fazê-lo um de cada vez até a música terminar. Quando esta terminar, o aluno que tiver recebido a última “palmada” deverá responder a uma questão de cálculo mental colocada pela professora estagiária. Isto repete-se inúmeras vezes até todos terem respondido). (15 minutos)

Nos últimos 60 minutos, os alunos deverão resolver individualmente os exercícios das páginas 24 e 25 do manual (podem escrever no livro), colocando o braço no ar sempre que necessitarem de ajuda ou terminarem a tarefa, para que a professora estagiária os auxilie ou corrija. O mesmo deverá acontecer com a ficha de consolidação que será fornecida à medida que os alunos forem terminando as tarefas do manual. Se houver repetição da mesma dúvida em mais de 5 alunos, a professora deverá solicitar aos alunos que parem o que estiverem a fazer e prestem atenção à explicação que deverá ser feita em voz alta. No caso de haver alunos que terminem as tarefas mais cedo do que a maioria, a professora estagiária, escreverá alguns numerais cardinais no quadro para que estes os copiem para o caderno, os decomponham, os representem no sistema decimal e escrevam a sua leitura por extenso (exemplo de numerais: 135, 362, 223, 413, 495, 281, ...)

No que diz respeito à aula da Português, esta terá início às 11:30 e terminará ao 12:30h. Segundo está estabelecido no horário da turma, esta é a primeira área disciplinar a trabalhar à terça-feira, contudo, optei por deslocar a Matemática para o início da manhã e o Português para o final, uma vez que há uma ligação entre as atividades da última disciplina e as de Educação para a Cidadania. Desta forma, poderá trabalhar-se de forma interdisciplinar a obra de José E. Aqualusa.

A aula será introduzida com uma conversa informal que servirá para a professora tomar conhecimento das recordações que os alunos têm sobre a obra literária “A girafa que comia estrelas” de José Eduardo Agualusa, uma vez que, segundo a professora titular de turma, os alunos já tiveram oportunidade de conhecê-la no 1º ano do 1º CEB e até realizaram ilustrações sobre a mesma. Esta conversa poderá ter como guião o seguinte conjunto de questões: Quem é a personagem principal do texto? Por que razões costumava andar com a cabeça nas nuvens? Quem era a amiga de Olímpia? O que aconteceu na savana? Qual o plano de Olímpia e de Dona Margarida? Conseguiram cumpri-lo? (10 minutos)

Após esta conversa, a professora estagiária solicitará aos alunos que prestem atenção à leitura do texto que a mesma efetuará em voz alta, e que à medida que vão ouvindo, tomem nota nos seus cadernos diários daquelas que considerarem que são as personagens do texto para no final discutir em grupo os resultados obtidos (10 minutos). No final desta tarefa, a professora dividirá a turma em dois grandes grupos: o grupo do narrador e das vozes e o grupo dos atores. Para tal, utilizará um saco onde terá colocado previamente 20 papéis (um para cada aluno), em que 8 terão escrito NARRADOR, 3 terão escrita a palavra VOZES, 1 terá escrito OLÍMPIA, outro terá escrito DONA AUGUSTA, noutra estará marcado DONA MARGARIDA e, por fim, nos outros 6 papéis estará escrito NUUVENS. A professora segurará o saco nas mãos e caminhará por entre as mesas, para que cada aluno tire o seu papel (5 minutos). Segue-se uma explicação da dramatização da obra, a distribuição do texto pelos narradores (o texto será projetado no quadro interativo e a professora estagiária, durante a dramatização, deverá ajudar os alunos a lembrar-se dos trechos que devem ler) e o posicionamento das personagens em palco. De seguida, dar-se-á início ao ensaio da dramatização e, mais tarde, à dramatização final cujo registo em suporte de vídeo poderá ser efetuado por uma das professoras cooperantes (25 minutos). No final da atividade, os alunos devem regressar aos seus lugares e elaborar um texto de 3 linhas onde expressem a sua opinião sobre a obra (10 minutos).

No que diz respeito ao bloco de Educação para a Cidadania, este terá início às 14:00h e terminará à 16:15h. Portanto terá uma duração de duas horas e quinze minutos. Nesta aula, serão trabalhados os conceitos dos valores humanos: tolerância, partilha e compreensão. Para tal, a professora estagiária começará por explorar a mensagem do texto trabalhado na aula de português (“A girafa que comia estrelas” de J. E. Agualusa), evocando as noções que cada aluno tem sobre os três valores humanos enunciados. A professora estagiária deverá incitar nos alunos o espírito crítico e a vontade de participar, propiciando assim um ambiente de conversa. Para tal poderá colocar questões como: A Olímpia e a Dona Margarida eram animais da mesma espécie? Gostavam das mesmas coisas? Viviam perto uma da outra? O que é a tolerância para ti? O que partilhavam elas? Será que a Dona Margarida compreendeu Olímpia? Uniram-se e fizeram um plano, ou zangaram-se e foi cada uma para seu lado? Qual pensam que é a mensagem que esta história nos traz? O que é o respeito para ti? Que outras regras de convivência existem? (entre outras). (35 minutos)

Após serem debatidas ideias e tiradas conclusões, os alunos deverão elaborar frases que expressem regras de convivência social. Os alunos trabalharão em grupo, sem, contudo saírem dos seus lugares, uma vez que o seu grupo será constituído pelos colegas da mesma fila de mesas. Assim haverá 6 grupos de trabalho: 2, 4, 4, 4, 3 e 3. Para tal deverão recortar estrelas de cartolina amarela e nuvens de cartolina branca ou azul onde registrarão essas mesmas frases. Estas deverão ser encaçadas com papel autocolante, furadas com um furador e suspensas no teto da sala com a ajuda de pioneses. (85 minutos)

Sobram 15 minutos, entre as 16:15h e as 16:30h que dizem respeito (segundo o horário da turma do 2º A) ao Apoio ao Estudo. Este tempo está destinado para a finalização das tarefas que estiverem pendentes. (15 minutos).

Anexo 21: Fotografias do mobile resultante da atividade de Educação para a cidadania (1º CEB)



Anexo 22: Planificação da aula de Português do dia 11 de março (atividade “O Mar Português de Outras Pessoas”)

Disciplina	Domínios de Referência	Objetivos	Descritores de Desempenho	Estratégias/ Atividades	Recursos	Avaliação
PORTUGUÊS	Oralidade	Interpretar discursos orais breves.	Distinguir a informação implícita da informação explícita. Sistematizar enunciados ouvidos.	Acolhimento; 10' Leitura de um excerto de Ulisses de Maria Alberta Menéres onde as preposições estão sublinhadas. Questionação sobre a importância das palavras sublinhadas. 15'	Humanos: Alunos; Professora estagiária; Professor cooperante; Materiais: Fotocópias do texto.	
	Leitura e Escrita	Utilizar procedimentos para registar e reter a informação. Planificar a escrita de textos. Redigir corretamente.	Tomar notas e registar tópicos. Estabelecer objetivos para o que se pretende escrever; registar ideias, organizá-las e desenvolvê-las; Respeitar as regras de ortografia, de acentuação, de pontuação e os sinais auxiliares de escrita; Construir dispositivos de encaideamento lógico, de retoma e de substituição que assegurem a coesão e a continuidade de sentido; Usar vocabulário específico	Explicação da utilidade das preposições e observação de exemplos; 15' Resolução de exercícios de consolidação e sua correção; 15' Sensibilização para a importância da variação do vocabulário na expressão escrita, como ponte para o	PowerPoint sobre as preposições, com exercícios de consolidação; Fotocópias da ficha de expressão escrita; Caderno diário e material de escrita; Computador com colunas; Projetor.	Modalidade: Formativa Técnica: Método Interrogativo; Resolução de exercícios de aplicação; Expressão escrita Instrumentos: Exercícios de consolidação; Ficha da expressão escrita

<p>do assunto que está a ser tratado, tendo em atenção a riqueza vocabular, campos lexicais e semânticos;</p> <p>Escrever textos narrativos.</p>	<p>exercício que se segue; 5'</p> <p>Redação de um texto narrativo alusivo à obra Ulisses. 30'</p> <p>TPC: escrever 10 vezes no caderno diário as 24 preposições.</p>
<p>Gramática</p> <p>Conhecer classes de palavras;</p>	<p>Integrar as palavras nas classes a que pertencem: preposição (G5)</p>

OPERACIONALIZAÇÃO: Estão reservados 10 minutos do início da aula para o acolhimento. Neste momento os alunos deverão entrar na sala, tomar os seus lugares e preparar-se para trabalhar.

Num momento seguinte, os alunos receberão a fotocópia de um excerto da obra “Ulisses”(anexo 1)de Maria Alberta Menéres – texto que estarão a estudar até ao final o ano – onde encontrarão sublinhadas todas as preposições ali contidas. Deverão proceder a uma leitura silenciosa, após a qual, a professora estagiária selecionará (aleatoriamente) um aluno para o ler em voz alta.

Por fim, os alunos serão questionados sobre a razão pela qual se encontram sublinhadas algumas palavras no texto. Terão de refletir sobre a função que cada palavra desempenha no contexto em que se insere. Para esta fase da aula estão reservados 15 minutos.

Posto isto, os alunos assistirão a uma breve exposição com uma duração máxima de 10 minutos, sobre a utilidade das preposições e a sua aplicação, sendo que esta terá como suporte um documento *PowerPoint* a ser projetado na sala. Após isto, os alunos deverão realizar os exercícios que serão apresentados no mesmo documento, para mais tarde serem corrigidos coletivamente. Nota: Pretende-se que os alunos registem no caderno diário as 24 preposições apresentadas neste *PowerPoint*.

De seguida, para que o momento de viragem entre as atividades não seja potenciador de uma quebra de ritmo ou de alguma desmotivação, a professora estagiária fará um breve discurso para sensibilizar os alunos quanto à importância da utilização correta da língua portuguesa. Assim, introduzirá a atividade seguinte: os alunos receberão fotocópias de um exercício de produção escrita, que terão de realizar durante a aula (anexo 2). Deverão ouvir, ainda as indicações da professora estagiária, no sentido de atingir os objetivos traçados: fazer um rascunho das ideias no caderno diário, organizar as ideias em parágrafos, escrever com correção ortográfica, sintática e semântica, ter em conta a coesão e a coerência textuais, entre outros.

Nota: se sobrar tempo, serão chamados os alunos, pela ordem cronológica da finalização da atividade, a ler as suas redações em voz alta e a turma será convidada a tecer comentários sobre as mesmas; os textos deverão ser entregues com identificação à professora estagiária no final da aula; como trabalho de casa (TPC) os alunos terão de escrever 10 vezes as 24 preposições apresentadas no *PowerPoint*.

Classes de Palavras: As Preposições

As preposições são palavras invariáveis que estabelecem uma relação entre elementos da frase.

Observe os exemplos.

Jantei com a minha melhor amiga.

Comprei uma pulseira de prata.

Fugiu durante a guerra.

Preposições

a
ante
após
até
com
conforme
consoante
contra

de
desde
durante
em
entre
exceto
mediante
para

perante
por
salvo
segundo
sem
sob
sobre
trás

Contrações das preposições:

As preposições a, de, em e por podem aparecer contraídas com o artigo definido e com alguns determinantes e pronomes.
Observe o exemplo.

a + a = à Eu fui à escola.

por + o = pelo Fui pelo caminho mais curto.

a + o = ao O Zé vai ao cinema.

a + aquele = àquele Vai àquele do Arrábida shopping.

de + o = do O casaco do meu avô.

de + ela = dela A prima dela é bonita.

em + o = no A garrafa ficou no carro.

em + esta = nesta Senta-te nesta cadeira.

Avisos

- Per é a forma primitiva da preposição por; é uma forma que, hoje, só se encontra na contração da preposição com o artigo definido: pelo, pela, pelos, pelas.
- Quando a preposição de se encontra junto dos artigos ou pronomes o, a, os, as, ou de quaisquer pronomes ou advérbios começados por vogal, e se trata de uma construção com o verbo no infinitivo, não se funde a preposição com essa palavra imediata, escrevendo em separado.

Exemplos:

A fim de ele compreender.

Em virtude de os nostros pais terem saído...

O facto de a conhecer...

Por causa de aqui estares...

Emprego das preposições

De um modo geral, todas as preposições podem estabelecer muitas e variadas relações.

Relação de lugar

A Rainha foi a Coimbra.
Veio a pé desde a paragem do autocarro até casa.
O Papa Bento XVI esteve no Porto.
Atirou a carta para o cesto dos papéis.
Veio pela autoestrada.

Relação de realce/ reforço

O diabo do homem não se cala.
Ai dos vencidos!
Puxou da arma e apontou ao ladrão..

Emprego das preposições

Relação de tempo

A Ana chegou a horas.
Esperarei por ti até teres idade para casar!
Foi apenas um atraso de dez minutos.
Estou acordada desde a meia-noite.
Naquele tempo não havia computadores.
A chuva prolongou-se por toda a semana.

Relação de instrumento

Cortou o pão com uma faca.

Relação de posse/ pertença

A perna da mesa.

Emprego das preposições

Relação de fim/ finalidade

O diplomata bateu-se por alcançar a paz.
O avião serve para viajar.

Relação de matéria

Era um comboio movido a carvão.
A mesa é de vidro.

Relação de conteúdo

Um saco de farinha.
O professor está com uma grande gripe..

Emprego das preposições

Relação de posição

Todos os convivas estavam à mesa.
A mesa estava entre o armário e a estante.

Relação de direção/
movimento

Dirigiu-se para a porta.

Relação de oposição

O Porto jogou contra o Rio Ave.

Relação de privação/
falta

Estava sem dinheiro na conta.
Era uma moça sem juízo nenhum.

Emprego das preposições

Relação de parentesco

O irmão da Joana chama-se António.

Relação de preço/
valor

O quadro foi vendido por 1076 euros.

Relação de situação/
modo

Falou em voz alta.

O carro deslocava-se a uma velocidade moderada.

Relação de companhia

A Sheila está com os amigos.

Aplique

Tendo em conta as preposições e suas contrações que acabou de conhecer, complete as frases que se seguem, atendendo às relações ideias apresentadas.

1. Ele dirigiu-se _____ casa. (direção/ movimento)
2. Os turistas foram _____ Faro. (afastamento)
3. Eu vivo _____ Gaia. (lugar onde)
4. A jarra está _____ os livros e a televisão. (posição intermédia)
5. O livro encontra-se _____ a mesa. (posição)
6. Escreveu um livro _____ cinco meses. (tempo/ duração)
7. Já leio _____ os meus oito anos. (tempo)
8. Falaram _____ problemas sociais. (assunto)
9. É uma história _____ dragões. / assunto)

Recurso elaborado por:

Professora Maria Leonor de Brito e Faro

11 de março de 2014

Anexo 1

Português

Ano: 6º Turma: C

Nome: _____ Data: ____/____/____

Professora: M^a Leonor de Brito e Faro



Leia atentamente o texto que se segue e reflita sobre a função que cada palavra sublinhada desempenha no contexto em que se insere.

«Ulisses e os companheiros reuniram-se logo no meio da caverna e combinaram o que haviam de fazer. O pedregulho que tapava a entrada era muito pesado e não conseguiram sequer movê-lo um centímetro. Se matassem o gigante, acabariam por ficar ali fechados para sempre. Mas se conseguissem que fosse o próprio gigante a afastar o pedregulho... e como?

Bom, primeiro resolveram retemperar as forças perdidas após tantos sustos e tanta aflição. Acabaram de assar o veado e comeram-no, beberam o leite das ovelhas e das cabras e descansaram um pouco. Depois, pegaram num tronco de árvore fina que ali encontraram e afiaram-no muito bem na ponta. Nas cinzas da fogueira tornaram essa ponta incandescente. E então, todos à uma, apontando a ponta ardente na direção do único olho do gigante adormecido, exclamaram: UM... DOIS... TRÊS! E espetaram o tronco no olho mesmo a meio da testa!

O ciclope acordou aos urros, e mais furioso ficou quando percebeu que estava cego! Dava pulos tão grandes que batia com a cabeça no teto,

batia com a cabeça nas paredes

nas paredes

nas paredes

batia com a cabeça no chão!!!»

Texto truncado. In *Ulisses* de Maria Alberta Menéres. 1989. ASA

Anexo 2

Português

Ano: 6º Turma: C

Nome: _____

Professora: Mª Leonor de Brito e Faro



Data: ____/____/____

Classificação: _____

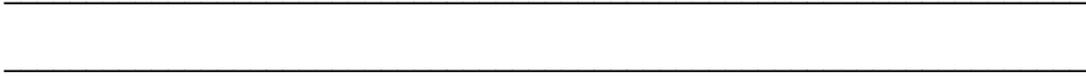
EXPRESSÃO ESCRITA

Imagine que, no seu leito de morte, Ulisses chamaria Penélope e Telémaco para confiar-lhes um segredo: **de entre todas as suas aventuras, havia uma que ninguém no mundo conhecia.**

Assuma a personagem de Ulisses, já cansado e velho e narre esta aventura tendo em conta que deverá:

- **Organizar as ideias de forma a apresentá-las logicamente;**
- **Usar um discurso autobiográfico, ou seja escrever na primeira pessoa e utilizar interjeições e vocativos para dirigir-se aos seus interlocutores;**
- **Utilizar frases declarativas;**
- **Evitar repetições;**
- **Rever a ortografia, a acentuação, a pontuação e a construção frásica;**
- **Conceder ao texto um título apelativo e coerente.**

Nota: comece por organizar as ideias e acontecimentos no caderno diário.



 Bom trabalho!

Anexo 23: Reflexão do dia 27 de março de 2014

27 de Março de 2014

A aula de Português de hoje tinha como objetivo despertar nos alunos o gosto pela poesia. Como tal, quando entraram na sala de aula, as persianas estavam corridas, a luz que havia emanava de pequenas velas brancas acesas e, ao fundo, ouvia-se um piano a tocar. A professora esperou que os seus alunos silenciassem e declamou, então, o Mar Português de Fernando Pessoa em voz alta causando manifestações de surpresa e de entusiasmo. Na verdade, fez-se um silêncio sepulcral e, quando a professora pediu aos alunos que tomassem os seus lugares, ainda à escuras, eles fizeram-no responsabilmente.

Após terem conversado sobre o poema e a música ouvidos, os seus autores e a sua mensagem, acenderam-se então as luzes para que os alunos realizassem a atividade de produção escrita que lhes estava destinada. Após terem sido distribuídas as fotocópias da ficha que deveriam realizar, havia uma sopa de palavras projetada no quadro da sala e o desafio consistia em, utilizando essas palavras – que os alunos não sabiam mas eram da primeira estrofe do Mar Português de Pessoa –, elaborar um poema que viria a figurar num painel de azulejos.

Esse painel começou, então a ser montado com recurso a bostik no quadro da sala, tendo os alunos, ao aproximar-se do quadro, demonstrado interesse em ver exposto o seu trabalho.

Concluiu-se então, que dos poemas resultantes, alguns estavam muito interessantes e outros eram desprovidos de sentido ou tinham erros. Por isso, a professora combinou com o professor cooperante que a aula que se seguisse seria estaria destinada a uma atividade de melhoramento de texto.

Anexo 24: Fotografias do painel de azulejos "O Mar Português de Outras Pessoas"

Ó Mar Salgado . Quanto do teu Sal
são lágrimas de Mães que choraram.
Quantos filhos Mizeram?
Quantas mães ficaram por casar.
Ó Portugal ! Ó Portugal !

O MAR de Portugal
que lágrimas choraram
mães
que ficaram por casar
O Mar ...

Ó Portugal, mães rezaram
ó Mar, Filhos choraram
ó mar, noivos ficaram
por casar
Ó mar, ó sal, ó Portugal
Quantas lágrimas ...

Ó Portugal
O teu Mar Salgado
QUANTAS Mães choraram

Anexo 25: Reflexão do dia 29 de outubro de 2013

29 de Outubro de 2014

Cheguei, hoje, à conclusão de que as atividades que planifico não estão a ser concretizadas na sua totalidade, mas que, pelo contrário, há sempre uma ou outra atividade que tem de receber menos atenção ou até mesmo, de ser suprida da aula.

Na verdade, quando a campainha toca para o recreio ou para o intervalo do almoço, fico angustiada porque não consegui acabar a atividade a tempo e vou ter de acabá-la no horário da tarde. Para mim, esta tem sido uma situação que me tem preocupado, na medida em que, se não consigo concretizar as atividades, o processo de ensino aprendizagem não fica completo, logo, os resultados em matéria de aquisição de conhecimentos dos alunos acabarão por revelar-se menos positivos.

Penso que o meu problema reside na gestão do tempo, por isso, procurarei tomar medidas que me ajudem a controlar esse tempo. Começarei por medidas simples e acessíveis como usar um relógio de pulso e colocar a planificação em suporte de papel em cima da mesa, para me guiar durante a aula.

Do mesmo modo, procurarei ter em conta a opinião da professora cooperante, evitando fazer tantas atividades que integram o método expositivo, já que, com este, sou eu quem expõe os conteúdos e não consigo controlar o tempo que gasto em cada momento de exposição.

Por outro lado, a metodologia ativa tem-se revelado eficaz e entusiasmante nas aulas lecionadas, pelo que é fundamental dar continuidade a semelhante sucesso, procurando motivar mais e mais os alunos para trabalhar e aprender.

15 de Março de 2014

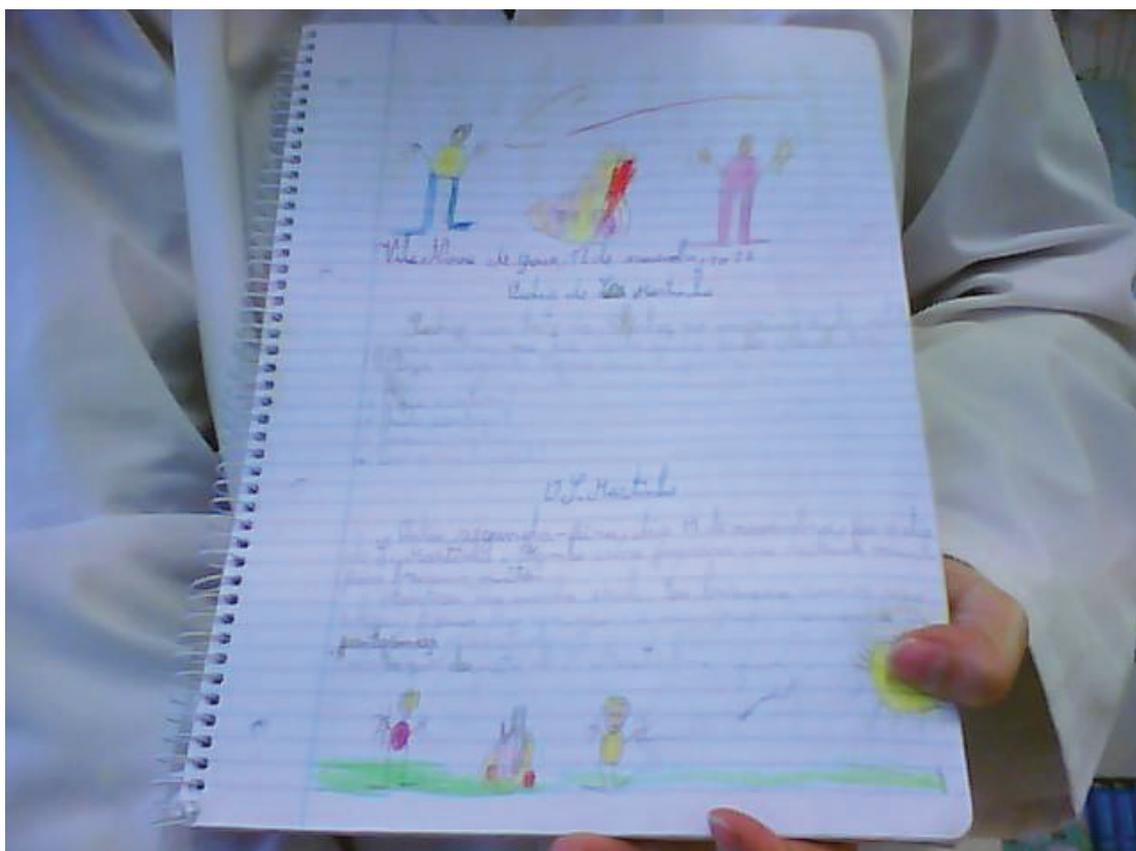
A aula de História e Geografia de Portugal tem-se revelado aliciante, não só para os alunos, mas também para mim. O professor cooperante tem uma postura liberal em relação às atividades que preparo, deixando-me fazer trabalho de grupo, brainstorming, jogos, ver vídeos, etc.

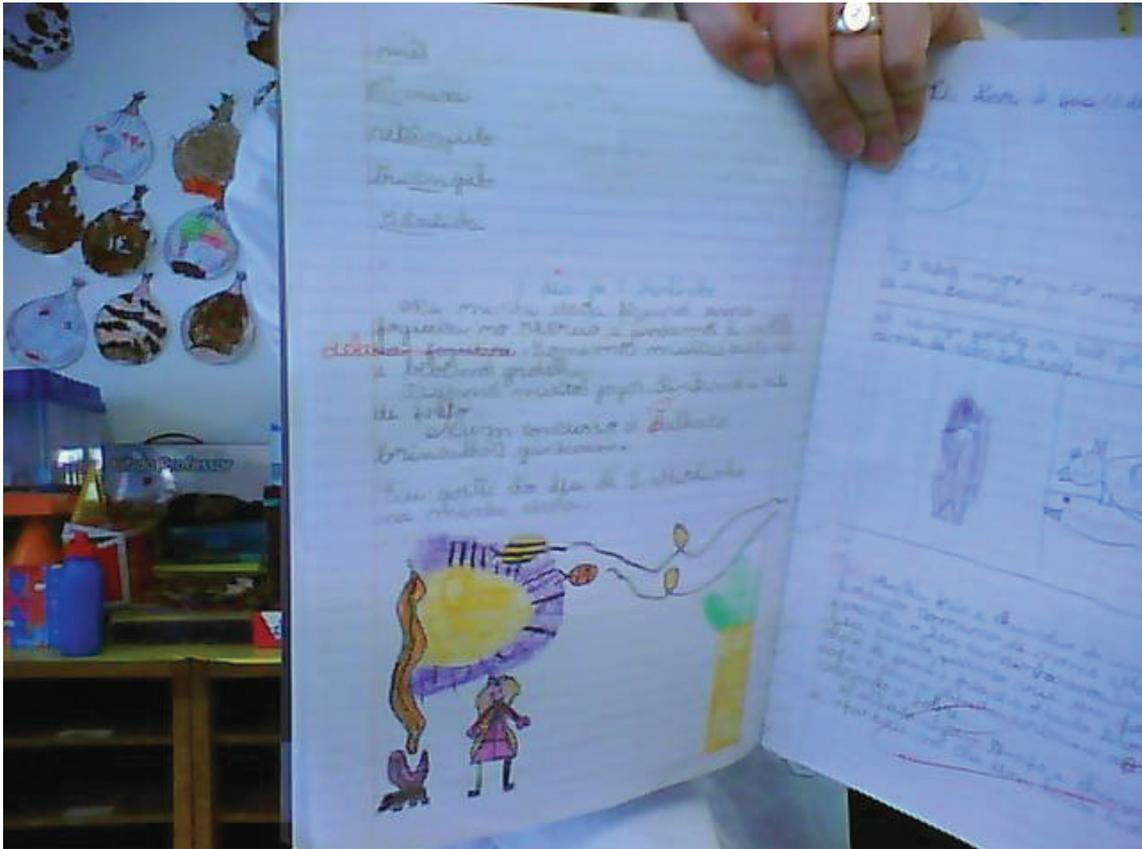
Mas como há sempre um mas, uma vez mais não consegui cumprir as atividades que tinha preparado para a aula de HGP de hoje. Receio que os resultados de aprendizagem dos meus alunos venham a ser afetados devido a esta falha de gestão de tempo.

O professor alertou-me para a quantidade de atividades que preparo e para a gestão do tempo, contudo, revelou-se muito compreensivo e lembrou que o facto de não cumprir todo o plano em 45 minutos não constitui uma falha tão alarmante quanto isso no processo de ensino-aprendizagem, já que pode significar que os alunos participaram ativamente colocando muitas questões, ou que a matéria se revelava mais complexa do que parecia exigindo mais esforço e tempo de explicação do professor.

Com taus ão pude deixar de concordar, uma vez que aquele possui muita mais experiência do que eu, o que torna o seu testemunho numa peça fundamental deste jogo da educação.

Anexo 27: Exemplo de uma composição alusiva às comemorações do S. Martinho





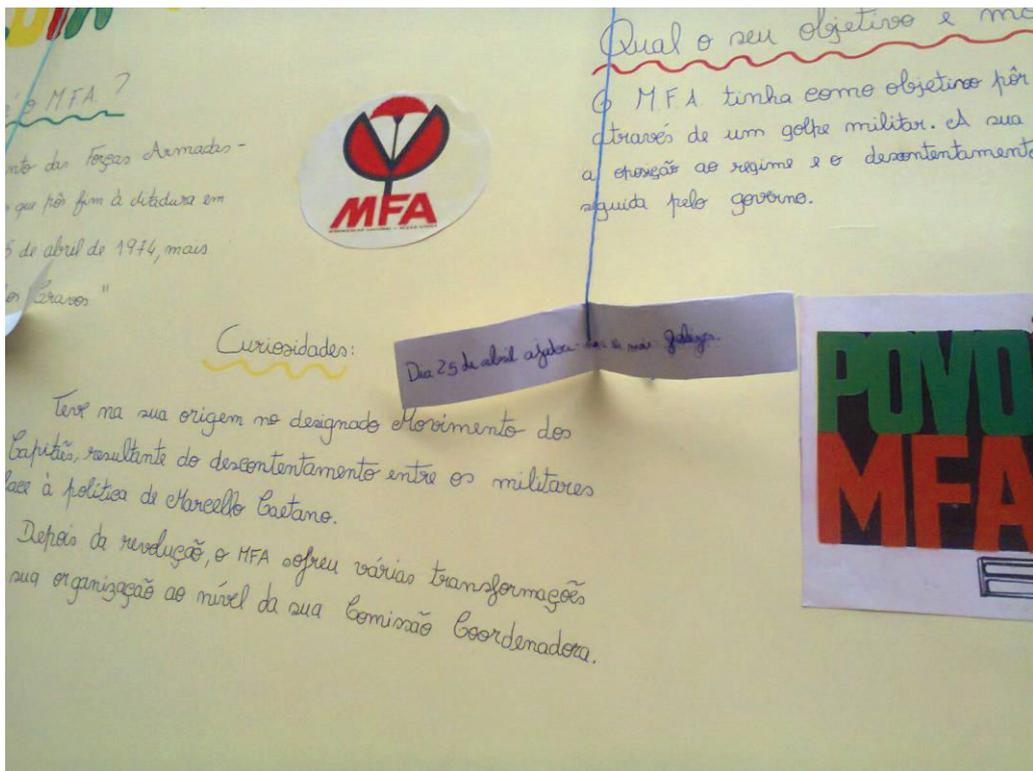
Anexo 28: Fotografias de cartazes alusivos ao S. Martinho, realizados pelos alunos em grupo



Este é o cartaz vencedor e pertence ao grupo dos “Palhaços divertidos” – nome escolhido pelas crianças do próprio grupo.

Anexo 29: Fotografia da exposição dos trabalhos de grupo de HGP





Anexo 30: Grelhas de autoavaliação de trabalho de grupo

Grelha de autoavaliação do grupo

1. Preencho a coluna da Avaliação utilizando as seguintes classificações:

- N – Nunca
- AV – Às Vezes
- QS – Quase Sempre
- S – Sempre

Domínios	Descritores	Avaliação
Comportamento	Dirijo-me ao meu par num tom de voz moderado, que este consiga ouvir, mas que não perturbe o trabalho dos restantes colegas da turma;	
	Oiço sempre a opinião do meu colega, tendo o cuidado de não impor-lhe a minha;	
	Penso em "nós" em vez de pensar em "mim";	
	Procuro obter os melhores resultados para o grupo e não para "mim";	
	Cumpro as regras de sala de aula;	
	Em caso de dúvidas ou de conflitos, coloco o braço no ar e espero que o professor se acerque da nossa mesa de trabalho;	
	Procuro atingir os objetivos que me são propostos;	
	Respeito o colega, a turma e o professor	
Cumprimento das tarefas	Partilho com o meu par a informação e as imagens que recolhi em casa;	
	Selecionamos juntos a informação que queremos colocar no cartaz;	
	Escolhemos um título para o trabalho;	
	Decidimos a disposição da informação e das imagens no cartaz;	
	Dividimos tarefas;	
	Produzimos o cartaz.	

Anexo 31: PowerPoint “As regras do trabalho de grupo”



Devo lembrar-me sempre destes aspetos:

- Dirijo-me ao meu par num tom de voz moderado, que este consiga ouvir, mas que não perturbe o trabalho dos restantes colegas da turma;
- Oíço sempre a opinião do meu colega, tendo o cuidado de não impor-lhe a minha;
- Penso em “nós” em vez de pensar em “mim”;
- Procuo obter os melhores resultados para o grupo e não para “mim”;
- Cumpro as regras de sala de aula;
- Em caso de dúvidas ou de conflitos, coloco o braço no ar e espero que o professor se acerque da nossa mesa de trabalho;
- Procuo atingir os objetivos que me são propostos;
- Respeito o colega, a turma e o professor.

As tarefas que vou cumprir:

- Partilho com o meu par a informação e as imagens que recolhi em casa;
- Seleccionamos juntos a informação que queremos colocar no cartaz;
- Escolhemos um título para o trabalho;
- Decidimos a disposição da informação e das imagens no cartaz;
- Dividimos tarefas;
- Produzimos o cartaz.

Anexo 32: Planificação do projeto “Calendário da Turma”

EB 1
 Supervisor: João Gouveia
 Professora Cooperante:
 Professora Estagiária: M. Leonor B. Faro
 Áreas Curriculares:
 Português; Estudo do Meio; Matemática;
 Educação para a Cidadania.

1.º CEB / Ano: 2.º / Turma: A / N.º de alunos: 20
 Data: 14, 15 e 16 de Outubro de 2013
 Planificação Semanal
 Sumário: O convite. Singular e Plural dos nomes. Os meses do ano. A árvore genealógica. O sinal “x” – escrita e leitura de números. O cidadão – regras de convivência.



FALSA FRASSINETTI



Segunda-feira, 14 de outubro

Área Curricular	Domínios de Referência	Objetivos	Descritores de Desempenho	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Português (das 9:00h às 11:30h)	Leitura e Escrita Gramática (1.º ano consolidação)	Ler textos diversos. Planificar a escrita de um texto. Redigir corretamente. Descobrir regularidades no funcionamento da língua.	Lê pequenos textos narrativos, informativos e descritivos, poemas e banda desenhada. Formula as ideias-chave (sobre um tema dado pelo professor) a incluir wsenum pequeno texto informativo. Respeita as regras de concordância	Treino da leitura; Exploração da forma e conteúdo do convite; Esquematisação de um convite através de ideias-chave na sebenta. Produção de um convite na sebenta e depois registo a limpo na ficha. (90’)	Fotocópias do convite; Ficha de consolidação; Sebenta; Material de escrita; Fotocópias do poema dos meses do ano.	Modalidade: Formativa Técnica: Ficha formativa Ficha de consolidação

<p>entre o sujeito e a forma verbal. Utiliza com coerência os tempos verbais. Cuida da apresentação final do texto.</p> <p>Forma singulares e plurais de nomes e adjetivos que seguem a regra geral (acrescentar -s ao singular, incluindo os que acabam em <i>-m</i> e fazem o plural em <i>-ns</i>)</p>	<p>O singular e o plural. Ficha de consolidação. (45')</p> <p>Os meses do ano: leitura de um poema. (15')</p>
<p>Expressões (das 12:00h às 12:30h)</p> <p>Descoberta e organização progressiva de superfícies – Desenho; Pintura.</p> <p>Exploração de técnicas diversas de expressão – Recorte; Colagem.</p> <p>Aprofundar as capacidades de expressão e representação gráficas.</p> <p>Desenvolver capacidades expressivas através da utilização de diferentes materiais e técnicas.</p>	<p>Explora as possibilidades de técnicas de: (...), lápis de cera (...), utilizando suportes de (...) diferentes cores.</p> <p>Pinta superfícies e, por descoloração desenha.</p> <p>Explicação do projeto: calendário 2013, 2014. (5')</p> <p>Iniciação da construção de um calendário que será exposto na sala de aula e utilizado pela turma. (25')</p> <p>Cartolinas de várias cores. Lápis de cera. Tesoura e cola. Furador. Fitas. Régua.</p> <p>Modalidade: Formativa</p> <p>Técnica: Trabalho individual</p> <p>Instrumentos: Calendário produzido pelos alunos.</p>

Estudo do Meio
(das 14:00h às 16:15)

À descoberta dos outros e das instituições.	O passado próximo familiar. Os membros da sua família. (3º ano)	Reconhece datas e factos (aniversários, festas, ...) – localiza numa linha de tempo datas e factos significativos. Estabelece relações de parentesco (tios, primos, sobrinhos,...): Constrói uma árvore genealógica simples (até à terceira geração – avós)	Exploração da linha de tempo exposta no quadro interativo. Construção de uma linha de tempo onde sejam incorporadas as datas de aniversário de cada aluno, bem como as estações do ano, os 3 períodos escolares e as datas: s. Martinho, Halloween e Natal. (90')	Imagem de uma linha de tempo em suporte digital; Papel de cenário; Régua; Canetas de filtro de bico grosso; Lápis de cor; Cola; Tesoura;	Modalidade: Formativa Técnica: Trabalho individual Instrumentos: Linha de tempo produzida pelos alunos Ficha de consolidação
			Ficha de consolidação sobre a árvore genealógica e as relações de parentesco.	Ficha de consolidação sobre a árvore genealógica.	

Terça-feira, 15 de outubro

Área Curricular	Domínios de Referência	Objetivos	Descritores de Desempenho	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
------------------------	-------------------------------	------------------	----------------------------------	-------------------------------	-----------------	------------------

Português

(das 9:00h às 10:00h)

Leitura e escrita.	Transcrever e escrever textos. Redigir corretamente.	Escreve textos, com no mínimo 50 palavras, parafraseando, informando ou explicando. Respeita as regras de concordância entre o sujeito e a forma verbal. Utiliza com coerência os tempos verbais. Cuida da apresentação final de um texto.	Elaboração de um texto de 5 a 6 linhas que respeite os tópicos: - Estação do ano preferida; - Justificação da preferência assumida; - Coisas que costumam fazer nessa estação. (40')	Cartolinas de várias cores. Lápis de cera. Tesoura. Furador. Fitas. Régua;	Modalidade: Formativa Técnica: Trabalho individual Instrumentos: Texto elaborado pelos alunos Calendário realizado pelos alunos
--------------------	---	---	---	---	--

Matemática

(das 10:00h às 12:30h)

Números e operações - Números Naturais - Sistema de numeração decimal - Multiplicação	Contar até 1000. Descodificar o sistema de numeração decimal. Multiplicar números naturais.	Efêtua contagens de 2 em 2, de 5 em 5, de 10 em 10 e de 100 em 100. Lê e representa qualquer número natural até 1000, identificando o valor posicional dos algarismos que o compõem. Adicionar e subtrair mentalmente 10 e 100 a um número	“Jogo do pensador”: Cálculo mental. (30') O sinal “x”: ficha de consolidação. (60') Escrita e leitura de expressões com o sinal “x”, recorrendo ao MAB e a objetos dos alunos como: canetas, borrachas, sebentas, etc. (30')	Ficha de consolidação sobre o sinal “x”. MAB Material de escrita	Modalidade: Formativa Técnica: Oralidade e trabalho individual Instrumentos: Jogo de cálculo mental Ficha de consolidação
--	---	--	--	--	--

com três algarismos.

Efetua multiplicações adicionando parcelas iguais, envolvendo números naturais até 10, por manipulação de objetos ou recorrendo a desenhos e esquemas.

Utiliza corretamente o símbolo “x” e os termos “fator” e “produto#”.

Educação para a Cidadania
(das 14:00h às 16:00h)

Descritores e empatia.

Participação

Colocar-se “na pele de outrem”, sabendo escutar, compreender e respeitar as perspetivas de outros.

Compreender a necessidade de regras e do seu cumprimento.

Coopera com os outros na prossecução de objetivos comuns.

Participa na construção coletiva de regras, e/ou na sua mudança, orientada por princípios de justiça e equidade.

Leitura silenciosa e em voz alta do poema: “A menina feia” de L. Ducla Soares. (30’)

Conversa sobre o conceito de Cidadão e discussão do significado de palavras como: respeito;

Fotocópias do poema: “A menina feia.”

Material de escrita

Caderno diário

Modalidade: Formativa

Técnica: Trabalho individual e coletivo

Instrumentos: Lista de regras elaborada pelo aluno e registada no caderno diário

Participar no estabelecimento de regras ou na sua mudança.	Respeita os colegas independentemente de diferenças de capacidade, gênero, cultura, religião, língua e outras.	democracia; mentira; decisão; diferença. Discussão sobre a necessidade de regras de convivência. (30')
Participa nas decisões que dizem respeito a si ou aos seus contextos de vida.	Elaboração de uma lista de regras e seu registro no caderno diário. (60')	

Quarta-feira, 16 de outubro

Área Curricular	Domínios de Referência	Objetivos	Descritores de Desempenho	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Português (das 9:00h às 11:30h)	Leitura e Escrita	<p>Ler textos diversos.</p> <p>Redigir corretamente.</p>	<p>Lê pequenos textos narrativos, informativos e descritivos, poemas e banda desenhada.</p> <p>Respeita as regras de concordância entre o sujeito e a forma verbal.</p>	<p>Leitura de um poema sobre os meses do ano.</p> <p>Ponte para a explicação do conceito de ano bissexto e ano comum.</p> <p>Produção de um acróstico individual</p>	<p>Caderno diário de Português</p> <p>Material de escrita</p> <p>Fotocópias com o poema dos meses do ano.</p> <p>Cartolina</p>	<p>Modalidade: Formativa</p> <p>Técnica: Trabalho individual e trabalho coletivo</p> <p>Instrumentos: Leitura em voz alta. Acróstico individual.</p>

	Utiliza com coerência os tempos verbais. Cuida da apresentação final do texto.	com os meses do ano no caderno diário. Partilha do acróstico com a turma. Produção de um acróstico coletivo para colocar no calendário 2013, 2014.	Canetas de filtro Régua	Acróstico coletivo.
Expressões (das 11:30h às 12:30h)	<p>Descoberta e organização progressiva de superfícies – Desenho; Pintura.</p> <p>Exploração de técnicas diversas de expressão – Recorte; Colagem.</p> <p>Aprofundar as capacidades de expressão e representação gráficas.</p> <p>Desenvolver capacidades expressivas através da utilização de diferentes materiais e técnicas.</p>	<p>Explora as possibilidades de técnicas de: (...) lápis de cera (...), utilizando suportes de (...) diferentes cores.</p> <p>Pinta superfícies e, por descoloração desenha.</p>	<p>Cartolinas de várias cores.</p> <p>Lápis de cera.</p> <p>Tesoura e cola.</p> <p>Furador.</p> <p>Fitas.</p> <p>Régua.</p>	<p>Modalidade: Formativa</p> <p>Técnica: Trabalho individual e trabalho coletivo.</p> <p>Instrumentos: Calendário produzido pela turma.</p>

Anexo 33: Resultados do teste de escuta relativo ao vídeo “Ulisses”

20 de Fevereiro de 2014

Aluno	Número de respostas certas em 12 questões de escolha múltipla
RR	8
AC	11
JB	11
G	12
AB	8
N	9
W	7
MP	12
L	10
S	7
J	11
BS	7
LS	10
CD	10
Z	8
J	8
F	9
A	9
M	9

Anexo 34: Planificação da aula de Matemática do dia 18 de Março

EB 2, 3

Supervisor: Ana Luísa Ferreira

Professor Cooperante:

Professora Estagiária: M^a Leonor B. Faro

Disciplina: Matemática

Duração: 90'

2^o CEB / Ano: 6^o / Turma: C

Data: 18 de março de 2014

PLANIFICAÇÃO DE AULA

Sumário: O volume do cilindro.



DISCIPLINA	DOMÍNIO	SUBDOMÍNIO	OBJETIVOS GERAIS	DESCRIPTORES DE DESEMPENHO	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	RECURSOS	AValiação
MATEMÁTICA	Geometria e Medida	Sólidos geométricos	Reconhecer propriedades dos sólidos geométricos;	Identificar sólidos através de representações em perspetiva num plano;	Acolhimento – formação de grupos; 10' Medição do objeto volume do objeto com esferovite e um copo medidor e registo na tabela;	Humanos: Professora estagiária; Alunos; Materiais: <ul style="list-style-type: none"> 5 objetos de forma cilíndrica; 5 copos medidores; Esfervovite; Régua; Máquina de calcular; Fotocópias da tabela de registo; Fórmula de cálculo do volume do cilindro em suporte digital; 	Modalidade: Formativa; Técnica: Trabalho de grupo; Observação indireta; Instrumentos: Tabela de registo preenchida por cada grupo; Ficha de avaliação formativa.
Horário: Terça-feira das 11:45H às 13:15h	Medida	Medir o perímetro e a área de polígonos regulares e de círculos;	Reconhecer, fixada uma unidade de comprimento, que o perímetro de um círculo é igual ao produto de π pelo diâmetro e ao produto do dobro de π pelo raio e exprimir simbolicamente estas relações;	Medição com régua do diâmetro da base do objeto cilíndrico e registo na tabela; Medição com régua da altura do objeto e registo na tabela; Cálculo da área da base do objeto e registo na tabela;	Reconhecer, fixada uma unidade de comprimento, que a área de um		

				<p>círculo é igual (em unidades quadradas) ao produto de π pelo quadrado do raio, aproximando o círculo por polígonos regulares inscritos e o raio pelos respetivos apótemas;</p> <p>Reconhecer, fixada uma unidade de comprimento, que a medida do volume de um cilindro reto (em unidades cúbicas) é igual ao produto da medida da área da base (em unidades quadradas) pela medida da altura, aproximando-o por prismas regulares.</p>	<p>Cálculo do produto da área da base pela altura do objeto e registo na tabela;</p> <p>Análise da tabela e partilha de conclusões;</p> <p>Registo no caderno diário da fórmula de cálculo do volume do cilindro;</p> <p>Exercícios 2 e 3 da página 66 do manual.</p> <p>Ficha de aplicação;</p> <p>TPC: resolução dos problemas da página 67 do manual.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Material de escrita; • Caderno diário; • Manual MS16; • Fotocópias da ficha de aplicação; 	
	<p>Medir volumes de sólidos;</p>						

OPERACIONALIZAÇÃO

Estão reservados 10 minutos para o acolhimento, ou seja, o momento em que os alunos chegarão à sala de aula e serão distribuídos pelas mesas onde, mais tarde, deverão realizar o trabalho de grupo (anexo 1). Também neste momento, ser-lhes-á explicada a tarefa que se sucederá. Em cima das mesas encontrarão uma fotocópia da tabela de registos (anexo 2) para cada um, bem como um copo medidor, um recipiente com esferovite e um objeto cilíndrico.

Num primeiro passo, os alunos deverão encher o objeto com esferovite e depois vertê-lo para o copo medidor, registando a capacidade observada (em cm^3) na coluna da tabela respeitante ao volume.

Exemplo:

Matemática						
Nome: aluno z						
Data: 18 / 03 / 2014						
Ano/ turma: 6°C						
Nº do grupo: 3						
Embalagem	Sólido	Base	Volume (cm^3)	Altura (cm)	Área da base (cm^2)	Área da base x altura (cm^3)
Garrafa de água	Cilindro	Círculo	50 cm^3			

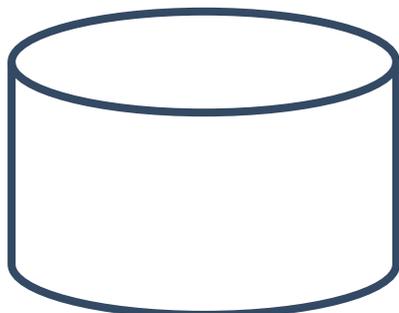
Numa segunda fase, cada grupo deverá proceder à medição do diâmetro da base do objeto, recorrendo à régua, nunca esquecendo que deve registar o valor na tabela de registos acima exemplificada. De seguida, também com a ajuda da régua, deverá fazer a medição da altura do objeto e registá-la, para, por fim, calcular a área da base do objeto, bem como o volume do mesmo, através da multiplicação da área da base pela altura do objeto.

$$\text{Área do círculo} = \pi \times \text{raio}^2$$

$$\text{Volume do cilindro} = \text{Área da base (círculo)} \times \text{altura}$$

Preenchida a tabela de registos, na sua totalidade, os grupos deverão analisá-la e detetar regularidades, ou semelhanças entre o valor registado na coluna do volume e o valor registado na última coluna, experimentando tirar conclusões sobre a sua comparação.

Terminada esta tarefa, será projetada no quadro a fórmula para calcular o volume do cilindro, a qual todos os alunos deverão registar no caderno diário.



$$\text{Área do círculo} = \pi \times \text{raio}^2$$
$$\text{Volume do cilindro} = \text{Área da base (círculo)} \times \text{altura}$$

De seguida, os alunos deverão tomar os seus lugares habituais (no que diz respeito à disposição pela qual costumam sentar-se na sala de aula) e dar início à resolução dos exercícios 2 e 3 da página 66 do manual escolar (anexo3), cuja correção deverá ser feita, mais tarde, no quadro, por um aluno a selecionar aleatoriamente (anexo 4).

Por fim, após tomar nota dos trabalhos que deverão ser realizados em casa, os alunos resolverão uma ficha de consolidação, que servirá para efeitos de avaliação formativa (anexos 5 e 6).

Nota: no caso de as atividades serem cumpridas na sua totalidade antes de a aula terminar, os alunos deverão realizar os exercícios 5 e 6 da página 66 (anexo 7).

ANEXO 1 – Grupos de trabalho

Grupo 1

- **Jéssica Barros;**
- **José Sá;**
- **Marta Gomes;**
- **Letícia Castro;**

Grupo 2

- **Amanda Nogueira;**
- **Gonçalo Afonso;**
- **Ana Beatriz Simões;**
- **Nuno Caldeira Sampaio**

Grupo 3

- **Sheila Santana;**
- **Ricardo Reis;**
- **Mariana Correia;**
- **João Cabral;**

Grupo 4

- **Fátima Sampaio;**
- **Fernando Wang;**
- **Zhu Zhi Yang;**
- **Beatriz Silva;**

Grupo 5

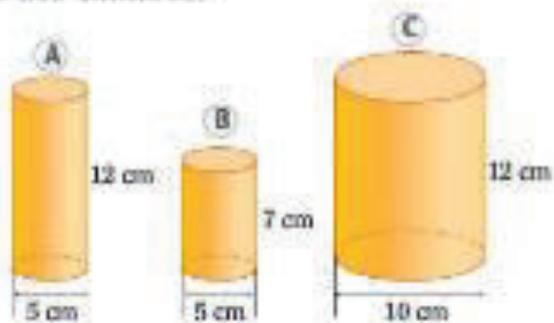
- **Ana Catarina Soares;**

- **Miguel Pinto;**
- **Catarina Duarte;**
- **Leonel Simões;**
- **Catarina Rosas.**

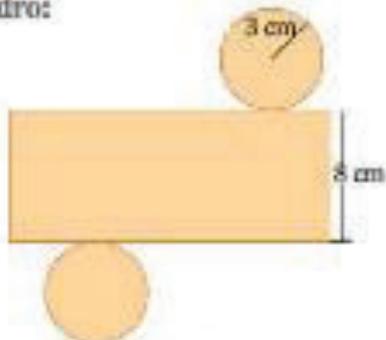
ANEXO 2 – Tabela de registos

Matemática						
Nome: _____						
Data: ___/___/_____						
Ano/ turma: _____						
Nº do grupo: _____						
Embalagem	Sólido	Base	Volume (cm ³)	Altura (cm)	Área da base (cm ²)	Área da base x altura (cm ³)

2 Calcula a medida do volume de cada um dos cilindros.



3 Considera a seguinte planificação de um cilindro:



- 3.1. Qual a altura do cilindro?
- 3.2. Considerando $\pi \approx 3,14$, calcula a área da base.
- 3.3. Qual o volume do cilindro?
- 3.4. Investiga que quantidade de papel seria necessária para fazer a planificação deste cilindro. Explica como pensaste.

ANEXO 4 – Soluções dos exercícios 2 e 3 da página 66

2.

A. $V = 235,5\text{cm}^3$

B. $V = 137,375\text{cm}^3$

C. $V = 942\text{cm}^3$

3.

3.1. O cilindro tem 8 cm de altura.

3.2. $A = 28,26\text{cm}^2$

3.3. $V = 226,08\text{cm}^3$

3.4. o aluno deverá calcular o perímetro da base do cilindro (18,84 cm), para que possa determinar a área o retângulo ($150,72\text{ cm}^2$). Por fim, deve somar as áreas das três figuras ($2 \times 28,26 + 150,72 = 207,24\text{ cm}^2$).

R: Seriam necessários $207,24\text{ cm}^2$ de papel.

ANEXO 5 – Ficha de aplicação

MATEMÁTICA
Ficha de Aplicação
Ano: 6^o Turma: C
Nome: _____



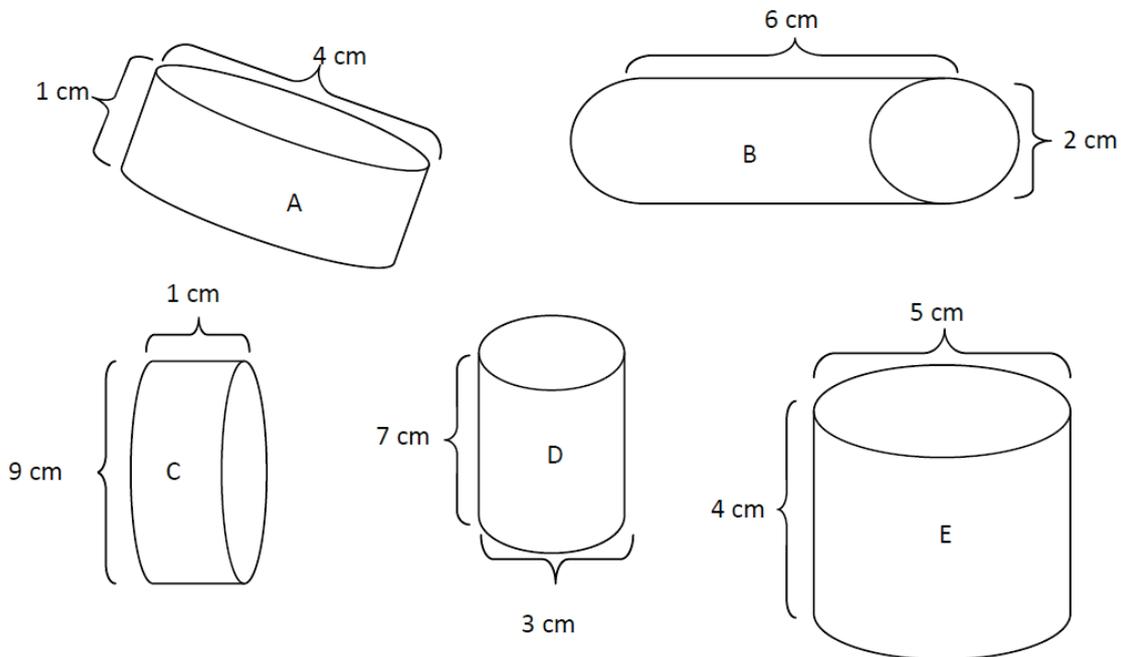
Data: ___/___/___

Professora: M^a Leonor de Brito e Faro

Classificação: _____

1. Qual dos seguintes cilindros tem maior volume?

Considerando para π o valor de **3,14**, apresente todos os cálculos necessários para responder à questão.



R.: _____

ANEXO 6 – Soluções da ficha de aplicação

$$VA = a \times Ab$$

$$Ab = \pi r^2$$

$$\pi = 3,14$$

Volume do cilindro A

$$Ab = 3,14 \times 2^2 \Leftrightarrow Ab = 3,14 \times 4 \Leftrightarrow Ab = 12,56 \text{ cm}^2$$

$$VA = 1 \times 12,56 \Leftrightarrow VA = 12,56 \text{ cm}^3$$

Volume do cilindro B

$$Ab = 3,14 \times 1^2 \Leftrightarrow Ab = 3,14 \times 1 \Leftrightarrow Ab = 3,14 \text{ cm}^2$$

$$VA = 6 \times 3,14 \Leftrightarrow VA = 18,84 \text{ cm}^3$$

Volume do cilindro C

$$Ab = 3,14 \times 4,5^2 \Leftrightarrow Ab = 3,14 \times 20,25 \Leftrightarrow Ab = 63,585 \text{ cm}^2$$

$$VA = 1 \times 63,585 \Leftrightarrow VA = 63,585 \text{ cm}^3 \approx 63,6 \text{ cm}^3$$

Volume do cilindro D

$$Ab = 3,14 \times 1,5^2 \Leftrightarrow Ab = 3,14 \times 2,25 \Leftrightarrow Ab = 7,065 \text{ cm}^2$$

$$VA = 7 \times 7,065 \Leftrightarrow VA = 49,455 \text{ cm}^3 \approx 49,5 \text{ cm}^3$$

Volume do cilindro E

$$Ab = 3,14 \times 2,5^2 \Leftrightarrow Ab = 3,14 \times 6,25 \Leftrightarrow Ab = 19,625 \text{ cm}^2$$

$$VA = 4 \times 19,625 \Leftrightarrow VA = 78,5 \text{ cm}^3$$

R: Aquele que tem o maior volume é o cilindro E, com $78,5 \text{ cm}^3$.

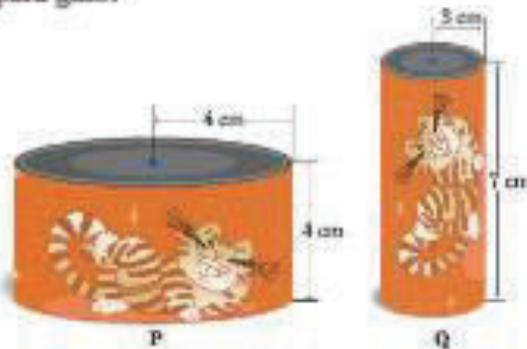
ANEXO 7 – Exercício 5 da página 66

5 A Rute colocou água até 12 cm de altura num copo cilíndrico com 6 cm de raio da base. De seguida, colocou uma concha dentro deste copo, o que provocou uma subida de 0,5 cm na altura do nível da água.

5.1. Qual o volume da água?

5.2. Qual o volume da concha?

6 Qual das latas contém mais comida para gato?



Soluções

5.

5.1. O copo tem $1356,48 \text{ cm}^3$ de água.

5.2. A concha tem $56,52 \text{ cm}^3$ de volume.

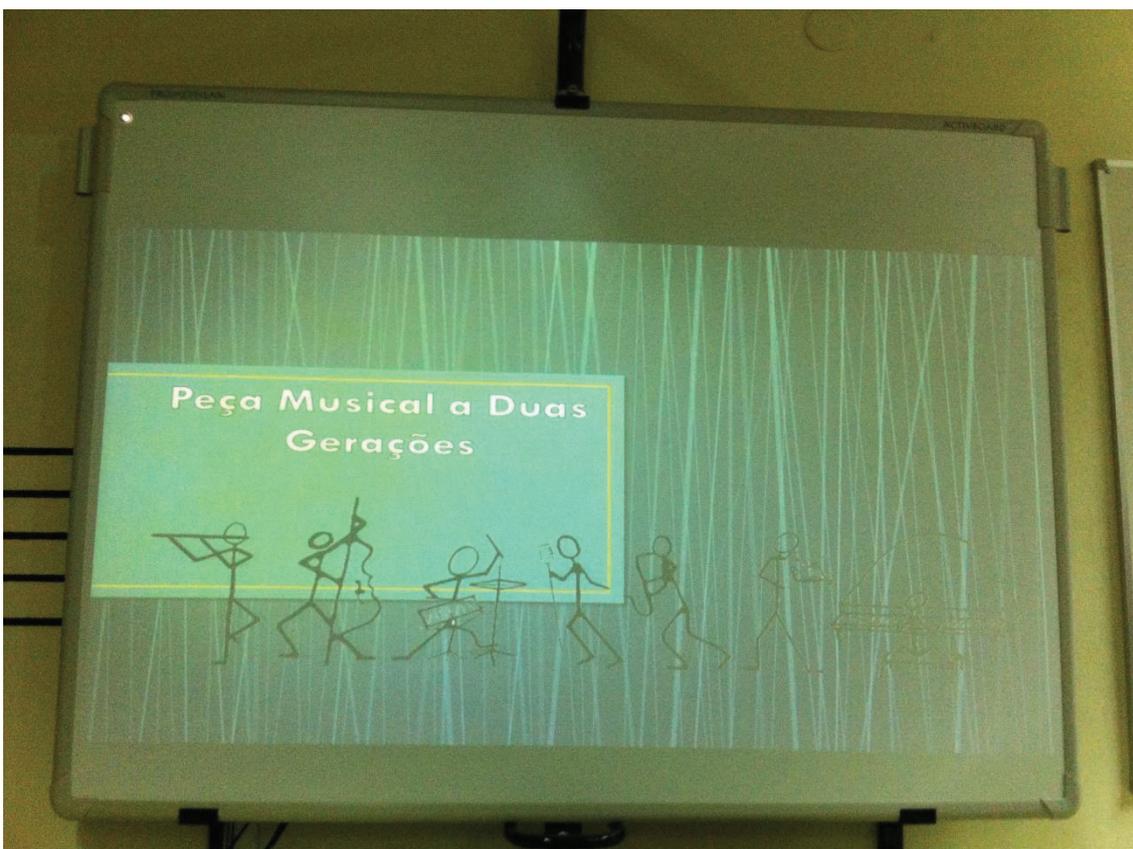
6. Aquela que contém mais comida para gato é a lata P.

Anexo 35: Fotografias da atividade de medição do volume do cilindro





Anexo 36: Fotografias do “Café com pais” e da “Maratona das Ciências”



Café com pais: “Peça musical a duas gerações”



Anexo 37: Fotografias da atividade “Caixa Surpresa”





Anexo 38: Ficha de aplicação sobre o “Aparelho Reprodutor Masculino”

Ciências da Natureza

Ficha de consolidação – o sistema reprodutor masculino



GOVERNO DE PORTUGAL

AGRUPAMENTO DE



Ano: 6º Turma: C

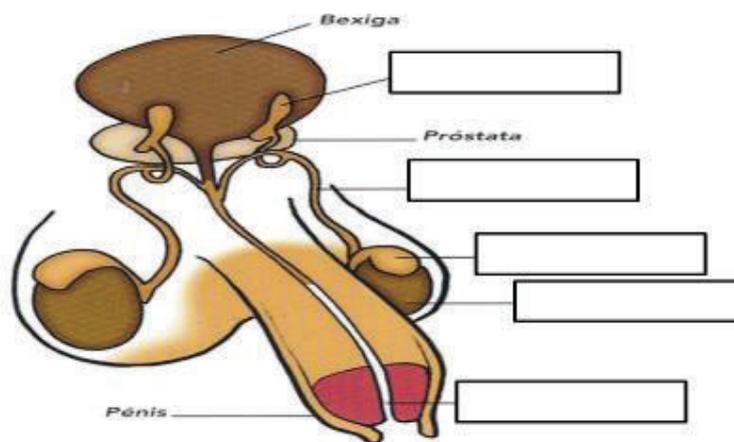
Nome: _____ Data: ____/____/____

Professora: M^a Leonor de Brito e Faro

Classificação: _____

1. Complete a legenda da imagem, preenchendo os espaços em branco com as palavras da caixa que segue.

Vesícula seminal	Epidídimo	Canais deferentes
Uretra	Testículos	



2. Estabeleça a ligação entre os órgãos e as suas funções.

Próstata	•	• Tubos musculosos que conduzem os espermatozóides dos testículos até às vesículas seminais.
Pênis	•	• Canal por onde é projetado o esperma quando acontece a ejaculação.
Vesícula seminal	•	• Órgão que endurece durante a ereção (excitação sexual) e que tem como função permitir o ato sexual.
Canais deferentes	•	• Glândulas que servem para produzir os espermatozóides. São revestidas por uma bolsa externa chamada escroto.
Testículos	•	• Tubo que envolve os testículos; onde os espermatozóides finalizam a sua maturação.
Epidídimo	•	• Glândula que produz o líquido prostático – necessário à sobrevivência dos espermatozóides. Está ligada à uretra.
Próstata	•	• Glândulas em forma de saco que segregam um líquido viscoso, amarelado e alcalino que nutre os espermatozóides.

 Bom trabalho!

Anexo 39: Teste de HGP e grelha de resultados

	ESCOLA BÁSICA DE SANTA MARINHA <i>Teste de História - 6º Ano</i>
---	--

Nome: _____	Nº _____	Turma: _____	Data: ____/____/____
Avaliação: _____		Professora: _____	
Encarregado de Educação: _____			



1. Observa a imagem e responde às questões que se seguem.

1.1. Qual o acontecimento que permitiu a queda do Estado Novo em 1974?

1.2. Identifica o movimento responsável pela organização desse acontecimento.

1.3. Apresenta os dois principais objetivos desse movimento.

1.4. Completa o texto seguinte, preenchendo os espaços em branco com as palavras ou expressões que se seguem.

Liberdade | 25 de Abril de 1974 | Guerra Colonial | Salgueiro Maia | Ditadura | MFA
Marcelo Caetano | Estado Novo

O descontentamento dos Portugueses para com a ditadura do _____ era cada vez maior: a _____ mantinha-se, matando muitos militares, não havia _____ e os preços dos produtos aumentavam.

Em _____, um grupo de militares, o _____, revoltou-se e pôs fim à _____. Destacou-se _____ que ocupou a Praça do Comércio e o Largo do Carmo, em Lisboa. _____ encontrava-se no quartel da GNR, localizado nesse largo.

2. Assinala com uma X as opções que representam as primeiras medidas tomadas pelo MFA após a queda do Estado Novo.

_____ A destituição do presidente da República e do Governos.

_____ A demissão de Marcelo Caetano do Governo.

_____ A construção de escolas e de uma autoestrada que ligaria o país de norte a sul.

_____ A dissolução da Assembleia Nacional.

_____ A extinção imediata da Direção Geral de Segurança (antiga PIDE).

_____ A construção de hospitais e atribuição de seguros de saúde a toda a população portuguesa.

_____ A abolição da censura.

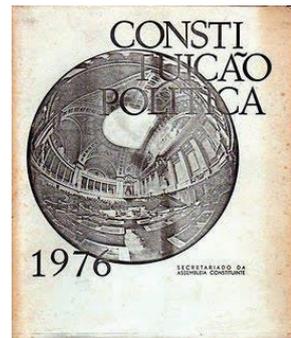
_____ A construção de monumentos em homenagem aos capitães de abril.

_____ A libertação de todos os presos políticos.

_____ O início das negociações que procuravam pôr fim à guerra colonial.

3. A Constituição de 1976 restabeleceu a democracia e alargou o direito de voto na República portuguesa.

Selecione a opção correta.



3.1. Democracia ...

a) ... é um tipo de governo em que os cidadãos têm liberdade de escolher os seus governantes.

b) ... é um tipo de governo em que o monarca concentra em si todos os poderes.

c) ... é um tipo de governo em que os cidadãos não podem escolher os seus governantes.

d) ... é um tipo de governo em que não há distribuição dos poderes.

3.2. O direito de voto foi alargado ...

- a) ... a mulheres e crianças com mais de 12 anos.
- b) ... a cidadãos recenseados, com mais de 18 anos incluindo todas as mulheres.
- c) ... aos idosos e às crianças.
- d) Nenhuma das respostas anteriores.

4. Observa e preenche devidamente o esquema que se segue.



5. Estabelece ligação entre os termos da coluna I e os conceitos da coluna II.

Coluna I
Geografia
Demografia

	Coluna II
	Conjunto de indivíduos que comunicam entre si e têm regras de convivência.
	Uma ciência social e humana que estuda a sociedade no espaço.
	Área da geografia que estuda a evolução da população.
Sociedade	

6. Quais são os quatro elementos fundamentais de um mapa?

_____	_____
_____	_____

7. Distingue sociedade rural de sociedade urbana.

Bom trabalho!

Aluno	Esquema 1	Texto 2	Questão 3						Nota Final
	1.1. (25 p.)	2. (34.5 p.)	3.1. (9 p.)	3.2. (5 p.)	3.3. (8.5 p.)	3.4. (9 p.)	3.5. (9 p.)		
A	25	34.5	9	5	8.5	6	6	94%	
AB	0	9	3	0	8.5	6	6	35.5%	
AC	25	28.5	9	4	8.5	6	6	87%	
B	25	33	9	4	7.5	6	6	90.5%	
CD	25	33	9	4	7.5	6	6	90.5%	
F	25	28.5	9	5	8.5	6	6	88%	
F	25	30	9	5	8.5	6	6	89.5%	
G	15	31.5	2	1	7.5	3	6	66%	
J	25	31.5	8	4	7.5	5	6	87%	
JM	25	30	8	4	7.5	6	6	86%	
J	25	31.5	9	5	8.5	5	6	90%	
L	25	31.5	8	4	7.5	5	6	87%	
L	25	31.5	8	4	7.5	6	6	88%	
M	25	31.5	8	4	7.5	6	6	88%	
M	25	34.5	9	5	7.5	6	6	93%	
M	15	31.5	2	4	7.5	3	6	69%	
N	5	1.5	3	0	0	6	6	21.5%	
R	25	31.5	8	4	7.5	6	6	83%	
S	25	28.5	8	4	7.5	6	6	85%	
Z	25	12	8	4	7.5	0	0	56.5%	

Grelha de correção do teste de HGP de abril

Anexo 40: Reflexão sobre as expectativas para o estágio no contexto do 1º CEB

18 de Fevereiro

O ano letivo que está a começar representa para mim, para já, uma profunda incógnita, uma vez que me sinto como se nunca tivesse realizado uma licenciatura em educação básica e um semestre já no mestrado a decorrer. Isto é, sinto-me insegura, incapaz. Sinto-me como se não devesse jamais ter escolhido este rumo para a minha vida profissional. Sinto que não sei o suficiente para me dedicar à prática docente nem, tampouco, o suficiente conhecimento científico para transmitir a uma turma de vinte alunos do 2º ano. Tenho muito receio de não corresponder àquilo que é esperado de mim pelos outros, e medo de desiludir-me a mim mesma, de traír a minha autoconfiança.

Pela primeira vez fui colocada num centro de estágio situado a sul do centro do Porto, quando a minha área de residência se encontra a norte da cidade. Sinto-me deslocada de casa e do meu quotidiano. Sinto-me como se tudo fosse novo para mim.

No entanto, sei que posso contar com o apoio da minha família, dos meus colegas e da equipa docente da ESE de Paula Frassinetti. Sei que esta ansiedade se diluirá um pouco com o passar do tempo e que não tarda reencontrarei a minha serenidade. Acredito que vou viver momentos e sensações que enriquecerão o meu conhecimento e a minha história de vida.

Quando nesta manhã me dirigi à instituição onde desenvolverei a minha atividade de professora estagiária, descobri uma escola pequena e acolhedora, com uma certa mistura do cheiro de livros antigos com o cheiro de árvores plantadas à beira mar. Toda esta simpática conjuntura trouxe-me reminiscências do meu primeiro dia de aulas na minha escola nova no 2º ano, já que durante o verão tínhamos mudado de casa de Moreira da Maia para Leça da Palmeira. A mesma manhã solarenga e fresca e a mesma sensação de novidade fizeram-me sentir simultaneamente feliz, entusiasmada e tímida. Foi maravilhoso senti-lo de novo.

Desejo que seja isto um presságio de um ano de trabalho tão pleno de aprendizagens quanto foi para mim naquele tempo.

Anexo 41: Reflexão sobre as expectativas para o estágio no contexto do 2º CEB

5 de Fevereiro de 2014

Perante os resultados obtidos após a realização do estágio no 1º CEB, embora tenham sido bastante positivos, o cansaço psicológico e a pressão constante que a vontade de fazer um bom trabalho acarreta, sinto-me pouco confiante para realizar esta segunda parte da Prática de Ensino Supervisionada.

Não quero deitar tudo a perder. Não pretendo desistir. Mas adoraria abrandar um pouco o ritmo de trabalho. Contudo, sei que não é uma hipótese a considerar. Derivada disto, surge-me a necessidade de rever a minha gestão de tempo, no sentido de tirar o máximo de proveito daquele que dedico à preparação de actividades, à idealização de estratégias, à produção de materiais, etc.

Pretendo implicar-me intensamente na comunidade educativa, mobilizar estratégias que a incluam. Pretendo ouvir os testemunhos silenciosos de cada aluno, para conhecê-lo melhor e preparar uma diferenciação pedagógica eficaz. Pretendo proporcionar-lhes aprendizagens significativas, integradas, socializadoras, diversificadas e interdisciplinares. Pretendo conquistar o seu respeito sem recorrer ao autoritarismo de que, muitas vezes me fiz valer durante o primeiro estágio.

Se antes me sentia perdida e pensava que jamais descobriria um conjunto suficiente de razões para exercer a profissão de professora, agora sei que quero fazê-lo. Já me encontrei e aos meus motivos. Já me conheço mais e tenho vontade de ver sempre o “ser professora” como um estilo de vida e não como um mero “ganha-pão”. Quero ser motivada e feliz no meu trabalho.

Quero promover a autonomia, o sentido crítico, o espírito de equipa e de solidariedade, a atitude cívica e sustentável nos meus alunos. Quero ajudá-los, tal como me ajudaram a mim, a encontrar-se e conhecer-se a si mesmos.